

**Pontifícia Universidade Católica**  
**do Rio de Janeiro**



**Antonio Lucio Avellar Santos**

**A TORTURA QUE DESTROI A VIDA, MAS E A FÉ? FREI  
TITO: VÍTIMA DA DITADURA CIVIL MILITAR BRASILEIRA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em Teologia da PUC-Rio.

**Prof. Pe. Dr. Luís Corrêa Lima, SJ**  
Orientador  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 24 de fevereiro

**Pontifícia Universidade Católica**  
**do Rio de Janeiro**



PUC  
RIO

Antonio Lucio Avellar Santos

**A TORTURA QUE DESTROI A VIDA, MAS E A FÉ? FREI TITO: VÍTIMA  
DA DITADURA CIVIL MILITAR BRASILEIRA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Luís Corrêa Lima**

Orientador

PUC-Rio

**Paulo Fernando Carneiro de Andrade**

PUC-Rio

**Clemir Fernandes Silva**

Instituto de Estudos da Religião

Rio de Janeiro, 27 de março de 2025.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

### **Antonio Lucio Avellar Santos**

Possui Pós-Graduação em Política Social pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), em 2017. Possui Pós-Graduação em Ciências da Religião pela Faculdade Teológica Evangélica do Estado do Rio de Janeiro (FATERJ), em 2012. Possui graduação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP - 2009). Possui graduação pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB - 2006).

### Ficha Catalográfica

Santos, Antonio Lucio Avellar

A tortura que destroi a vida, mas e a fé? Frei Tito : vítima da ditadura civil militar brasileira / Antonio Lucio Avellar Santos ; orientador: Luís Corrêa Lima. – 2025.

122 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2025.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Existencialismo. 3. Ditadura brasileira. 4. Tortura. 5. Suicídio. 6. Frei Tito de Alencar Lima. I. Lima, Luís Corrêa. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para os meus pais, Edson Miguel Santos  
e Vera Lúcia Avellar Santos (*in  
memoriam*).

Obrigado pela criação, pelo sustento, pela  
paciência, por todo o amor que dedicaram  
a mim.

## Agradecimentos

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001”

À minha esposa, Darléia dos Santos Carneiro e à minha filha, Sofia Carneiro Avellar, pelo apoio e paciência nas minhas ausências ao longo desta Pós-Graduação. Amo vocês!

Ao meu irmão, Yran Avellar Santos, à minha cunhada Luciene Avellar e ao meu sobrinho Yuri Avellar, pelo acolhimento no Rio de Janeiro enquanto eu cursava as aulas desta Pós-Graduação. Amo vocês!

Ao querido e saudoso tio, jornalista e crítico de cinema, José Carlos Avellar (*in memoriam*), por unir o lúdico à leitura logo em meus primeiros anos de vida. Brinquedos e livros foram presentes frequentes. Com todo brinquedo vinha um livro. À sua esposa, Cláudia Duarte, tia presente ainda hoje em minha vida.

Ao meu amigo, escritor e pastor Dr. Marcio Simão de Vasconcellos, pelas trocas de ideias, pelas dicas, pelos livros apresentados e sempre pelo bom papo teológico.

Às minhas amigas de Teresópolis-RJ, Deniziara e Rosana, pelo fomento das passagens de ônibus da cidade de Petrópolis-RJ para PUC-Rio e, em outros momentos partindo da própria cidade de Teresópolis-RJ para PUC-RJ.

Aos queridos alunos (as) do Seminário Maior IET em Teresópolis-RJ, pelo apoio durante a pesquisa e por me permitir compartilhar alguns saberes teológicos.

Aos meus queridos professores do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB), no Polo Petrópolis-RJ. Em particular ao professor, amigo e pastor, Alessandro Rodrigues Rocha (*in memoriam*), por todas as disciplinas que tive o prazer de tê-lo como docente, obrigado por me apresentar a TdL (Teologia da Libertação) você faz muita falta, querido amigo. Ao querido professor Clemir Fernandes, por me apresentar as reflexões sociológicas em torno do suicídio e seus principais pensadores.

Aos professores (as) do Departamento de Teologia da PUC-RJ, aos quais tive o prazer de conviver e absorver um pouco do enorme conhecimento de vocês.

A equipe e as secretárias do Departamento de Teologia da PUC-RJ, pelos serviços acadêmicos prestados, Mariana e Perla.

Por fim, ao meu professor e orientador, Pe. Dr. Luís Corrêa, SJ, pelas excelentes aulas, pelos encontros de orientação, pela paciência e dedicação, sempre me indicando livros, vídeos, matérias de jornais, enfim tudo o que estivesse relacionado ao tema da pesquisa. Muito obrigado, professor. O senhor é um exemplo de docência.

## Resumo

Avellar, Lucio. **A tortura que destrói a vida, mas e a fé? Frei Tito: vítima da ditadura civil militar brasileira.** Rio de Janeiro, 2025. 124 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Tratar de uma temática tão delicada como as doenças psicológicas, para muitos, “doenças da alma”, não é uma tarefa fácil, principalmente quando se abordam as causas do desespero humano que pode levar o ser humano ao suicídio, desespero existencial que toca profundamente também os fiéis de Jesus de Nazaré. A tarefa se torna certamente mais delicada quando os afetados tragicamente pelo suicídio são sujeitos religiosos, homens e mulheres de fé. Assim ocorreu com Frei Tito de Alencar Lima, cearense que conhecia bem a sofrida existência dos pobres brasileiros e que via no Reino de Deus e em sua Igreja Católica Apostólica Romana, que tanto amava a resposta para a transformação da sociedade brasileira. Via na Teologia da Libertação a chave para transformação da sociedade brasileira, para que os milhões de pobres no Brasil pudessem ter ao menos um pequeno gosto da doçura daquilo que Jesus de Nazaré trouxe ao mundo, justiça em toda sua práxis de vida. Mas no meio do caminho dos sonhos de Tito havia a ditadura e seus representantes na OBAN (Operação bandeirantes), a “sucursal do inferno”, para onde Tito foi levado arbitrariamente e torturado por horas e em dias seguidos. Lá provou a “hóstia” consagrada no seu próprio sangue, na covardia, na violência, nas sessões de tortura oferecidas pelas equipes dos capitães do Exército: Maurício, Homero e Albernaz. A existência de Tito neste mundo foi moída na carne e na mente por seus torturadores. Esta pesquisa rememora como muitas outras já o fizeram, a vida e a morte trágica de Tito de Alencar Lima em tempos de repressão. Tito foi levado ao suicídio por seus torturadores, que posteriormente, assim como fantasmas atormentavam continuamente sua existência após ser liberto para o exílio no exterior ao longo dos primeiros anos da década de 1970, até sua morte em 10 de agosto de 1974. Nos calabouços da OBAN (Operação Bandeirantes), comandada pelo Exército brasileiro, ao longo da tortura nenhuma palavra pronunciou aos seus algozes, agiu como Jesus prestes a ser torturado, se fazendo como “ovelha muda”. Sua memória resiste, vive na história, para que nunca mais se repitam os anos de chumbo no Brasil.

**Palavras-chave:** Existencialismo; ditadura brasileira; tortura; suicídio; Frei Tito de Alencar Lima.

## ABSTRACT

AVELLAR, Lúcio. **The torture that defeats life, but what about faith? Frei Tito: victim of the Brazilian civil military dictatorship.** Rio de Janeiro, 2025. 122p. Master's Thesis – Department of Theology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

Dealing with a subject as delicate as psychological illnesses, which many consider “diseases of the soul,” is not an easy task, especially when dealing with the causes of human despair that can lead people to commit suicide, an existential despair that also deeply touches the faithful of Jesus of Nazareth. The task certainly becomes more delicate when those tragically affected by suicide are religious individuals, men and women of faith. This was the case with Friar Tito de Alencar Lima, a man from Ceará who knew well the suffering of the Brazilian poor and who saw in the Kingdom of God and in his beloved Roman Catholic Church the answer to transforming Brazilian society. He saw in Liberation Theology the key to transforming Brazilian society, so that the millions of poor in Brazil could have at least a small taste of the sweetness of what Jesus of Nazareth brought to the world: justice in all his life practices. But standing in the way of Tito's dreams was the dictatorship and its representatives in OBAN (Operation Bandeirantes), the “branch of hell”, where Tito was arbitrarily taken and tortured for hours and days on end. There he tasted the “host” consecrated in his own blood, in cowardice, in violence, in torture sessions offered by the teams of Army captains: Maurício, Homero and Albernaz. Tito's existence in this world was ground down in his flesh and mind by his torturers. This research recalls, as many others have done, the life and tragic death of Tito de Alencar Lima in times of repression. Tito was driven to suicide by his torturers, who, like ghosts, continually tormented his existence after he was released into exile abroad throughout the early 1970s, until his death on August 10, 1974. In the dungeons of OBAN (Operação Bandeirantes), commanded by the Brazilian Army, throughout the torture he did not say a word to his tormentors, he acted like Jesus about to be tortured, acting like a “mute sheep”. His memory endures, lives on in history, so that the years of lead in Brazil will never be repeated.

### Keywords:

Existentialism; ; Brazilian dictatorship; torture; suicide; Frei Tito de Alencar Lima.



## Sumário

|                                                                                                                                        |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1 Introdução .....                                                                                                                     | 10  |
| 2 Importantes considerações a respeito da existência humana e a religião .....                                                         | 15  |
| 2.1 A existência humana segundo a filosofia existencialista e sua relação com a sociologia da religião .....                           | 15  |
| 2.2 Soren Aabye Kierkegaard: um cristão atormentado pela própria existência. 28                                                        |     |
| 2.3 O salto da fé kierkegaardiano como esperança ao humano em desespero . 37                                                           |     |
| 3 Considerações a respeito do suicídio: Por que deixar de ser?.....                                                                    | 48  |
| 3.1 A importância da sociologia de Émile Durkheim para os estudos sobre o suicídio: a divisão do trabalho social .....                 | 48  |
| 3.2 Durkheim e sua pesquisa sobre a morte voluntária .....                                                                             | 53  |
| 3.2.1 O suicídio egoísta .....                                                                                                         | 54  |
| 3.2.2 O suicídio altruísta .....                                                                                                       | 56  |
| 3.2.3 O suicídio anômico .....                                                                                                         | 57  |
| 3.2.4 O ethos religioso do judaísmo, do catolicismo e do protestantismo e sua relação com o suicídio .....                             | 59  |
| 3.3 A historiografia de Georges Minois: reflexões sobre o suicídio .....                                                               | 64  |
| 4 Frei Tito de Alencar Lima: uma existência destruída pela Ditadura Civil Militar Brasileira em seus anos de terror .....              | 74  |
| 4.1 O golpe civil militar brasileiro nos anos de terror: a promulgação do Ato Institucional n°5 de 1968 .....                          | 74  |
| 4.2 A Teologia da Libertação apresentada em seus traços históricos: “a opção pelos pobres” .....                                       | 86  |
| 4.3 O 30º Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes) em Ibiúna – SP: o início da <i>Via Crucis</i> de Tito de Alencar Lima ..... | 100 |
| 5 Conclusão.....                                                                                                                       | 116 |
| 6 Referências Bibliográficas .....                                                                                                     | 121 |

## 1. Introdução

Tratar dos temas que envolvem a saúde emocional dos sujeitos histórico sociais é uma tarefa hercúlea e delicada. Mais ainda quando esses sujeitos se revelam homens e mulheres de fé, o que nesta pesquisa se concentra em duas existências que, embora separadas por pouco mais de 100 anos, dividiam algumas questões em comum.

O dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard (1813-1855), embora fosse uma das mentes mais brilhantes do seu tempo no campo da filosofia e da teologia, foi um quase pastor protestante, portanto homem de fé, mas que não escapou das angústias e desesperos que afligiam à sua existência ao longo de sua história de vida.

Tito de Alencar Lima (1945-1974) foi um Frei Dominicano (Ordem dos Pregadores), que estava em pleno processo de formação, trabalhando na Ordem dos Pregadores exercendo a função de diácono, estudando teologia e filosofia, desejava servir aos pobres como sacerdote Dominicano, contudo sonho de sacerdócio cristão interrompido pelas mãos dos seus algozes da ditadura civil militar brasileira.

Houve inúmeras experiências negativas ao longo da vida de Kierkegaard, afetando significativamente sua existência, tornando-a um estorvo. Seu relacionamento conturbando com a figura paterna, a perda precoce da mãe, a morte em um curto espaço de tempo de alguns dos seus irmãos e irmãs. Isto tudo somado a crise gerada nele pela revelação impactante do seu pai, que quando jovem amaldiçoou a Deus motivado pela penúria que vivia com os avós de Kierkegaard.

Além dos dramas comuns da vida, o jovem Kierkegaard viu a si mesmo como alvo da ira de Deus em função da loucura cometida por seu pai. Deus, aquele que tudo vê, não iria deixar que o jovem Kierkegaard escapasse de sua ira, embora nele não houvesse culpa pelos atos do seu pai.

Tito foi vítima dos “fantasmas” que foram postos em sua mente, gerados na “sucursal do inferno”, as dependências da OBAN (Operação Bandeirantes), onde ele por horas foi torturado num espaço temporal de dez dias quando foi levado arbitrariamente do Presídio Tiradentes, pelo capitão do Exército Maurício, este que no caminho já o avisara que iria conhecer a “sucursal do inferno”.

É conhecida a expressão que se popularizou na sociedade brasileira há anos e até mesmo em algumas igrejas cristãs, de que é preciso “eliminar seus próprios

demônios”. Tito era um jovem feliz e cheio de esperanças, acreditando na Teologia da Libertação (TdL), como método teológico para libertar os pobres do Brasil e fazê-los experimentar um pouco do doce sabor do Reino de Deus no mundo, à maneira como ensinou o mais perfeito dos mestres em sua práxis na Palestina do seu tempo, Jesus de Nazaré. O humano em geral possui vários “fantasmas” ao longo de sua vida, Tito teve que enfrentar estes e muitos outros que lhe foram inseridos em sua mente na “sucursal do inferno”.

Ele e Soren Kierkegaard ganham destaque nesta pesquisa como símbolos de resistência cristã, Soren pela fé no Deus cristão, que o mantinha firme nos momentos de desespero humano, constantes em sua vida, a filosofia e a teologia serviram como *leitmotiv* para que pudesse colocar em prática a fé que tinha no Deus salvador, não só das almas, mas da própria existência atormentada, repleta de desespero, ansiedade e depressão, é pelo “salto da fé”, diria Kierkegaard que o humano adquire alívio existencial.

Tito é mártir da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil em seus tempos de repressão, as sessões de tortura pelas quais passou na OBAN, ocorreu praticamente quase dois anos após a promulgação do AI5 (Ato Constitucional nº 5), em 13 de dezembro de 1968, em que se inaugurou no Brasil “os tempos de terror”, “a ditadura escancarada”, em meio ao golpe civil e militar que já estava em andamento desde 31 de março de 1964 quando a classe média brasileira vai às ruas para pedir a deposição do presidente eleito democraticamente, João Goulart.

Para construção desta pesquisa adotou-se a utilização bibliográfica de obras que tratam dos principais temas que conduzem a dissertação.

A filosofia está presente como ponto de partida, pois é preciso compreender o que é o Existencialismo e sua relação com a teologia que se expressa no pensamento de Kierkegaard. A conturbada existência do filósofo dinamarquês serviu como “laboratório” para encontrar no Deus cristão um Pai acolhedor que nos salva também de todos os sofrimentos que afetam a existência do ser humano.

Como o suicídio é parte integrante dessa pesquisa, pois se Kierkegaard consegue evita-lo ao longo de sua vida, o mesmo infelizmente não ocorreu com Frei Tito. Portanto, as condições do suicídio de Tito exigiram do pesquisador a análise deste drama segundo as análises da sociologia, mas também com o auxílio da história, gerando um diálogo entre as disciplinas que ajudam a compreender este fato social ao longo dos tempos.

A ditadura civil militar brasileira também é objeto de interesse desse trabalho, contudo, um recorte dos principais fatos do seu surgimento, pois o interesse maior para o pesquisador ocorre quando a vida de Frei Tito entra em cena, logo é a partir da promulgação do AI-5 que se objetivou um maior interesse pela ditadura civil e militar brasileira.

Sendo Tito um cristão comprometido como a Teologia da Libertação (TdL), foi preciso, ainda que em linhas gerais, compreender este movimento na América Latina e quais os seus desdobramentos para a realidade brasileira no combate a ditadura civil de militar no país que perdurou por 21 anos.

Neste sentido, esta pesquisa em seu primeiro capítulo aborda questões relacionadas à existência humana no mundo, uma existência inescapável das doenças psicológicas, embora cada humano tenha uma reação diferente sobre os fatos da vida, portanto históricos que lhe sobrevêm, como a ansiedade, a melancolia, a depressão e outros sintomas frequentes nestes tempos.

Surge então a figura de Soren Aabye Kierkegaard, um homem existencialmente atormentado e que procurou, pela prática de sua fé no Deus cristão, criar um movimento, pela fé, em direção a Deus, que pudesse ser aplicada ao humano em desespero, a fim de superar sua inevitável melancolia psicológica, o “salto da fé” de Kierkegaard foi à resposta encontrada por ele a todo desespero humano.

O segundo capítulo procura aprofundar mais o problema da existência humana pelo olhar da sociologia e da história. Neste aspecto, pelo viés sociológico, a obra clássica de Durkheim, “O suicídio”, é apresentada ainda hoje como relevante, gerando novas observações a respeito desse fenômeno social e fornecendo dados para uma possível resposta em relação ao suicídio de Frei Tito de Alencar Lima. O suicídio de Tito é emblemático e, neste aspecto, dá a pensar o porquê os sujeitos de fé cometem atentados contra suas próprias vidas.

O historiador francês Georges Minois em sua “História do suicídio”, completa este capítulo, fornecendo ampla gama de dados históricos, inclusive religiosos, segundo o interesse do pesquisador, como principalmente o judaísmo e o cristianismo lidavam no passado com o problema do suicídio.

Ambos os pesquisadores, de áreas científicas distintas, embora áreas com pontos de contato nos revela que atentar contra própria vida, ora foi aceito, até mesmo exaltado em algumas culturas, mas geralmente condenado, principalmente

quando observa-se o posicionamento da Igreja cristã ao longo dos séculos. Evidente que a perspectiva de Durkheim e de Minois, de certa forma limita o espaço de discussão para os dias presentes em relação ao posicionamento das Igrejas cristãs no Brasil. No entanto, é possível entrever que a tradição da condenação eterna daquele que se suicida ainda é comum na maior parte delas.

Ainda neste capítulo há uma observação entre o suicídio ocorrido entre judeus, católicos e protestantes, apresentando um quadro relacionado a um determinado momento histórico. O que se pode depreender das conclusões apresentadas, segundo as pesquisas direcionadas em contextos específicos, em um determinado espaço de tempo, é que as religiões podem até mesmo contribuir para que o fiel faça uso da morte voluntária, pois as religiões estão sujeitas aos mandos do humano que as coordenam, logo, Deus é interpretado dentro de suas limitações. Neste sentido específico, não poucos filósofos ao longo da história afirmaram que Deus é um produto da vontade humana.

Para o quadro do suicídio apresentado, fica expresso que certas exigências direcionadas aos fiéis das Igrejas cristãs podem colocá-los, não poucas vezes, em condições de aumento de desespero, ansiedade e outros males direcionados à saúde mental do fiel. Nos casos mais extremos está posta a morte voluntária causada pela imposição de um comportamento religioso, um testemunho que não se torna suave na vida do fiel, mas um peso insuportável ao ponto do suicídio ser a solução definitiva para que toda sua dor cesse.

No terceiro e último capítulo da pesquisa, que é dedicado ao dominicano Tito de Alencar Lima, apresenta-se em primeiro lugar o contexto sócio, político e econômico do Brasil, considerando um panorama do golpe civil e militar de 1964.

Esta breve apresentação foi necessária para a compreensão do que ocorreu no Brasil até a promulgação do AI-5. Este Ato Institucional é o ponto de partida para o aparecimento de Frei Tito de Alencar Lima na pesquisa. Tito passa a ser, como muitos outros, um “alvo” da ditadura civil e militar brasileira a partir do AI-5, este Ato Institucional abre os chamados “anos de chumbo” no país, portanto, o “modus operandi” se intensifica, prisões ilegais, torturas, mortes, ocultação de cadáveres e outras formas de autoritarismo, todas na esteira da Promulgação do AI-5.

No entanto, antes de apresentarmos todo o drama da vida de Tito, foi preciso compreender também o que foi a Teologia da Libertação no contexto Latino Americano e sua releitura no Brasil durante a ditadura, em particular nos chamados

“anos de chumbo” que se iniciaram no fim de 1968. O drama da existência de Tito até o seu suicídio cometido no exílio na França em 1974 só pode ser compreendido a partir do seu contexto histórico, político e social do seu tempo.

Tito é preso, torturado física e psicologicamente pelos militares do Exército Brasileiro na “sucursal do inferno”, nas dependências da OBAN (Operação Bandeirantes), onde também centenas de presos políticos tiveram os seus direitos violados.

Tito suporta as sucessivas sessões de tortura ocorridas na sede da OBAN (Operação Bandeirantes) em São Paulo. As torturas ocorreram por horas seguidas e em dias seguidos. Três equipes de torturadores, formadas por capitães do Exército foram responsáveis por “moer” Tito fisicamente e psicologicamente. Os danos na existência do Frei somente vieram a se manifestar em sua vida anos mais tarde no exílio na França.

As sessões de tortura tinham o objetivo de fazer Tito falar, delatar os seus amigos revolucionários e revelar os planos que se mantinham vivos contra os militares que estavam no poder. Tito jamais delatou um companheiro, mesmo tendo sofrido horrores com as três equipes de torturadores. Tito resistiu aos “três níveis” de tortura que cada equipe dos capitães representava na OBAN.

Por isso ele passou a ser considerado justamente um mártir cristão dos “anos de chumbo” no Brasil. Seu suicídio revela que homens e mulheres de fé estão sujeitos a atentar contra suas próprias vidas, independente se foram vítimas de tortura (outros torturados também se suicidaram), o que intriga, incomoda e revolta no suicídio de Tito, é que os danos psicológicos causados pela tortura só vieram a ocorrer anos depois, estavam, portanto, adormecidos na mente de Tito, um dia se revelaram e foram avassaladores.

## **2. Importantes considerações a respeito da existência humana e a religião**

Neste capítulo de abertura, serão apresentados importantes considerações da existência humana, sobre o viés da filosofia, já que um dos maiores expoentes da corrente existencialista, o seu criador, Soren Aabye Kierkegaard, literalmente vivenciou algumas formas de desespero humano, como a ansiedade e a depressão,

tentando inclusive o suicídio por algumas vezes ao longo de sua vida, como se registra neste capítulo.

A presença dele na abertura dessa pesquisa, portanto, é fundamental, não somente por ser o criador da corrente filosófica conhecida como existencialismo, mas porque, como cristão protestante buscou pelo exercício intelectual, junto ao movimento da prática de fé em sua vida, encontrar alívio para sua existência, assim como para homens e mulheres que vivem ainda hoje as dores de uma mente em desespero.

## **2.1. A existência humana segundo a filosofia existencialista e sua relação com a sociologia da religião**

O Dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano (2007), apresenta três características relativas ao verbete existência. Contudo, a respeito deste verbete interessa o seu 3º significado, que está restrito ao comportamento do humano no mundo e que se relaciona diretamente com o existencialismo.

O terceiro significado específico desse termo é o que restringe ao modo de ser do homem no mundo. Esse significado encontra-se no *existencialismo* como filosofia, cujo tema é análise desse modo de ser. [...] Vico observou que Descartes não deveria ter dito “Penso, logo *sou*”, mas “Penso, logo *existo*”; A Existência é o modo de ser próprio da criatura, porquanto significa estar embaixo ou em cima, e supõe substância, ou seja, o Ser divino que a sustém e a cria [...].<sup>1</sup>

Este humano que se relaciona com o mundo é o objeto de preocupação da filosofia existencialista. Nas discussões filosóficas a respeito da existência, precisamente nos séculos XVIII e XIX, chegou-se a propor um conceito dela construído pela razão. Contudo, este conceito só poderia ser negativo, não direcionado em suas análises para fé, dado que parte do racionalismo condicionado ao próprio ser em sua existência.

No entanto, a existência foi identificada também como “filosofia da fé” (Hamman e Jacobi citado por Abbagnano, 2007), contrariando o conceito negativo da existência, afirmando que a existência não pode ser reduzida à razão humana, uma vez que “a condição positiva, graças à qual o ser existe, extrapola a filosofia negativa ou racional porque é criação, vontade de Deus de revelar-se; [...]”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia, p. 465.

<sup>2</sup> ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia, p. 465.

Neste aspecto, a filosofia da fé compreende a existência como o manifestar-se de Deus no homem, o que é um dado positivo e que leva a própria existência humana a ser compreendida como boa, ainda que existência falha e pecadora.

“O que é a existência?” Um sistema racional pressupõe um mundo racional. São apenas respostas da razão a perguntas racionais. O “eu” subjetivo está além da razão e não faz inteiramente parte do mundo. Kierkegaard entendeu isso. A resposta não estava na construção de um sistema perfeito que tudo explicasse. Havia um problema mais fundamental que provocava questões como “o que é a existência” e “qual o sentido de existir”. Foi Kierkegaard quem assumiu a tarefa de responder a essas questões.<sup>3</sup>

Foi Soren Aabye Kierkegaard (1813-1855), quem se envolveu mais com o problema da existência no seu tempo, ele desenvolveu sua teoria na esteira de argumentos filosóficos formulados, anteriores às suas especulações, porém, contra a noção de existência dada pelo racionalismo que a reduz. Dirá Kierkegaard.

A Existência corresponde à realidade individual, ao indivíduo [...]; está fora do conceito, que, de qualquer forma, não coincide com ela. Para um animal, uma planta, um homem, a Existência (ser ou não ser) é algo muito decisivo; o indivíduo por certo não tem uma Existência conceitual.”<sup>4</sup>

É através da filosofia de Kierkegaard que há a percepção que o humano possui uma natureza singular, portanto, não cabe nele quaisquer conceitos universais. Em sua singularidade existencial o humano é relação, o que Kierkegaard considera em três aspectos: a relação como o mundo; consigo mesmo e por fim, com Deus.

Kierkegaard aprofunda esta tríplice relação humana, considerando-as como *possibilidades*, isto significa dizer que elas são instáveis, podendo o humano inclusive perdê-las. Compreendidas como *possibilidades*, estas categorias comuns à existência humana o deixa num estado de incerteza existencial, a garantia de realização não está dada.

Para Kierkegaard, mesmo a presença de Deus, contado em meio as categorias de relacionamento, não garante ao humano a certeza de realização das *possibilidades*, não por causa do ser de Deus, mas porque o humano está na relação. Deus é infalível, tudo é possível a ele, sem dúvida, porém, as *possibilidades* estão condicionadas ao agir humano, uma relação que até pode ser compreendida por ele como não necessária.

Dessa interpretação da Existência em termos de possibilidade nascem as características fundamentais da Existência, que são a *angústia*, como relacionamento

<sup>3</sup> STRATHREN, P. Kierkegaard em 90 minutos, p. 13.

<sup>4</sup> ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia, p. 466.



do homem com o mundo, *desesperança*, como relacionamento do homem consigo mesmo, e *paradoxo*, como relacionamento do homem com Deus.<sup>5</sup>

Pelo que foi apresentado até o momento, compreende-se que a existência humana, segundo a filosofia de Kierkegaard, pode ser apresentada nos seguintes moldes:

- A Existência é o modo de ser que pertence ao humano;
- O humano se relaciona consigo mesmo no mundo e com Deus;
- As relações são sempre *possibilidades*.

Neste sentido, como relação, o humano é também um sujeito histórico, sempre como ser em situação, ou seja, a conjuntura dos fatos histórico-culturais condiciona suas ações na sociedade, estas contingências históricas exigem dele uma série de reações a fim de que se livre do seu desespero existencial.

Portanto, o humano se relaciona com o mundo (história) e com o seu semelhante, o outro humano que pensa a realidade histórica de forma distinta, por razões que envolvem a complexa realidade cultural do humano no mundo.

O ser, portanto, está sempre em situação, ou seja, vinculado, nunca isolado, com o mundo e os outros sujeitos sociais que compõem a realidade. O primeiro filósofo a pensar estas categorias foi Martin Heidegger (1889-1976).

É amplamente conhecida sua teoria existencialista do *Dasein* (ser-aí).

“O *Dasein*”, diz ele, “é sempre a sua possibilidade, e ele não a ‘tem’ do mesmo modo como um ente presente [isto é, uma coisa] possui uma propriedade. Por ser essencialmente possibilidade, o *Dasein* pode, em sendo, ‘escolher-se’ e conquistar-se ou perder-se, ou seja, não se conquistar, ou só se conquistar aparentemente. Ele só pode perder-se ou não se ter ainda conquistado porque, em seu modo de ser, comporta uma possibilidade de autenticidade, ou seja, de apropriar-se de si mesmo.”<sup>6</sup>

Para Heidegger a existência do ser-aí, no mundo, é o mesmo que possibilidade de transcendência neste mundo, no sentido de projetar-se nele, entretanto, segundo as condições que este mundo lhe apresenta, submetendo-se a ele. Já que o ser é histórico-cultural, ele está limitado em suas possibilidades de se projetar plenamente na construção de sua realidade pessoal e social, pois todo humano sendo histórico-social está sujeito às regras que o condicionam dentro do seu contexto de vida. Ao humano sempre há uma liberdade limitada.

---

<sup>5</sup> ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia, p. 466.

<sup>6</sup> ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia, p. 466.

Neste sentido, algumas características do existencialismo merecem ser retomadas, pois elas são determinantes na produção desta pesquisa em seus pressupostos que serão apresentados mais à frente. Neste sentido,

1ª Uma possibilidade sempre tem dois aspectos inseparáveis, em virtude dos quais é, simultaneamente, *possibilidade-de-sim* e *possibilidade-de-não*. Nada garante a realização infalível de uma possibilidade, mas tampouco nada exclui infalivelmente a sua realização. [...] Em ambos os casos, abandona-se o terreno da possibilidade para entrar no da *necessidade*. 2ª A possibilidade é uma determinação *finita*, sujeita a limites e condições que, ao mesmo tempo em que a efetivam e validam, delimitam seu âmbito. [...] a frase “todas as possibilidades” deve ser considerada sem sentido [...], visto que a totalidade absoluta das possibilidades constituiria a garantia infalível da realização de cada uma delas, privando-as precisamente do caráter de possibilidade. 3ª Com os procedimentos disponíveis identifica-se um *campo* de possibilidades para estabelecer a distinção entre as possibilidades efetivas ou autênticas e as fictícias. Os domínios da indagação científica e da atividade humana em geral podem ser considerados campos de possibilidades nesse sentido.<sup>7</sup>

O Existencialismo passa a ser, portanto, a análise da existência do humano no mundo, no cenário histórico-cultural que o condiciona, mas que ele pode projetar-se sobre este cenário dado, sempre em constante mudança e transformá-lo, no sentido de ser possível moldar a realidade que o deixa em angústia e em desespero, ou seja, a própria existência no mundo real.

No entanto, a existência que dá ao humano possibilidades de projeção sobre a realidade, concentra em si as não possibilidades, devido às relações sociais que se desencontram continuamente, a realidade histórico-cultural é formada por um conjunto de forças sociais díspares que atuam sobre o humano.

É conhecido que o sociólogo alemão Max Weber (1864-1920), concentrou a maior parte de sua vida nos estudos teológicos, políticos e socioeconômicos do seu tempo, com uma metodologia praticamente exaustiva sobre todas estas temáticas.

Hirano (1973) chama a atenção para o fato de que há uma “poli-historicidade em suas formulações teóricas”. Porém, apesar do positivismo tão em voga em seus dias, Weber não acredita que qualquer teoria, conceito ou análise sejam capazes de dar conta do real; enquadrar em sua totalidade a realidade. A ciência, portanto, pode e deve ajudar na compreensão (ou para usarmos suas palavras), uma “compreensão interpretativa de seus efeitos e causas”. Aliás, é isso que ele anuncia em seu estudo: a busca por uma sociologia que tenta compreender o fenômeno, uma sociologia compreensiva. No caso da religião, por exemplo, tem uma posição diversa de Durkheim.<sup>8</sup>

Para Émile Durkheim (1858-1917), um dos expoentes da sociologia francesa, ele que se debruçou sobre as formas religiosas de grupos humanos mais simples,

<sup>7</sup> ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia, p. 467.

<sup>8</sup> ALENCAR, G. F. de. Matriz Pentecostal Brasileira, p. 63.

isto é, aproximando suas pesquisas do campo da antropologia, as religiões poderiam ser definidas de maneira precisa, o que se afastava radicalmente da compreensão de religião proposta por Max Weber. Durkheim afirmava o seguinte em relação às formas religiosas:

Chegamos, pois à seguinte definição: uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todas as que a ela aderem. O segundo elemento que aparece na nossa definição não é menos essencial que o primeiro; pois, mostrando que a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja, faz pressentir que a religião deve ser coisa eminentemente coletiva.<sup>9</sup>

Durkheim é um positivista pleno, confia nas análises que a sua metodologia científica pode depreender da realidade. Weber, embora utilize constantemente da mesma ciência que Durkheim, a sociologia, para compreender a realidade social do seu tempo, desconfia e sabe que ela não possui a capacidade de precisão dos fatos da realidade histórico social em seus efeitos sobre o comportamento humano, apenas ajuda a compreendê-la num sentido diacrônico.

A história não é fixa e nem absoluta, portanto, toda construção do humano se dá num momento histórico-cultural específico, a sociologia de Weber, portanto, busca compreender uma pluralidade de realidades particulares, vendo a impossibilidade de uma análise unívoca que atenda a todos os modelos de percepção humana possíveis sobre o comportamento dele em sociedade.

Portanto, como dito mais acima, as análises de Durkheim do humano religioso, buscam precisar o seu comportamento coletivo. No entanto, nas análises de Weber, que pensa a história multifacetada, as formas religiosas históricas, por exemplo, são afetadas diretamente a partir dos efeitos que a história produz sobre elas, modificando, neste aspecto, a percepção do humano religioso. “Weber é contrário a todo o dogmatismo: a função de um método é fazer progredir o saber e não ser fiel a um pretenso ideal do conhecimento.”.<sup>10</sup>

É neste aspecto weberiano que é preciso falar a respeito dos “tipos ideais”, metodologia formulada por ele que permite compreender melhor o humano que se projeta no mundo, inclusive o humano religioso.

Esta metodologia ajuda a analisar e compreender a realidade, a partir do encontro entre as realidades históricas e conceitos abstratos, ou seja, daquilo que

---

<sup>9</sup> DURKHEIM, É. As formas elementares de vida religiosa, p. 79.

<sup>10</sup> ALENCAR, G. F de. Matriz Pentecostal Brasileira, p. 63.

produz o humano, tanto individualmente como dentro de uma coletividade. Segundo Weber, “uma reconstrução ideal típica no conjunto histórico de certo número de características para construir um todo inteligente.”.<sup>11</sup>

Esta metodologia dos “tipos ideais”, pode ser mais bem compreendida no exemplo que Weber utiliza sobre o surgimento e desenvolvimento do capitalismo na história. Jamais existiu um capitalismo puro, um modelo perfeito dele para ser imitado e nem um exemplar humano cabal, o capitalista. O que a história revela é que houve tipos de capitalismo ao longo do tempo ou tipos históricos desta instituição e que levou a alteração do modo de vida dos sujeitos sociais, contudo dentro de culturas específicas.

As próprias culturas são distintas, portanto a recepção e percepção do modelo capitalista é variável de acordo com o momento histórico e a cultura que o recebe. O tipo ideal, portanto, é o que pode revelar, neste exemplo dado, de que forma o capitalismo foi recebido e projetado em determinado grupo social segundo as condições culturais em determinado tempo e lugar históricos.

O tipo ideal, seja ele o modelo capitalista ou, por exemplo, o cristianismo, é ideal dentro de um contexto histórico-cultural, portanto, nesta análise é possível compreender as ações de indivíduos e grupos humanos em determinados momentos e situações históricas. No caso do cristianismo, o seu tipo ideal se pluralizou, modificou-se ao longo da história pelos povos que o receberam em diversos continentes, segundo suas culturas.

Analisando as religiões, Weber encontra três tipos ideais, o mago, o sacerdote e o profeta. Para Weber, em todo tipo de religião é identificável algum tipo de magia. No entanto, quem é o mago para Weber e quais são os seus poderes e as influências que possui perante a comunidade que lhe consulta?

O mago seria aquele que obriga os seres do mundo sobrenatural a realizar o que solicita. Os magos seriam indivíduos dotados de poderes especiais – o mana, o maga, ou carisma como prefere Weber – que os tornavam capazes de negociar ou mesmo “forçar” os deuses, espíritos, ou entidades sobrenaturais a realizar o que quisessem.<sup>12</sup>

O carisma para Weber não se trata de um indivíduo que tem boa reputação junto a um grupo religioso, mas é aquele que possui poder. Poder para se preciso, “forçar” os deuses a agirem segundo os seus pedidos. Ou seja, o poder pertence ao

---

<sup>11</sup> ALENCAR, G F. de. Matriz Pentecostal Brasileira, p. 64.

<sup>12</sup> MARIZ, C. L. A sociologia da religião de Max Weber, p. 80.

mago, quando os deuses não atendem às suas súplicas, é sinal de que fracassou e o seu carisma lhe foi tomado.

Segundo Weber, o carisma pode ser encontrado também em objetos. Tudo o que possui o carisma tem que ser fora do comum, é possível que até mesmo toda uma coletividade dê sinais de carisma, o que Émile Durkheim chamaria de “efervescência coletiva”.

Já os sacerdotes possuem uma atitude diante do sagrado totalmente distinta do mago, o carisma não lhe pertence, mas a instituição que ele serve. A ação do sacerdote diante do seu sagrado é uma atitude de submissão, quando sua súplica não é atendida, isto é um sinal para a comunidade religiosa, que o sagrado recusou a atender sua súplica, para o sacerdote isto é sinal de enorme poder do sagrado, que neste caso, não pode ser manipulado pelo humano.

Neste sentido, percebe-se que o mago é um indivíduo que age de maneira autônoma, não está vinculado a nenhuma instituição religiosa, por isso que o carisma lhe pertence, contudo pode perdê-lo a partir do momento que suas súplicas não são atendidas pelo sagrado, o que seria o fracasso do seu ofício, não sendo mais procurado por seus seguidores, pois não tem mais o “poder” de manipular os deuses.

O sacerdote é um cargo e o carisma pertence a instituição religiosa a qual ele está ligado, logo a proximidade do mago se torna uma ameaça ao sacerdote e a instituição que ele representa.

Historicamente, segundo Weber, observou-se uma concentração do poder sobre os carismas e bens mágico-religiosos. Ao institucionalizar-se o carisma e elaborar doutrinas, os sacerdotes tentam destituir o poder dos magos. A oposição entre magia e religião seria fruto da luta dos especialistas do sagrado ligados a uma instituição contra os especialistas autônomos.<sup>13</sup>

O último especialista do carisma é o profeta, e segundo Weber ele realiza rupturas em uma religião, o que lhe concede a alcunha de revolucionário. Há dois tipos de profetas, o emissário e o exemplar. Estes profetas geralmente são contrários as formas religiosas mágicas, defendem uma atitude ética e criticam algumas tradições, estes exemplos podem ser encontrados no bloco do profetismo em Israel no Antigo Testamento, por exemplo. Este profetismo encontrado na Bíblia Hebraica remete aos “profetas emissários”, que buscavam transformar a religião e a vida do povo.

---

<sup>13</sup> MARIZ, C. L. A sociologia da religião de Max Weber, p. 81.

O profeta exemplar defende um tipo de religião contemplativa, a percepção que se tem dele, por sua atitude de vida religiosa, é de que é um santo, Buda seria um exemplo deste tipo ideal de profeta. Estes dois tipos de profetas, o emissário e o exemplar, revelam também dois tipos de religiosidades, que são distintas em si. O profeta emissário seria aquele pratica a ascese, enquanto o profeta exemplar seria o místico.

Na religiosidade ascética o fiel se compreende como um instrumento de Deus, existencialmente isso significa, por exemplo, dentro da concepção judaico-cristã, controlar os desejos da carne que o afastam do sagrado, e com este testemunho de “pureza” o fiel pretende transformar ou até mesmo controlar o mundo. É o que Weber assinala como “ascetismo intramundano”. Seu modelo de vida, sua moralidade que testemunha o seu serviço ao sagrado está presente no e para o contexto histórico-cultural do qual faz parte, “a religião ascética dentro do mundo exige uma transformação de todos os fiéis e de cada um como um todo.”.<sup>14</sup>

A religiosidade mística exige do profeta ou do fiel uma atitude contemplativa, neste caso, eles se veem como receptáculos do sagrado e o seu ascetismo é classificado como fora do mundo, “não afetam a conduta da maioria dos fiéis no cotidiano.”.<sup>15</sup>

Estes tipos ideais de religião para Weber moldaram a racionalidade do Ocidente. “A racionalidade do Ocidente se construiu sobre uma ideia de ascese no mundo e personalização do divino, que para Weber já estariam presentes no judaísmo e cristianismo primitivo.”.<sup>16</sup>

Este subtema não poderia deixar de lado, as críticas de Karl Marx a respeito da religião desenvolvida nos seus dias. O marxismo será inclusive fundamental mais à frente nesta pesquisa, quando será mencionada a Teologia da Libertação, movimento tão fundamental à vida do sacerdote dominicano, Frei Tito de Alencar Lima.<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> MARIZ, C. L. A sociologia da religião de Max Weber, p. 84.

<sup>15</sup> MARIZ, C. L. A sociologia da religião de Max Weber, p. 84.

<sup>16</sup> MARIZ, C. L. A sociologia da religião de Max Weber, p. 84.

<sup>17</sup> Tito de Alencar Lima entrou para história como Frei Dominicano, contudo há algumas etapas para a formação de sacerdotes (Frei/Grade) na Ordem dos Pregadores (OP), cujo seu fundador foi São Domingos de Gusmão. Ordem religiosa autorizada e confirmada pela Igreja no dia 22 de dezembro de 1216. Para se tornar um sacerdote dominicano é preciso passar por três etapas: Pré-noviciado que dura de 6 meses a 1 ano; Noviciado que dura 1 ano e, Estudantado que dura 7 anos, onde se estuda Filosofia e Teologia. Tito, não completou todas estas etapas, mas era um diácono da Ordem Dominicana. Texto elaborado com a ajuda das informações encontradas no site:

<https://www.dominicanos.org.br/ordem>

Será observado como as críticas de Marx à religião foram reinterpretadas pelos clérigos católicos adeptos da Teologia da Libertação, transformando uma teoria negativa em relação à religião, no caso o cristianismo no mundo, em algo positivo para transformação da sociedade no Brasil e em toda América Latina e do Sul no século XX, movimento que em si possuía características de um profetismo emissário, à maneira trabalhada por Weber, profetismo revolucionário, que na Teologia da Libertação era visível, na busca por justiça aos pobres, sua preferência, identificada teologicamente no Iahweh da libertação dos sofridos na terra da opressão, o Egito, como relata o livro do Êxodo, mas também na opção do anúncio do Reino de Deus por Jesus de Nazaré, preferencialmente pelos pobres do seu tempo.

Portanto, a categoria social pobre, está por toda Bíblia Sagrada e, tanto o Iahweh do Antigo Testamento, como Jesus no Novo Testamento, agem, preferencialmente pelo bem-estar deles, ainda que historicamente o conceito da categoria social pobre tenha mudado continuamente, mas que não retira deles o desespero e o sofrimento humano que carrega em si todo tipo de pobreza apresentada no mundo.

Este estado de miséria, em dois sentidos da existência humana, como se verá, já havia sido identificado, de maneira mais contundente por Karl Marx (1818-1883), em suas primeiras análises sobre o que a religião poderia causar no comportamento humano dos seus dias, ou seja, estas análises são atribuídas ao “jovem Karl Marx”.

Marx sempre foi um crítico da religião, mas na fase madura de sua vida intelectual ela já não ocupava o centro de suas atividades, outras questões suplantaram o seu interesse pelo comportamento do humano religioso.

Marx, portanto, em sua primeira fase de estudos da religião, toma como base outro filósofo, um conterrâneo e contemporâneo seu, Ludwig Feuerbach (1804-1872), bem mais radical em seus escritos contra a religião do que o próprio Marx.

É a partir da filosofia dele que Marx desenvolve sua crítica, ou seja, parte da filosofia de Feuerbach e vai além dela. Para Feuerbach a crítica a religião pode ser resumida na seguinte afirmação compreendida pelo próprio Marx, como:

[...] de que a religião é uma projeção do homem, de que o céu é um reflexo do próprio homem, daquilo que lhe falta. Em outras palavras “é o homem que faz a religião”.

Mas já aí Marx avança em relação a Feuerbach, porque ele se pergunta a razão desta projeção. E a resposta ele encontra na relação com o mundo: “O *homem* não é um ser abstrato, fora do mundo. O homem é o *mundo dos homens*, o Estado, a sociedade. Este Estado, esta sociedade, produzem a religião, *uma consciência invertida do mundo*, porque são um mundo invertido”. A religião não é originária, mas produto de um mundo dividido: “A miséria *religiosa* é, de um lado, a *expressão* da miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, assim como é o espírito de uma situação carente de espírito. É o *ópio do povo* (Marx, 1974a: 94).<sup>18</sup>

O humano vive no mundo, na história, portanto, dentro de um contexto cultural particular, segundo Marx, numa condição existencial de miséria, esta que no pensamento do jovem Marx simboliza alienação. É o humano alienado que cria a religião, pois sua condição existencial está em estado de carência, não consegue se projetar na realidade histórico-social de maneira adequada, portanto, sem forças, desesperado e angustiado recorre à religião para aliviar todo o seu desespero humano.

A alienação humana, que produz a religião, é inaceitável para Marx, o contrário para ele é a verdade, uma vez deixando o seu estado de alienação, este humano não precisará mais do refúgio da religião, portanto, a sua existência miserável, o estado de alienação que o mantém prisioneiro da angústia e do sofrimento, só alcançará a libertação se compreender que há uma ideologia, dos poderosos humanos, em Marx os controladores da economia, que mantém o humano neste estado de miséria existencial.

Logo, a religião nos dias de Marx impede à liberdade do humano, por exemplo, pelas lutas sociais em busca da transformação da realidade histórico-social para que todos saíam deste estado de miséria, de alienação intelectual. Ao abandonarem a ilusão religiosa, poderão compreender o seu outro estado de miséria ou pobreza que enfrentam em seus cotidianos histórico-culturais, e que esta condição social, pobreza e miséria não é uma imposição de Deus ao humano, mas uma ideologia dos poderosos que controlam a economia.

A religião se torna ópio toda vez que ela disfarça a miséria do mundo, quando ela não compreende ou não revela a real divisão que o humano encontra dentro de sua realidade histórico existencial. Como ser-aí (Heidegger), mas em estado de alienação, busca a religião para aliviar suas dores e, neste sentido, a religião se apresenta como ilusão para o homem, como “ópio do povo”, o que seria um

---

<sup>18</sup> LESBAUPIN, I. Marxismo e religião, p. 14-15.



impeditivo de projetar-se no mundo dentro das possibilidades positivas da ação humana, embora sempre disputando forças com os poderosos que comandam a sociedade, só para lembrar o *Dasein* de Heidegger, que desenvolve suas teorias posterior a Marx, mas que servem aos objetivos aqui tratados.

E é por isso que “a crítica do céu se transforma em crítica da terra”, porque é aí que está a raiz da alienação. Note-se que Marx afirma que a religião é expressão do mundo real e também protesto contra este mundo, aspecto este que nem sempre é percebido ou acentuado.<sup>19</sup>

Certo tipo de conduta teológica, aliás, muito comum na História do Cristianismo e ainda em voga atualmente, expressa em certos círculos cristãos a força da mensagem de uma vida mais digna aos fiéis no *post mortem*.

Neste aspecto, pode-se afirmar que a Igreja cristã sempre em sua história esteve próxima dos pobres, assim como foi a opção primeira do seu Senhor, Jesus de Nazaré. Porém, ao longo da história da Igreja essa práxis de Jesus foi se modificando, ganhando ares de luta política como nos países da América Latina e da América do Sul em meio aos governos ditatoriais e ao surgimento da Teologia da Libertação.

Mais à frente nesta pesquisa, haverá um enfoque na Teologia da Libertação, que procurou resgatar esta práxis de Jesus de Nazaré em ambientes políticos inóspitos, ditatoriais, atuando preferencialmente junto aos pobres, estendendo suas mãos aos necessitados, mas procurando também conscientizá-los de quem os fazia estar na situação de penúria que se encontravam em suas existências histórico-sociais.

A Teologia da Libertação captou na teoria marxista que a própria Igreja era um símbolo de protesto contra aquele mundo de injustiças, que ainda permanece atualmente. Ela, portanto, buscou ressignificar a mensagem de libertação do Êxodo e dos Evangelhos no século XX, em busca da transformação da sociedade em sua evidente predileção pelos pobres, uma vez que nas críticas de Marx à Igreja, ela se mostrava como meio de alienação em sua mensagem quanto as injustiças deste mundo no século XIX.

O outro momento da crítica marxista à religião é sua apresentação como ideologia e não mais como alienação, é um salto no pensamento marxista, ou seja, as ideias não fazem parte da autonomia do humano, a formação das ideias, até

---

<sup>19</sup> LESBAUPIN, I. Marxismo e religião, p. 15.

mesmo as morais e religiosas, assim como inúmeras outras, segundo Marx, partem da forma como os humanos produzem os seus bens materiais.

Nas palavras de Karl Marx reproduzidas por Ivo Lebaupin, assim se explica a religião como ideologia.

Os produtores das ideias, das representações etc., são homens, mas homens reais e ativos, tais como estão condicionados por um desenvolvimento determinado de suas forças produtivas e pelas relações correspondentes a essas forças produtivas e pelas relações correspondentes a essas forças produtivas até a sua forma mais remota [...]. Se, no conjunto da ideologia, os homens e suas relações aparecem invertidos, como numa *câmara escura*, isso se deve ao processo vital histórico, do mesmo modo que a inversão dos objetos na retina se deve a seu processo vital físico, imediato [...].<sup>20</sup>

O salto filosófico dado por Marx não corresponde somente à ideologia da religião, mas a todas as outras formas de conhecimento, pois são ideologias produzidas pelo humano, logo afetadas pelo devir histórico, não possuindo, segundo Marx, sua evidente independência. “A religião é então o reflexo ilusório, fantástico, das relações de dominação de classe, de exploração: as ideias religiosas exprimem, justificam e escondem a realidade da dominação. A religião é ideologia, falsa consciência.”<sup>21</sup>

Portanto, Marx identifica na religião como ideologia, que ela não possui especificidade, dentro da linguagem filosófica, a religião não possui substância própria, ela é pura manifestação ideológica do humano, impulsionada pelos arranjos histórico-sociais. Por isso, Marx já identificava na sua fase da religião como alienação que ela era a real expressão da miséria do mundo.

A partir da ideologia religiosa, Marx adota uma postura de que ela não será vencida por uma luta direta, mas pela transformação do humano na sociedade. Toda ideologia, segundo Marx, pode ser dissolvida, mas não pela via da crítica intelectual, o que não significava abandonar a própria reflexão sobre a realidade, mas pela via da “abolição prática das relações sociais reais que deram nascimento a estas invenções idealistas.”<sup>22</sup>

Marx pensava que a religião deixaria de existir quando homens e mulheres se associassem, donos de suas próprias ações conscientes dentro de seus próprios movimentos sociais.

<sup>20</sup> LESBAUPIN, I. Marxismo e religião, p. 16.

<sup>21</sup> LESBAUPIN, I. Marxismo e religião, p. 16.

<sup>22</sup> LESBAUPIN, I. Marxismo e religião, p. 17.

Como se sabe, as religiões não deixaram de existir no mundo, mas isso não significa que Marx foi derrotado, pelo contrário, suas críticas à religião até hoje são motivos de discussões acaloradas nos cursos de Teologia e o centro das atenções nos cursos de Ciências Humanas e Sociais.

Como já mencionado acima, mais à frente será apresentado como a Teologia da Libertação utilizou algumas categorias marxistas para transformar a religião cristã no Brasil e na América Latina, ainda que movimento perseguido por algumas Igrejas e suas lideranças que se uniram a ditadura civil militar brasileira, que vitimou Frei Tito de Alencar Lima e uma série de outras vidas que buscavam a transformação da sociedade brasileira, a época tomada por perseguições, prisões, torturas, sequestros, abusos sexuais e mortes a todos os sujeitos sociais que fossem contrários aos anos de chumbo, esta ditadura civil militar que no Brasil durou por 21 longos anos de terror, de 1964-1985.

No próximo subtema será mencionado um personagem importante para esta pesquisa, o filósofo existencialista dinamarquês, Soren Aabye Kierkegaard, embora homem de fé e de destaque intelectual no seu tempo, na primeira metade do século XIX, constantemente sentiu o lado mais obscuro da existência em grande parte de sua breve vida.

Os sofrimentos ao longo da vida de Soren Kierkegaard revelaram nele quadros psíquicos de ansiedade, angústia, depressão e tentativas de suicídio, que o levou a se debruçar sobre os problemas de quem deseja ser no mundo, portanto, estando sujeito as alegrias e aos sofrimentos que as instituições sociais podem causar ao humano, inclusive às formas religiosas.

Neste aspecto, há muitas semelhanças entre este dinamarquês e Frei Tito de Alencar Lima, ainda que separados pelo tempo e por suas culturas díspares, mas infelizmente aproximados pelas marcas de suas existências num mundo que traz consigo muitas dores, Kierkegaard atormentado pela criação familiar, um noivado malsucedido, ideia do casamento lhe causava pânico, por razões do comportamento do seu pai, Michael Kierkegaard, que embora fosse muito religioso, revelou alguns segredos de sua vida, desnecessários ao jovem filho, o que certamente abalou o seu noivado com a jovem Regina Olsen.

Frei Tito de Alencar Lima, preso, torturado fisicamente e psicologicamente pelo Exército brasileiro e pelo delegado civil Sérgio Paranhos Fleury, quebrado fisicamente e psicologicamente recorre ao suicídio para o fim de todo o tormento

que lhe foi causado enquanto esteve preso e torturado por horas no cárcere dos seus algozes militares, ou seja, personagens históricos que possuem muito em comum, como será abordado mais à frente nesta pesquisa.

## **2.2. Soren Aabye Kierkegaard: um cristão atormentado pela própria existência**

Evidente que o humano, no caso de Soren Kierkegaard e de Frei Tito Alencar Lima, é atormentado em sua existência dentro de um contexto histórico-social. Com Kierkegaard e Tito, ao menos as coisas se revelaram assim. Aqui nesta pesquisa importa perceber o que as alterações nas instituições sociais, família, trabalho, nascimento, luto, Igreja, enfim, tudo o que se relaciona ao humano em sua existência na história e em sua cultura em particular, pode lhe afetar negativamente, ainda que homens e mulheres de grande fé, mas que nem por isso, estiveram imunes ao que a história lhes reservava para suas existências com momentos de grande desespero que marcaram suas vidas.

A filosofia central do existencialismo – “o problema da existência” – foi considerada um produto típico do século XX, com suas características alienação, angústia, absurdo e preocupação com temas inquietantes do gênero. Mas tudo isso provém diretamente de Kierkegaard, nascido quase um século antes de Sartre.<sup>23</sup>

Para alguns intelectuais do ramo da Filosofia, como Strathern (1999), Kierkegaard não foi um filósofo, como geralmente conhecemos, frequentando as aulas de uma academia de filosofia do seu tempo. Mas produziu diversas obras filosóficas, algumas bem complexas, por vezes utilizando alguns pseudônimos que lhe agradavam.

Sua filosofia abordava a vida, a existência humana, que para ele estava além daquilo que poderia produzir até mesmo a razão, portanto, a própria filosofia, mesmo ela fundamental a Kierkegaard, ele sabia que toda criação intelectual humana não daria conta de compreender a totalidade do ser no mundo.

Assim como apontado na sociologia de Max Weber mais acima, é possível dizer que Kierkegaard também elaborou um tipo de filosofia que nos ajuda a compreender parcialmente o humano e sua existência nos diversos contextos histórico-culturais que habita.

Portanto, sua filosofia, o existencialismo, ainda hoje ajuda a humanidade a compreender um pouco mais o humano, suas angústias, desesperos, enfim, o seu

---

<sup>23</sup> STRATHERN, P. Kierkegaard em 90 minutos, p. 9.

sofrimento no mundo, mas jamais como filosofia que dá conta do que é o humano por inteiro, Kierkegaard sabia que esta tarefa seria impossível ao próprio humano, pois ele é por demais complexo.

É para nós, em todos os casos, da maior importância que Kierkegaard tenha sido dinamarquês, filho de um país à margem das “grandes nações”; que tenha visto a luz do dia sob os céus desses países do Norte cuja cultura é amplamente ignorada na França. É da maior importância que tenha sido luterano, o que significa também uma distância em relação à latinidade francesa. É capital que tenha sido um teólogo que se insurgiu contra as mediocridades da instituição cristã em geral, considerado infiel ao que ele compreendia com a essência do cristianismo, ao qual dá o nome de “incondicional” e do qual legou à modernidade uma exegese filosófica particularmente esclarecedora. É vital para a pesquisa das almas sedentas de verdade, torturadas pelo abandono da preocupação do sentido em prol da eficiência, que ele tenha feito de sua vida, de sua procura existencial, o desafio do seu próprio pensamento.<sup>24</sup>

Kierkegaard é um símbolo da resistência contra a modernidade científica do seu tempo, ou seja, refletia sobre a existência humana, consciente dos excessos que o próprio humano fazia em relação às intermináveis novidades científicas que surgiam no século XIX. Ele já previa em suas análises do ser no mundo, que elas seriam, em inúmeros casos, a causa dos males, do desespero que aumentaria consideravelmente sobre o humano moderno.

Para Kierkegaard o humano deveria viver com a “paixão e o ardor da fé”, sua crítica também se dirigia ao cristianismo, que se adaptava em meio a toda aquela Revolução Industrial incontestada, distante da fé “incondicional”. Ele certamente estava enxergando o aumento do desespero humano, e isto pode ser colocado na forma que a religião havia tomado neste momento de grandes descobertas científicas, em que o modo de vida humano se alterava radicalmente nas grandes economias europeias.

Kierkegaard, portanto, não considerava somente sua própria existência, descobrindo em si as causas do seu sofrimento, de suas angústias e desespero. Como todo filósofo, observava o seu contexto histórico-social, mas foi além da Dinamarca e percebeu que todas as alterações científicas, industriais por toda a Europa, já estavam modificando radicalmente a existência humana nos novos centros urbanos que surgiam, recrudescendo a divisão social, esta que afetava diretamente os mais pobres, explorados pela Revolução Industrial, deixando a marca daquela dupla miséria que pôde ser constatada em Marx, o aumento da pobreza como categoria

---

<sup>24</sup> FARAGO, F. Compreender Kierkegaard, p. 12

social e, ao mesmo tempo, a miséria existencial de não encontrar forças para uma outra revolução, a social, que poderia modificar suas existências no mundo.

Lembrando que em Marx, ao menos em sua juventude, a religião é alienação e ideologia que impossibilita os trabalhadores (proletariado), explorados pelos emergentes magnatas industriais europeus, a tomarem consciência de sua própria potencialidade em tornar realidade uma revolução contra o sistema que os oprimia.

O espírito do cristianismo via o seu destino coberto de sombras, sufocado pelo intelecto que se debruçava sobre a agonia das formas históricas que o haviam afastado de sua fonte. Aquele que fora um dia a Luz das nações via suas chamas se extinguirem sob a emergência de um mundo totalmente inédito, abismado nas lógicas da azáfama industrial e comercial que desde então caracterizam os formigueiros humanos. Enquanto os filósofos repartiam entre si os despojos do cristianismo, sobre o pretexto de sua elucidação especulativa, Kierkegaard lançou o grito de guerra de sua alma inflamada contra esse “enobrecimento” que o alinhava com as sabedorias do mundo. Ele viu ressoar o canto do cisne do que tinha sido a alma do nosso continente. O próprio sopro da Reforma havia cessado, deixando instalar-se a rotina em seu lugar. Por isso, do abismo da solidão que abraçara, refez o caminho interior do retorno à fonte viva do sentido confiado em depósito a esses antiquíssimos textos comentados e às vezes fastidiosamente repetidos em todos os santuários da velha Europa, a Bíblia.<sup>25</sup>

Soren Aabye Kierkegaard nasceu em 5 de maio de 1813, seu pai à época tinha 56 anos de idade. Ele que foi a maior influência, para o bem e para o mal, em toda a vida de Kierkegaard. Portanto, grande parte das angústias e do desespero do filósofo dinamarquês podem ser creditados a austeridade do seu pai ao longo do tempo em que estiveram juntos.

O pai de Kierkegaard percebeu, logo nos primeiros anos de vida, que em seu filho havia algo de especial, e procurou criá-lo dentro desta percepção, de que o menino era bem diferente dos seus demais filhos intelectualmente, embora na escola, Soren Kierkegaard jamais deveria demonstrar aos demais toda sua sabedoria, deveria ser um aluno como qualquer outro.

Michael Kierkegaard era um homem de fé, mas não compreendia, quando jovem, porque sua vida e de sua família era tão dura. Ele e sua família eram propriedade de um sacerdote na localidade da Jutlândia, na Dinamarca. Trabalhavam pesado nas terras que pertenciam ao sacerdote. Ao que parece, “se deve a isso o nome de família – Kierkegaard é a forma dinamarquesa do inglês *churchyard* [adro ou pátio da igreja usado como cemitério].”<sup>26</sup>

<sup>25</sup> FARAGO, F. Compreender Kierkegaard, p. 13.

<sup>26</sup> STRATHERN, P. Kierkegaard em 90 minutos, p. 9.

Segundo um dos filhos de Michael Kierkegaard, ele mencionava a dureza da vida no campo, com fome e cansado, embora um homem profundamente religioso, não compreendia o destino que Deus havia determinado para ele e sua família. Em certo dia, como outro qualquer para Kierkegaard pai, de grande agonia e sofrimento no campo, chegou ao seu limite e amaldiçoou a Deus. Consta que, a partir dali sua vida mudou radicalmente.

Um tio distante lhe deu emprego como vendedor de roupas de lã, Kierkegaard pai se tornou um vendedor próspero, juntou dinheiro para casar-se e formar um lar, continuou a trabalhar com seu tio, por fim, herdou todo o negócio após a morte daquele e, portanto, Kierkegaard pai enriqueceu. Mas uma coisa lhe importunava a existência, jamais esqueceria o dia em que amaldiçoou a Deus. Logo, as adversidades que a vida lhe apresentou, foram interpretadas como o peso da “mão de Deus sobre sua vida”, uma característica muito comum da religiosidade daquele tempo.

O monge e Reformador Martinho Lutero (1483-1546) também foi um homem atormentado existencialmente em seu tempo, o que refletia de certa maneira o sentimento humano ao longo da Idade Média. Lutero e sua família possuíam uma imagem de Deus bem semelhante à de Kierkegaard pai, embora quatro séculos antes.

A piedade na casa paterna também não destoava da piedade reinante: submissão à Igreja e crítica aos maus costumes de monges e do clero secular. O mundo dos demônios e dos duendes era respeitado, razão pela qual Margaretha Luder providenciou a colocação de ervas apropriadas junto ao trempe [arco de ferro com três pés para por panelas], a fim de evitar, assim, maiores males para o seu lar. O Cristo apresentado era o do juiz, assentado sobre o arco-íris com espada de dois gumes na boca e olhos flamejantes. Ai de quem fosse encontrado quando ele chamasse.<sup>27</sup>

Portanto, a ideia a respeito do Deus julgador e punidor, fosse na Idade Média entre a família de Lutero ou já em plena Modernidade na família Kierkegaard, ao que parece, resistia em certas famílias cristãs, o que pode significar também um fator comum de famílias que possuem suas origens no contexto de atividades de vida bucólicas.

No entanto, em pleno século XXI ainda resiste em muitas Igrejas cristãs esta ideia do Deus severo que pune os seus filhos e filhas pecadores, portanto, não há

---

<sup>27</sup> DREHER, M. N. A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma, p. 23.

como negar, que esta ideia de Deus ainda traz grande angústia e desespero a muitos fiéis que lotam as igrejas cristãs no contexto brasileiro.

Segundo a mentalidade de Kierkegaard pai, Deus jamais esqueceria a ofensa que lhe fora desferida, fosse em vida ou no *post mortem*, o Deus punidor, o olho que tudo vê, não deixaria passar tamanha blasfêmia. No caso de Kierkegaard pai, ele viu ainda em vida, a sentença do juiz de toda humanidade.

Mas já o homem que havia amaldiçoado a Deus sentia fundo contra si a maldição. Sua primeira mulher morrera e ele havia se casado com a criada. Dos sete filhos, só dois sobreviveram. Então a segunda mulher também morreu. Soren Kierkegaard era o caçula, nascido quando o pai tinha 56 anos. Sua infância foi pontilhada regularmente por mortes na família. Já oprimido pelo destino e obcecado pela religião quando Soren nasceu, Kierkegaard pai tornou-se um tirano cada mais vez mais depressivo. Retirou-se do comércio para uma vida recolhida na sombra da mansão da família.<sup>28</sup>

France Farago (2006) é mais contundente e desvenda mais a fundo os pecados de Michael Kierkegaard ao realizar o sonho de construir uma família, lembrando que para Soren Kierkegaard, o seu pai era um exemplo para sua vida.

Soeren está com seis anos quando a morte entra pela primeira vez na residência da família, atingindo um de seus irmãos, o quinto filho. [...] Três anos depois, sua [irmã] mais velha, Maren Kristine, morre aos 25 nos em 1822. Dez anos mais tarde, é a vez da caçula, Nicoline, na idade de 33 anos. A partir desse momento vão se sucedendo os lutos, levando um depois do outro os filhos e as filhas. Em 1833, exatamente um ano depois, é a vez de Niels Andreas, destinado ao comércio, e que havia partido para América. Tinha 24 anos. No dia 30 de junho de 1834, Soeren perde a mãe, e depois, no dia 29 de dezembro do mesmo ano, falecia sua irmã predileta, Pétrea. Sobreviveram apenas Soeren e seu irmão mais velho Peter Christian.<sup>29</sup>

Embora rico, Michael Kierkegaard aos 56 anos era um homem atormentado por sua história de vida, pois compreendia que Deus, que jamais esquece, resolveu amaldiçoá-lo, retirando-lhe esposas e alguns filhos. No entanto, estes fatos não lhe deixaram mais piedoso, se tornou um homem de vida amarga, severo como a ideia que tinha a respeito de Deus, e quem pagou por todo este novo comportamento, foi o caçula Kierkegaard. Um pequeno exemplo pode revelar o que foi toda a vida de Soren junto com o seu pai até a separação dele. “Aos sete anos, Soren aprendia com o pai lógica à maneira deste. As declarações do menino eram submetidas a um exame perverso e ele era forçado a defender cada afirmação que fazia.”<sup>30</sup>

Portanto, as inúmeras dificuldades de relacionamento que Soren Kierkegaard passou ao longo de toda sua vida, deve-se muito a forma como o seu pai lhe educou,

<sup>28</sup> STRATHERN, P. Kierkegaard em 90 minutos, p. 17.

<sup>29</sup> FARAGO, F. Compreender Kierkegaard, p. 28-29.

<sup>30</sup> STRATHERN, P. Kierkegaard em 90 minutos, p. 18.



sempre à sua maneira, o que resultou em seu filho uma mente, que embora brilhante, acabou também por assimilar todo o desespero do seu pai, resultando em toda sua existência na marca do sofrimento, da angústia e do desespero.

A história de Soren Kierkegaard é a de uma discordância à procura da graça, ou seja, da unificação do eu. “Deus me concedeu a força de viver como um enigma” – escreveu Soren Kierkegaard em seu *Diário*, em 1847. E, em 1848: “Minha vida começou por uma terrível melancolia, foi perturbada desde minha primeira infância em sua base mais profunda – uma melancolia que durante algum tempo me precipitou no pecado e na devassidão e, no entanto, humanamente falando, era quase mais insensata que culpada”.<sup>31</sup>

Estas revelações em seu Diário são da fase de um Kierkegaard bem maduro, já passando dos seus 30 anos de idade. Quando se encontrava junto a algumas pessoas, ele lhes parecia repleto de vida, alegre, mas essa era mais uma de suas notáveis características, disfarçar perante as pessoas o que realmente se passava em sua alma, uma melancolia, uma tristeza como uma criança que está a chorar. “A predisposição para o humor depressivo era amplamente compartilhada pela família. Mas a esse fundamento fisiológico, hoje reconhecido, somava-se o tormento de uma história.”.<sup>32</sup>

Quando Soren Kierkegaard atingiu a idade de 25 anos, seu pai, que às vezes recorria ao álcool para afogar as mágoas da vida, portanto, nestes casos sempre embriagado, resolve contar ao caçula a verdadeira origem da família Kierkegaard. Michael Kierkegaard logo ficou viúvo do seu primeiro casamento, e sem cumprir o tempo do luto, costume à época, casou-se com Ana, a empregada da família, a questão não está em torno do rito do luto que não foi observado, mas a forma como esta união foi realizada. É possível que Michel Kierkegaard tenha seduzido ou mesmo violado Ana durante o período de luto da morte de sua primeira esposa. Os sete filhos nascidos foram todos desta “união” de Michael Kierkegaard com Ana Kierkegaard. Michel Kierkegaard, portanto, tinha muitos motivos também para ter uma mente atormentada por todo o seu passado.

[...] embriagado, contou o segredo das origens da família, acontecimento ao qual Kierkegaard se refere como um “grande terremoto”. Descobriu, então, que sob a grande figura paterna, tão importante e tutelar, se ocultava uma pessoa frágil, um pecador. Compreendeu que a penitência se havia obsessivamente apoderado da alma do pai – que ele nunca deixou de amar – e as repercussões que dentro do filho ressoaram acabaram lhe ensinando que o cristianismo, irreduzível à sua dogmática,

<sup>31</sup> FARAGO, F. Compreender Kierkegaard, p. 26.

<sup>32</sup> FARAGO, F. Compreender Kierkegaard, p. 26.

é uma relação existencial, coisa que seus professores, durante seus estudos de teologia, eram incapazes de fazer.<sup>33</sup>

Dentro do que foi exposto até o momento, já há indícios suficientes para compreender os sofrimentos que Soren Kierkegaard carregou ao longo de sua vida. Mesmo desabando o edifício da imagem que possuía do seu pai, como um homem perfeito, continuou a amá-lo, da mesma maneira quem em sua relação com Deus, embora certamente frustrado com a teologia que recebeu durante o tempo que estudou para ser pastor, não manteve uma postura de resignação em relação a ela, mas procurou filosoficamente refazê-la, aproximando as tormentas que carregava em vida com sua atitude de fé.

No entanto, é preciso dizer que nem mesmo aprofundando mais sua relação com Deus, se viu livre de todo o sofrimento que lhe pesava. O pensamento suicida foi muito presente na fase madura de sua vida. Kierkegaard via na fé em Deus a solução de todos os males da existência, de alguém que como ele, que vivia atormentando constantemente, por um acúmulo de eventos históricos que lhe geraram um sentimento de melancolia na alma.

Hoje, a medicina poderia identificar que Kierkegaard tinha um distúrbio no humor, o que poderia ser solucionado com os avanços dos tratamentos que dispomos atualmente.

Estive, desde os anos da minha juventude, sob o domínio de uma imensa melancolia cuja profundidade só encontra sua verdadeira expressão na faculdade que me foi prodigalizada na mesma proporção para dissimulá-la sob a aparência do bom humor e da alegria de viver – por mais longe que remontem minhas lembranças, a minha única alegria foi que ninguém conseguisse descobrir até que ponto eu me sentia infeliz: essa exata correspondência (entre minha melancolia e a minha virtuosidade para escondê-la) mostra que eu estava destinado a viver para mim mesmo e para Deus.<sup>34</sup>

Um elemento de fundamental importância neste ponto, é que Kierkegaard jamais compreendeu que a existência lhe era um fardo, ao contrário, seu desejo era de ter no mundo uma existência feliz, em que pudesse desfrutar das belas coisas da vida, mas a marca do sofrimento, da melancolia era mais forte no seu ser. “Amo ao extremo a vida terrestre; gostaria muito de ter dias bons, humanamente falando, divertir-me, gozar a vida.”<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> FARAGO, F. Compreender Kierkegaard, p. 27.

<sup>34</sup> FARAGO, F. Compreender Kierkegaard, p. 43.

<sup>35</sup> FARAGO, F. Compreender Kierkegaard, p. 43.

Ou seja, diferente do que se poderia imaginar, nem sempre Kierkegaard levou consigo este estado de melancolia, ele teve momentos de alegria em sua vida. A melancolia, o sofrimento foi lhe tomando a vida ao longo de sua história, devido aos acontecimentos que lhe deixaram marcas profundas no seu ser e acabaram por suplantam toda sua felicidade de estar no mundo.

“Nos dias da minha juventude, enquanto fervia o sangue dentro de mim e eu teria sido de bom grado como os outros, nos dias de amor, enquanto meu coração batia com tanta violência, aprendi a me comportar com o cristianismo como a única consolação que pudesse existir pra mim.”.<sup>36</sup>

Portanto, fica evidente nas próprias palavras de Kierkegaard que a religião, especificamente a fé cristã, jamais esteve ausente do seu ser. Ele afirmava que o cristianismo, ainda que certamente bem distinto do que sua forma atual, ou seja, mais rigoroso no seu tempo nas mensagens e na ideia de Deus, ainda assim, lhe servia de consolo aos momentos mais tristes de sua alma.

Kierkegaard herdou a fortuna do seu pai, que “deixou-lhe uma considerável fortuna de mais de 20 mil coroas. (Kierkegaard calculou que isso duraria de dez a vinte anos.). Da noite para o dia tornou-se um dos jovens mais ricos e um dos melhores partidos de Copenhague”<sup>37</sup>, não procurou ajuda para os seus transtornos, pelo fato que não havia conhecimento científico da área da medicina em seu tempo que pudesse desvendar os transtornos mentais que o atormentavam.<sup>38</sup>

Isto é, nem mesmo com tamanha fortuna e a fé no Deus cristão, segundo a imagem que dele possuía em seu tempo, impediram que Kierkegaard deixasse de sofrer angústia, desespero e depressão. Em meio a este sofrimento, pode-se afirmar que a fé para Kierkegaard pode não ter resolvido todos os transtornos que ele

<sup>36</sup> FARAGO, F. Compreender Kierkegaard, p. 44.

<sup>37</sup> STRATHERN, P. Kierkegaard em 90 minutos, p. 26.

<sup>38</sup> Mais à frente na pesquisa será apresentada a perspectiva histórica do suicídio, pela obra do historiador francês Georges Minois: “História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária”. São Paulo: Editora Unesp, 2018. Nesta obra será possível perceber que o suicídio sempre foi um fato corriqueiro nas sociedades ao longo da história humana. Em particular, as conclusões das investigações dos suicidas pelas autoridades policiais, pela medicina e da Igreja, em certos momentos históricos, indicavam um total desconhecimento do que temos hoje com os avanços da medicina investigativa. Portanto, o ato suicida sempre foi uma realidade em toda a história e nas camadas sociais de todas as formas culturais. Neste sentido, ser pobre não indicaria uma causa de suicídios mais comuns entre este estrato social, com os ricos o suicídio também foi corriqueiro na história, a questão aqui, que se assemelha a de Kierkegaard, é que não havia conhecimento científico suficiente que pudesse diagnosticar este mal e resolvê-lo a base de tratamentos que pudessem amenizar a depressão que pode levar ao suicídio. Hoje, mesmo com todos os recursos científicos que dispomos na área da medicina, o suicídio ainda é recorrente pelo mundo em todas as camadas sociais e culturas.

carregava em sua existência, mas ao menos lhe livrou do ato suicida, embora fosse um pensamento recorrente em sua fase de vida madura.

Assim eu ia levando a vida, favorecido de todos os modos no que se relaciona com o espírito e com a vida material... Tudo era dado e tudo se fez para desenvolver meu espírito e enriquecê-lo o máximo possível. Cheio de coragem, assim ia eu vivendo, animado de um orgulho quase temerário. Em momento algum da vida perdi a fé: querer é poder, salvo uma só coisa, lançar fora o fardo da melancolia que me mantinha prisioneiro [...]. Não demorei a aprender que triunfar era vencer no sentido do infinito, coisa que, no sentido do finito, equivale a sofrer. Assim, esta convicção estava de acordo com a inteligência profunda de minha melancolia, segundo a qual eu não me achava propriamente apto para coisa alguma (no sentido do finito).<sup>39</sup>

Há, portanto, uma clareza de que foi a fé no Deus cristão, primeiro recebida por Kierkegaard em sua infância e que na maturidade foi trabalhada por ele em sua teologia-filosófica, na busca pelo conhecimento do infinito que lhe trazia em seus piores momentos de melancolia, alívio e forças para continuar a viver.

Os raros momentos de seu Diário nessa época [sobre as lembranças de sua infância], nos mostram os sentimentos que ele experimentava sozinho diante de si mesmo. Dão testemunho da mais profunda melancolia. Era [obcecado] pela ideia do suicídio e, para driblar essa tentação, vivia em tal embriaguez intelectual que ele mesmo chega a falar de “onipresença da bela alma”. Ouçamos o balanço terrível dos seus anos de despertar: “Fiz para mim uma juventude de imitação.”.<sup>40</sup>

O humano, segundo o existencialismo de Kierkegaard, é ambíguo, e o sofrimento como tal é situação própria da condição humana no mundo por toda sua vida, portanto, ele possui a tarefa de unificação pessoal, mas esta só ocorre através da instância, que para Kierkegaard é “o poder eterno”. Para ele o sofrimento se funda na relação entre o humano em sua existência e a instância, que no cristianismo é chamado de Deus.

Para se chegar à instância, “o poder absoluto”, enfim, Deus, o humano deve retirar de sua existência o imediatismo. Um exemplo de uma existência imediatista, seria para Kierkegaard, o espírito “pequeno-burguês”, pois este em sua existência era o símbolo de quem ignorava qualquer instância. O que significaria que este modo de ser no mundo do “pequeno-burguês” era um terceiro elemento, estranho a relação do humano com “o poder absoluto”. Logo uma existência que ignorava uma relação fora das relações sociais, humanas, porque está mergulhado em uma vida de influências histórico-sociais que coordenam o seu comportamento, portanto,

<sup>39</sup> KIERKEGAARD, S. Ponto de vista explicativo de minha alma, OC XVI, p. 55 citado por FARAGO, F. Compreender Kierkegaard, p. 45.

<sup>40</sup> FARAGO, F. Compreender Kierkegaard, p. 44.

distante da instância, gerando uma vida que para Kierkegaard não é vida, pois não se relaciona em momento algum com Deus de forma autêntica.

Somente a união com o infinito, que cabe ao espírito procurar, pode curar a insatisfação da alma causada pelo finito. Eis por que a existência humana autêntica é escatológica: ele deve cruzar a fronteira (*finis*) do seu mundo para se abrir ao além de sua finitude. Kierkegaard, no entanto, chama nossa atenção para o fato de que existem duas espécies de melancolia. Boa melancolia é aquela que precede um parto do eterno que se vê forçado a realizar-se, que convida a acolher em sua vida pessoal o infinito que pode encerrar. Má é a melancolia que traduz o sentimento de estar perdido por não haver realizado a tarefa que nos fora designada no tempo, cuja irreversibilidade não perdoa as ocasiões malbaratadas. O homem, pode, então, por desespero, abandonar a partida, renunciar a si mesmo, baixar os braços, confessar-se vencido. Ora, o melancólico sofre uma dupla tentação: a de se perder no contato direto com a natureza e a vertigem dos sentidos, e a tentação de se perder em Deus sem lutar com Ele para manter a distinção, a união sem confusão nem divisão, que é a especificidade absoluta do cristianismo em oposição a todas as místicas do Extremo Oriente.<sup>41</sup>

### **2.3. O salto de fé kierkegaardiano como esperança ao humano em desespero**

Após algumas considerações sobre a vida de Soren Aabye Kierkegaard, o que deixou evidente que o seu estado constantemente de melancolia tinha como ponto de partida o seu relacionamento com a figura paterna, Michael Kierkegaard, chegou o momento das tratativas de sua teologia de cunho filosófico, portanto existencialista, a fim de buscar uma solução para o desespero humano, que evidente, é inegável à toda existência humana.

Kierkegaard acabou servindo de modelo para o mundo, de como, mesmo o humano de fé, extremamente religioso, conectado continuamente com o seu sagrado, vive momentos de angústia e sofrimento, gerados por transtornos psicológicos, que embora possam levar o humano a depressão e a culminância do suicídio, mesmo atualmente em que há inúmeras formas de contornar tal situação de desespero devido aos avanços científicos na área da medicina.

---

<sup>41</sup> FARAGO, France. Compreender Kierkegaard, p. 49. A teologia de Kierkegaard se manteve firme no campo teológico judaico-cristão, dentro do esquema da Aliança, que pode ser compreendido como o face-a-face, “sem se dissolver no infinito divino ou expandir-se no fluxo vital, impessoal da natureza.” FARAGO, France. Compreender Kierkegaard, p. 49. Logo, a natureza para Kierkegaard era lugar do encontro, de paz, calma e silêncio, cujo coração humano se abriria à eternidade. Neste sentido, a alma profunda está sempre confusa, em conflito com o mundo, que não apresenta outra forma de linguagem, a do dia a dia, e quando pior a do rito sempre próxima da blasfêmia ou profanação. “O que saciava a alma de Kierkegaard era o sentimento da unidade que esses instantes [encontros com a natureza] lhe conferiam, o sentimento da graça que se obtém no amor que se recolhe e ora. FARAGO, F. Compreender Kierkegaard, p. 49.

Como afirmado mais acima, Kierkegaard, embora abastado pela herança que recebe do seu pai ainda jovem, vivendo na Europa do século XIX, não tinha acesso a estes tratamentos que conhecemos hoje, pois eles não existiam para diagnosticar a origem de sua constante melancolia. O que justifica o seu profundo mergulho na produção de sua teologia existencialista, embora manifestada em linguajar, por vezes, extremamente complexo porque filosófica.

Portanto, é preciso compreender o “salto da fé” no existencialismo de Kierkegaard, como uma forma de recorrer ao sagrado a fim de que o sofrimento humano, embora incurável, faz com que o humano em desespero, chegue até Deus, “pelo salto” da fé, portanto, aprendendo a conviver com tal moléstia seguindo em sua existência, amadurecendo em sua relação com esta instância, com “o poder eterno”, o Deus do cristianismo.

O teólogo e filósofo teuto alemão, Paul Tillich (1886-1965), quando ministrou suas aulas na Escola de Teologia da Universidade de Chicago, durante a primavera de 1962-1963, aulas que originaram a obra “Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX”, que em sua parte D, “A teologia existencial de Kierkegaard”, inicia sua reflexão a respeito deste dinamarquês como alguém que elaborou um surpreendente trabalho que combinava a filosofia existencialista com a crítica avivalista, portanto, pietista. O Pietismo foi a

reação contra a ortodoxia protestante que ocorreu no norte da Europa, especialmente na Alemanha, na segunda metade do século XVII. [...] O Pietismo pretendia voltar às teses originárias da Reforma Protestante: livre interpretação da Bíblia e negação da teologia; culto interior ou moral de Deus e negação do culto externo, dos ritos e de qualquer organização eclesiástica; compromisso com a vida civil e negação do valor das denominadas “obras” de natureza religiosa. Deste último aspecto deriva a aceitação de muitos ensinamentos de caráter prático e utilitário nas institucionais pietistas.<sup>42</sup>

Historicamente, Kierkegaard se une as importantes críticas de dois outros grandes nomes da filosofia do século XIX, Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Nietzsche (1844-1900), embora Tillich rememora que nenhum destes três foi reconhecido em “escala mundial no século XIX”.<sup>43</sup>

Para Tillich, no início do século XX, muitos teólogos que começaram a ter acesso aos textos de Kierkegaard ficaram entusiasmados, pois já não podiam aceitar as doutrinas ortodoxas, dos teólogos conservadores (positivos) que ignoravam a

<sup>42</sup> ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia, p. 891.

<sup>43</sup> TILLICH, P. Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX, p. 175.

escola histórico-crítica, em seus trabalhos honestos sobre o Novo Testamento, ao mesmo tempo que aqueles estudantes sentiam a falta do misticismo, a novidade veio com os escritos de Kierkegaard. “Sua combinação da intensa piedade que alcançava as profundezas da existência humana com a grandeza filosófica recebida de Hegel, tornou-o importante para nós.”.<sup>44</sup> A reconciliação proposta por Hegel, que estaria na mente do filósofo, foi a grande crítica de Kierkegaard, que a negava. O humano não poderia ser reconciliado pela reconciliação advinda da mente do filósofo.

Tillich (2004), ressalta três aspectos fundamentais da teologia existencialista de Kierkegaard, que foram determinantes para o seu reconhecimento no século XX, embora o próprio Tillich prefira abordá-lo em seu próprio momento histórico. Enfim:

- (a) Religiosamente, porque seus escritos religiosos são tão importantes hoje como nos dias em que foram escritos. (b) Enquanto inspiração da teologia dialética, chamada de neo-ortodoxa aqui nos Estados Unidos. Na Europa, em geral, chamamos-lhe de dialética por causa de sua relação com Hegel, posto que este termo representa o princípio básico do pensamento de Hegel. (c) Enquanto inspiração de Heidegger, o filósofo que deu o nome de Existencialismo ao movimento derivado de Kierkegaard.<sup>45</sup>

Para Kierkegaard, a existência era o lugar da decisão entre o bem e o mal. O humano se encontra na trágica situação em que o mal não pode ser evitado, ele assinalava a alienação da situação humana, a reconciliação só poderia vir de Deus, de sua vida interior, e não da condição humana.

Mais acima foi observado que o humano é condicionado pelo movimento histórico-cultural que ele pertence, logo, o contexto social influencia, como no caso de Hegel e Kierkegaard em suas especulações filosóficas.

Hegel não compreendia a situação do humano em termos de ansiedade e desespero, pois nasceu num lar burguês, portanto bem mais seguro psicologicamente para superar os percalços da vida, ao passo que Kierkegaard, como já aventado acima, carregava consigo uma melancolia na alma, causada pelas revelações dos pecados do seu pai a ele, inclusive o mais grave, a maldição que Michael Kierkegaard havia desferido a Deus em sua juventude, a qual o filho acreditava que havia recaído sobre sua vida, uma espécie de “maldição hereditária”,

<sup>44</sup> TILLICH, P. Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX, p. 175.

<sup>45</sup> TILLICH, P. Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX, p. 176.

teologia comum no judaísmo que Jesus dissolveu e que, de forma inacreditável ainda ronda muitas Igrejas Evangélicas pentecostais e neopentecostais.

A experiência da solidão individual tem muito a ver com a condição pessoal melancólica de Kierkegaard, bem como o sentimento da realidade irreconciliada. Antecipa-se aí, novamente, o existencialismo atual. O indivíduo coloca-se diante de Deus, solitário, e o processo do mundo não pode libertá-lo da tremenda responsabilidade em face da situação em que vive.<sup>46</sup>

Esta solidão está na própria finitude do humano e está relacionada com a alienação, não é uma finitude que se identifica com o infinito, mas que pertence a própria condição do humano no mundo, ou seja, inseparável dele. A ansiedade sobrevém ao humano porque ele é finito, e o seu desespero é porque a ansiedade é vivida em solidão. Para Kierkegaard há tipos de ansiedade.

Em sua explanação, ele toma como base a narrativa do Gênesis sobre a queda, é através dela que ele desenvolve seus argumentos psicológicos. Tillich, interpreta esta queda relacionada ao Adão que está vivo dentro de cada humano, buscando explicitar este exemplo de ansiedade elaborado por Kierkegaard.

Neste sentido, esta ansiedade é causada pela própria liberdade que o humano possui duplamente. Portanto, podendo não realizá-la, assim, não experimentando sua verdadeira existência, mas há a possibilidade de obtê-la e, podendo perder sua própria identidade. “Essa dupla ansiedade de se realizar e ter medo de se realizar é vivida por todos os adolescentes em relação ao sexo, aos pais, à tradição em que vivem etc. Trata-se sempre da questão da realização ou da não realização das potencialidades humanas.”<sup>47</sup>

O humano sempre busca realizar-se, isto também pertence a sua existência, porém, quando esta tentativa causa a queda, surge um outro tipo de ansiedade, que é a culpa ou o desespero, este último é o extremo da culpa. Para Kierkegaard, todos os humanos passam por esta culpa, o que ele chama de “enfermidade”<sup>48</sup>. Há neste momento um conflito entre o espírito e a matéria no humano.

<sup>46</sup> TILLICH, P. Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX, p. 177-178.

<sup>47</sup> TILLICH, P. Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX, p. 178-179.

<sup>48</sup> Paul Tillich recomenda que todos os teólogos deveriam ler duas obras fundamentais de Kierkegaard, “O conceito de angústia” e “A doença para morte”. Tillich completa dizendo o seguinte: “Sempre critiquei o título da tradução inglesa do primeiro: *The concept of Dread*, porque *dread* é diferente de *anxiety* (angústia ou ansiedade), *Dread* em inglês conota algo repentino, enquanto que Kierkegaard está descrevendo um estado ontológico humano. Hoje em dia o termo *anxiety* está substituindo *dread* para descrever o estado que Kierkegaard tinha em mente. *O conceito de angústia*, de qualquer maneira, é fundamental sobre a teoria da ansiedade. Essa teoria tem sido agora estudada por muita gente, de maneira mais completa, havendo enorme literatura a respeito, como as obras de gente como Freud e Rollo May.”. TILLICH, Paul. Perspectivas da teologia protestante dos séculos XIX e XX, p. 178. Os livros citados por Tillich são facilmente encontrados



[...] a finitude do espírito humano, a experiência de conflito interno, o desejo de nos livrarmos de nós mesmos e a incapacidade de cometermos suicídio<sup>49</sup>, posto que a consciência de culpa nos leva a crer que ninguém pode escapar da situação em que se encontra. Uma coisa deve ser clara: o termo “culpa” significa tanto o estado objetivo de sermos culpados por fazer coisas erradas, como o *sentimento* da culpa.<sup>50</sup>

Tillich chama a atenção que abolir a culpa, é um conselho ambíguo. Ele cita o exemplo de um neurótico, que se defende a partir de uma culpa imaginária, portanto, subjetiva, porque não é capaz de enfrentar a realidade que lhe revela a sua culpa objetivamente. Neste sentido, a culpa verdadeira, a qual ele não é capaz de enfrentar, se torna alienação ao seu próprio ser.

A solução, para sair deste estado de culpa e alienação, causado pela própria ação humana, o risco que ele corre ao tentar realizar-se, tem que vir de fora, lhe é dado. A doutrina do “salto”, elaborada por Kierkegaard, reflete que a queda do humano ocorre por um “salto” irracional.

Porém, há o “salto da fé”, que não pode vir do próprio humano, ele não possui as condições de superar a ansiedade e a alienação. Este “salto da fé” na perspectiva de Kierkegaard também é um ato irracional. Enfim, esta solução, que ajuda ao humano a dar continuidade para sua vida, ainda que constantemente com esta “doença para morte”, a angústia e o desespero”, só pode vir, para Kierkegaard, de Jesus de Nazaré, ele que revelou ao mundo uma religiosidade particular.

Para Kierkegaard o pecado é uma ação comum e necessária ao humano, pois somente através deste ato irracional, Cristo pode ir ao seu encontro. Afinal, quando

---

no mercado editorial brasileiro, com as versões da editora Vozes, fiéis em sua tradução a partir da edição crítica dinamarquesa, *Søren Kierkegaard Skrifter* (Escritos de Søren Kierkegaard), diferente das edições anteriores em português traduzidas do francês, as quais o título era “O desespero humano”, enfim, são elas: KIERKEGAARD, Søren. A doença para morte. Petrópolis, RJ: Vozes: 2022. KIERKEGAARD, Søren. O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológica-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

<sup>49</sup> Como será observado mais à frente, o suicídio sempre foi um ato comum do humano em estado de angústia e desespero, óbvio, gerado por diversas causas dentro de sua existência histórico-cultural. Provavelmente Kierkegaard, que pensou por inúmeras vezes atentar contra sua própria existência, mas não o fez, estava certamente se referindo a sua própria situação no mundo como exemplo para outros humanos, podendo superar, em Deus e pelo “salto da fé”, o desejo de eliminar a dor da alma através do atentado contra sua própria vida. Sabe-se que Frei Tito de Alencar Lima, homem de fé, apaixonado pela vida, que buscou fazer da vida de Cristo a sua, a fim de se libertar-se do seu sofrimento humano, da doença, o transtorno mental que lhe sobreveio com a tortura, cometeu suicídio, doença, é verdade, que não era pré-existente, mas que lhe foi imputada na “sucursal do inferno”, a particular dependência do DOPS (Departamento de Ordem Política Social”, que assim foi nomeada para particularmente torturar psicológica e fisicamente todos os que fossem suspeitos pelos militares, inclusive clérigos da Igreja Católica pela ditadura civil e militar brasileira (1964-1985).

<sup>50</sup> TILLICH, P. Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX, p. 179.

Jesus Cristo esteve no mundo, manteve uma postura preferencial pelos pobres pecadores, Jesus nunca abençoou vidas que dele não necessitassem, até mesmo porque, aqueles são, que ele afirmou que não precisavam dele por se acharem perfeitos em suas existências na observância da Lei em suas adorações a Iahweh.

Os fariseus e seus doutores da Lei se queixavam com os discípulos, dizendo: “Por que vocês comem e bebem com cobradores de impostos e pecadores?” Jesus lhes respondeu: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, e sim os doentes. Eu não vim chamar justos, e sim pecadores, para conversão.”<sup>51</sup>

Certamente estes “sãos” eram os mais adoecidos existencialmente, como Tillich afirmou em sua Teologia Sistemática (nota 45), é suspeita a afirmação do humano quando diz: “Será que há pessoas capazes de tomar essa atitude e dizer: “eu sou um verdadeiro cristão?”<sup>52</sup>. No contexto do judaísmo seria possível alguém dizer, eu sou um perfeito judeu fiel a Iahweh? Bem, o encontro de Jesus com a mulher pega em adultério já responde a esta questão (Jo 8).

O salto da fé é desenvolvido em três estágios trabalhados por Kierkegaard e que segundo ele é vivido por todo o humano, são eles: o estético, o ético e o religioso.

A estética em Kierkegaard em nada tem a ver com a relação do humano com a cultura, com as artes, a música etc. Mas sim com o desinteresse de sua própria existência, um relaxamento com sua própria vida. O distanciamento pode existir em aspectos particulares, como numa análise científica de certos fatos históricos, enfim é uma atitude comum em certos campos da ciência acadêmica a fim de compreendermos melhor a realidade que nos envolve, por exemplo. Mas não é o caso aqui tratado, sobre o humano desinteressado por sua própria condição no mundo.

No estágio ético, este distanciamento jamais pode ocorrer, o distanciamento do ser em si mesmo, para Kierkegaard é um autoisolamento compreendido por ele como demônico, não um ser espiritual que o influencia em sua autodestruição, mas uma atitude psicológica que parte dele mesmo, sem rumo, por vezes buscando esperanças na realidade histórico-cultural, a qual não encontrará.

A superação deste estado demônico da alma, vem pela ética do amor.

O amor rompe com as barreiras e liberta as pessoas do auto-isolamento, conquistando o demônio. Ao se abrir, o amor cria as relações amorosas. Aceita a ética objetiva de Hegel, a ética da família, da vocação, do Estado etc. No nível

<sup>51</sup> Lc 5,30-32. Bíblia Pastoral.

<sup>52</sup> TILLICH, P. História do pensamento cristão, p. 276.

estético o sexo apenas produz isolamento. No estágio ético, o amor supera o isolamento e gera responsabilidade. O sedutor simboliza a irresponsabilidade para com os outros, manipulando-os apenas esteticamente. O estágio ético só pode ser alcançado por meio da responsabilidade.<sup>53</sup>

A ética objetiva de Hegel, utilizada por Kierkegaard, nunca foi realizada em sua própria vida. Neste sentido, vivia de seus escritos, mas nunca foi visto como um bom escritor no seu tempo, ele fracassou, ainda que não por culpa sua com a família, também com a Igreja e no amor, rompendo o noivado com a mulher, dez anos mais nova que ele, Regina Olsen, que o amava e ele também a ela, após o rompimento estava sempre numa espécie de estado platônico amoroso vivido em relação a ela pelo restante de sua vida. Sua incapacidade de vencer este demônico, o autoisolamento, porque a melancolia não abandonava sua existência, não foi feliz no amor, embora chegasse perto, pois havia firmado o noivado com Regina, um rompimento que se uniu a uma série de outras culpas que carregava em sua vida.

É impressionante como uma mente brilhante como a de Kierkegaard buscou resolver os problemas da melancolia contínua em sua vida, mas que fracassou e acabou por socorrer a muitas outras pessoas em tal situação semelhante a sua ainda hoje no mundo.

O terceiro e último estágio é o religioso, que significa a superação dos estágios estético e ético. Este estágio é capaz de produzir na existência humana uma infinita paixão. “A religião conserva duas possibilidades em seu interior, identidade e contraste. O princípio de identidade baseia-se no misticismo: a identidade do infinito com o finito. O princípio da distância se baseia na alienação, na finitude e culpa presentes na situação humana.”<sup>54</sup>

Kierkegaard elabora dois tipos de religiosidade, as quais ele chama de Religiosidade A, tendo como representante Sócrates, portanto um legítimo representante da filosofia grega e, a Religiosidade B, tendo como representante único do sagrado maior do cristianismo Jesus Cristo.

Para Kierkegaard, estes dos personagens históricos, óbvio, são existencialistas, embora distintos em sua relação com Deus. Não foram meros professores que comunicaram conteúdos, mas se relacionaram diretamente com outras pessoas. Há muitas coisas em comum entre estes personagens, nem Sócrates e nem Jesus escreveram coisa alguma, mas são fundamentais à filosofia e ao

<sup>53</sup> TILLICH, P. Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX, p. 181.

<sup>54</sup> TILLICH, P. Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX, p. 182.

cristianismo, sobre suas vidas e ensinamentos se debruçam uma quantidade absurda de pensadores pelo mundo ainda hoje.

Para a Religiosidade A, de Sócrates, a verdade já se encontra nas pessoas, através do exercício dialético ou existencial faz com que as mais simples vidas no mundo, consigam compreender problemas complexos em sua metodologia designada com maiêutica (parturição das ideias), lembrando que mãe de Sócrates era parteira, e isso lhe serviu de inspiração para que ele pudesse levar as pessoas ao “encontro da luz”, à sabedoria para compreender e lidar com as coisas do mundo em seus processos histórico-culturais. “Pressupunha, naturalmente, a ideia platônica de que a alma humana se relaciona eternamente com todas as essências das coisas.”.<sup>55</sup>

Para Tillich, a diferença que há entre Sócrates e Jesus não parte da distinção do saber filosófico e religioso/teológico, aliás, Tillich chega a afirmar que Sócrates foi um líder religioso. A diferença, segundo Tillich, é que Sócrates, embora transforme a vida das pessoas, não a faz de forma que transforme a totalidade das pessoas, o que certamente está na Religiosidade B, a de Jesus Cristo. Deus não está no homem, mas separado dele pela alienação, pelo pecado e pela culpa, o que o possibilita ser alcançado pelo sagrado que vem de encontro a ele gratuitamente.

O próprio Pai de Jesus saltou no tempo enviando-o ao mundo, nada disso vem do humano, mas é lhe dado, um presente do Pai à humanidade. O mestre Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus é quem salva o humano, inclusive de sua situação existencial de angústia e desespero, Sócrates permanece como mestre existencial, mas não pode ir além, Jesus é mestre existencial e salvador da vida humana, que transforma o humano por inteiro.

A metáfora do “salto” é distinta das verdades produzidas pelas ciências, Kierkegaard afirmava que: “Verdade é incerteza objetiva mantida numa experiência apaixonada e muito pessoal. Trata-se da verdade da mais alta verdade capaz de ser alcançada pelo indivíduo existente.”.<sup>56</sup> Esta afirmação de Kierkegaard define o “salto da fé” proposto por ele ao humano, além do conceito de verdade dentro desta perspectiva. A “incerteza objetiva”, pode ser compreendida como o objetivo da teologia, que não se baseia na certeza objetiva, esta que já foi tentada por muitos

---

<sup>55</sup> TILLICH, P. Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX, p. 183.

<sup>56</sup> TILLICH, P. Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX, p. 184.

filósofos, por exemplo, Hegel, mas incapaz de resolver a situação entre o humano e Deus.

O homem [humano] está fora dessa essência como Deus está fora dele. Portanto, é impossível alcançar a certeza objetiva na religião; a fé será sempre uma incerteza objetiva. A verdade objetiva da ciência não é a mesma verdade existencial. Kierkegaard não negaria a possibilidade da verdade científica, mas essa verdade seria apenas a do distanciamento. Não seria a verdade do envolvimento; não seria a verdade existencial. A verdade existencial é sempre incerteza objetiva, e, por outro lado, certeza subjetiva, ou experiência pessoal e apaixonada, muito embora impossível de se objetivar. Trata-se da certeza do salto.<sup>57</sup>

Evidente que esta teoria do “salto da fé” de Kierkegaard sofreu diversas críticas, tanto no seu tempo, como ainda hoje. O “salto da fé” só pode manter-se de maneira apaixonada, segundo Kierkegaard. É no poder da paixão, constatável no humano, que esta verdade que “limpa a alma”, ainda que numa situação momentânea, portanto específica, pode ser alcançada pelo humano.

Este presente dado, Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus, lhe está acessível, ele que transforma o humano por inteiro, ainda que este humano permanecerá ao longo de sua existência como pecador. Neste sentido o “salto da fé”, totalmente possível ao humano em desespero, ainda que irracional, segundo o que Kierkegaard percebia, deve ser realizado em diversos momentos da existência do humano dentro da história e em sua cultura. É a experiência particular, o encontro constante com Cristo pela fé que o alivia de suas muitas dores existenciais.

É a preocupação suprema sobre o eterno destino humano, questão do significado da vida. Difere, pois, da verdade obtida em termos de objetividade científica aproximada. Quando empregamos o termo “subjetividade” para descrever a ideia de Kierkegaard da verdade existencial, por favor, evitem o erro de equacioná-lo como mero desejo ou vontade. A palavra tem essas conotações hoje em dia. É, portanto, difícil de entender pensadores como Kierkegaard e, em geral, todos os clássicos. “Sujeito” quer dizer quem fala, levantado sobre si mesmo, *subjectum*, que está por baixo. O homem [humano] é *sub-jectum*, levantado sobre si mesmo, e não *objectum*, objeto oposto ao sujeito que o contempla. Se o homem [humano] fosse mero objeto tornar-se-ia uma coisa. Eis aí a doença de nossa época. O protesto da subjetividade não é o protesto do desejo ou da vontade. É o protesto da liberdade, do indivíduo criativo, da personalidade, do homem envolvido na trágica situação de ter que decidir em seu estado de alienação. Aí está uma espécie de sumário da teologia de Kierkegaard.<sup>58</sup>

Existência humana que neste capítulo orientou-se no existencialismo de Kierkegaard, em sua afirmação que todo o humano está em constante desespero. Embora esta afirmação possa parecer um exagero, será possível constatar nesta

<sup>57</sup> TILLICH, P. Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX, p. 184.

<sup>58</sup> TILLICH, P. Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX, p. 185.

pesquisa que o suicídio revela este estado existencial melancólico desde os tempos mais remotos dentro das relações sociais históricas.

O próximo capítulo buscará apresentar esta constatação, embasada a partir de dois importantes pesquisadores franceses, da Sociologia e da História, respectivamente Émile Durkheim (1858-1917) e Georges Minois, nascido em 1946 e hoje se encontra com 76 anos de idade.

As pesquisas destes franceses em suas áreas específicas de atuação serão fundamentais a esta pesquisa, portanto, apresentado que o suicídio, segundo os objetivos desta pesquisa é um fato social e que afeta diretamente o humano em todos os contextos sociais diversos, em todas as camadas sociais e ao longo da história do comportamento humano no mundo, com provas documentais de que é um ato, infelizmente, mais comum do que se quer perceber e que sofre, ainda que hoje menos, a importância devida.

Por fim, para conclusão deste capítulo ficam as palavras de Paul Tillich, que se ajustam à Teologia Existencialista de Kierkegaard, quando se trata de uma ação ou “salto da fé”, como propôs Kierkegaard.

Difícilmente haverá alguma palavra na linguagem religiosa – seja ela erudita ou popular – que tenha sido mais incompreendida, distorcida e mal definida do que a palavra “fé”. [...] Fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente. Como todos os outros seres vivos, o homem se preocupa com muitas coisas; sobretudo ele se preocupa com as coisas tão necessárias como alimento e moradia. Mas à diferença de outros seres vivos, o homem também tem preocupações espirituais, isto é, estéticas, sociais, políticas e cognitivas. Algumas dessas preocupações são urgentes, muitas vezes até extremamente urgentes, e cada uma delas, tanto quanto as exigências do sustento, pode ser considerada como imprescindível para a vida de um indivíduo bem como de toda uma comunidade. Quando isto acontece, a preocupação em foco exige dedicação total por parte daquele que aceita essa exigência. Mas ao mesmo tempo ela promete realização perfeita, mesmo se outras exigências passam para o segundo plano ou mesmo precisam ser rejeitadas. Quando um povo faz da vida e do crescimento da nação a sua preocupação suprema, é exigido que se lhe sacrifiquem todas as outras coisas, como sejam bem-estar, saúde e vida, família, valores cognitivos e estéticos, justiça e humanidade. As formas extremas de nacionalismo como as conhecemos em nossa época servem até de modelo para verificarmos os efeitos de uma “preocupação suprema”, sobre todos os âmbitos da existência humana, até nas questões mais triviais da vida cotidiana. Tudo deve servir ao deus único: a nação. Quando finalmente esse deus também se evidencia como um demônio, ele demonstra claramente a exigência incondicional levantada por toda preocupação suprema.<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> TILLICH, P. Dinâmica da fé, p. 5-6.

### **3. Considerações a respeito do suicídio. Por que deixar de ser?**

Neste momento, apresenta-se o ápice do drama da existência humana no mundo, pergunta-se por que algumas pessoas desejam ou até mesmo atentam contra suas próprias vidas? O que as motivou a cometer um ato, que dentro da concepção cristã, pode ser compreendido como um “atentado” contra o próprio criador?

Para isso utiliza-se, num primeiro momento, a maior parte do capítulo, as pesquisas do sociólogo francês Émile Durkheim, sua obra já clássica no assunto, “O suicídio” que se torna a base deste capítulo, segundo o olhar sociológico de Durkheim no momento histórico em que fez suas pesquisas que originaram nesta sua publicação.

Por fim, procurou-se a resposta ao suicídio dentro da perspectiva da história, junto a outro francês, Georges Minois. Ambos os autores, referências em suas áreas de atuação, trataram do problema do suicídio dentro dos segmentos religiosos de grande expressão, o judaísmo e o cristianismo.

#### **3.1. A importância da sociologia de Émile Durkheim para os estudos sobre o suicídio: a divisão do trabalho social.**

A expressão “sociologia da ordem”, utilizada por muitos sociólogos ao longo da história desta ciência, pode ser amplamente conhecida através dos estudos desenvolvidos pelo francês Émile Durkheim<sup>60</sup> (1858-1917), para ele, o todo supera as partes, portanto, segundo Durkheim o humano, o sujeito social é inteiramente dependente da sociedade que habita e desenvolve os seus hábitos, “[...] o indivíduo não tem condição de sobreviver sem uma sociedade que o ampare, molde e transforme.”.<sup>61</sup>

Portanto, os sujeitos sociais são, neste sentido sociológico, aquilo que a sociedade determina para suas vidas, caso possuam um comportamento anômalo em relação as regras estabelecidas por este organismo e sua ordem, ela se volta contra o indivíduo, assim como um corpo estranho é eliminado pelos anticorpos que são produzidos biologicamente no corpo humano pelo sistema imunológico.

---

<sup>60</sup> Algumas obras de destaque de Émile Durkheim, que estão frequentemente nas academias de Ciências Sociais e Humanas são: A divisão do trabalho na sociedade; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa

<sup>61</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 33.

A condenação ao suicídio é uma evidência clara nas sociedades Ocidentais em que o cristianismo, objeto religioso deste estudo, se faz presente e é o mais claro motivo desta condenação. Unindo o ato suicida as categorias sociológicas de Durkheim, há uma dupla condenação, a religiosa, o que geralmente permanece ainda hoje, inclusive condenando os suicidas a um *post mortem* de tormento eterno, e ainda, em muitos casos, relegando à família do suicida uma espécie de maldição histórica. Estas afirmações ficarão claras não só através da sociologia de Durkheim, mas também através da obra do historiador francês Georges Minois, “História do suicídio”, que será analisada no próximo subtema desta pesquisa.

Durkheim é o fundador da sociologia, e a base para construção desta ciência foi a ciência natural, para assim definir o alvo da ciência social, o seu objeto de estudo. O modelo foi a ciência natural, mas suas influências diretas para o desenvolvimento de sua sociologia foram o darwinismo, o socialismo e a filosofia racionalista, especificamente de Immanuel Kant (1724-1804), “embora tenha criticado todas e exposto as relações da sociologia com outras ciências, separando os respectivos objetos e enfoques, estabelecendo possíveis encadeamentos entre elas, em especial com a história e a psicologia.”.<sup>62</sup>

A fim de discutir a questão do suicídio como consequência da ausência de solidariedade no organismo social, deixando o indivíduo sem condições de sobreviver nela, segundo os estudos de Durkheim, e para os interesses deste ponto da pesquisa, portanto, reiterando os aspectos histórico-culturais, é necessário a abordagem sobre sua tese de doutorado, defendida em 1893, que foi publicada em português com o título de “A divisão do trabalho na sociedade”.<sup>63</sup>

Se o sujeitos sociais são aqueles que compõe o todo ou organismo social, dando a ele sua forma, ou seja, sua diversidade de leis, por exemplo, morais e penais, neste sentido, o suicídio está diretamente relacionado a este organismo social, portanto, nos estudos de Durkheim, evidente que relacionados ao seu momento de produção histórico-cultural, aponta, como se verá mais adiante, que é a sociedade que faz com que o sujeito social cometa o atentado contra a sua própria vida, pois ele sofreu alguma penalização da mesma, seja moral ou penal, portanto,

---

<sup>62</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 34-35.

<sup>63</sup> No Brasil, a Editora Martins Fontes possui os direitos de publicação de algumas obras de Émile Durkheim e, neste sentido, o título desta obra, anteriormente, a tese de Durkheim, foi publicado no Brasil como: “A divisão do trabalho social”, este título se refere a 3ª ed., de 2008.



perdendo o seu elo de ligação com ela, o suicida não se percebeu mais como um elemento do todo, do organismo, desde que compreendeu que ela, a sociedade, não se volta mais a ele de maneira solidária.

Portanto, o livro buscou compreender “a essência da alma coletiva”<sup>64</sup>, o que ele fez comparando diversas sociedades, utilizando o método empírico-indutivo, a fim de alcançar esta alma da realidade social.

A divisão do trabalho na sociedade, apresenta o organismo social de algumas sociedades, para ele, aquelas que possuem uma organização do trabalho e as que não possuem esta característica. Durkheim desenvolveu seus estudos dentro do número de crimes ocorridos em algumas sociedades que analisou, comparou e quais as soluções que foram tomadas.

O direito foi tido como manifestação da consciência coletiva, o substrato comum, a alma difusa de cada sociedade. O fato jurídico é, pois, um fato social, é regra de conduta sancionada e observável como exterior, sendo percebido como expressando todas as variedades da solidariedade social. Assim, poder-se-iam estudar as causas (solidariedade) pelos efeitos que provocam (direito).<sup>65</sup>

Segundo Durkheim, as sociedades que punem os delitos dos indivíduos que a compõem, o que se pode compreender como direito repressivo, buscando fazer com que o transgressor se enquadre às suas leis, estas, são sociedades que não possuem a divisão do trabalho social. Neste aspecto, os indivíduos que compõem este modelo de sociedade, são geralmente percebidos como semelhantes, em certos casos, a diferença está apenas na questão que envolve o sexo e a idade dos sujeitos sociais, contudo, o tratamento quanto às questões criminais é semelhante.

Para Durkheim, estas sociedades possuem características de uma “consciência coletiva”, que como já apresentado, tem a capacidade de moldar os indivíduos à sua maneira. Estas sociedades,

[...] podem ser chamadas de segmentares, por exemplo, a sociedade de clãs, segmentos que executam funções semelhantes e processos similares na vida social, todos caçadores, ou todos agricultores, e papéis sociais são cumpridos de forma semelhante. O cimento que une esses organismos individuais a esse corpo coletivo, como as células em um tecido, é a *solidariedade mecânica*, por repetição.<sup>66</sup>

Estas sociedades abordadas, ausentes de uma divisão do trabalho social, segundo Durkheim, possuem o aspecto da solidariedade, contudo em sua forma mecânica, ou seja, são sociedades que pouco alteram sua forma de comportamento

<sup>64</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 35.

<sup>65</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 35-36.

<sup>66</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 36.

social ou procuram permanecer indiferentes a ação do tempo, as incertezas históricas não modificam, por exemplo, sua atividade econômica, que se mantém justamente por esta *solidariedade mecânica*.

Para Durkheim, em seu exemplo sobre a criminalidade de certas formas sociais em sua divisão do trabalho social, em que se dividem para ele, em sociedades frias e sociedades quentes,

a consciência coletiva é explicitada como “conjunto de crenças e sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade, formando um sistema determinado que tem sua vida própria (DURKHEIM, DTS, 1978, p. 74), difusa em toda sociedade, geral, representando as similitudes sociais e formando o tipo psíquico dos seres sociais. Os indivíduos passam, ele permanece. O crime é, portanto, aquilo que agride a consciência coletiva.”<sup>67</sup>

Nas sociedades que apresentam a divisão do trabalho, o direito que pune, também tem a função de restituir a coesão social aparentemente perdida. Isto porque a coesão social depende de cada um dos sujeitos sociais, é a ideia do todos para com todos. Aqui Durkheim apresenta, partindo da biologia, que existe uma solidariedade orgânica. A coesão social só se realiza dentro desta solidariedade apresentada pelo diferente. Neste sentido, as sociedades são formadas por sujeitos sociais, que embora de pensamentos e atitudes distintas, mantêm a coesão do grupo para determinadas situações, como se viu, nas questões criminais.

Esses dois tipos estruturais são, assim, classificações de tipos de sociedades, identificadas pelos dois tipos de direito, repressivo e repositivo, que, por sua vez, denotam a presença ou não da divisão de trabalho. É uma lei da história, para Durkheim, a preponderância da divisão do trabalho sobre sua ausência, ou, em outras palavras, as sociedades evoluem das mais simples para as mais complexas, predominando a especialização, a solidariedade orgânica sobre a mecânica.<sup>68</sup>

A questão está pautada na evolução social, ou seja, ao longo da história as sociedades passam por mudanças morfológicas que se expressam, segundo Durkheim, dentro da divisão de trabalho que por elas é operacionalizada. Este processo evolutivo do quadro social ocorre devido ao aumento da população, os desafios que surgem, aumento da densidade, portanto, que se faz necessária a divisão de trabalho. A divisão de trabalho que parte da densidade populacional é a causa também das fissuras sociais, que geram grupos com mais acesso aos bens sociais do que outros.

---

<sup>67</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 36.

<sup>68</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 37.

A coletividade social é formada, portanto, por estes elementos díspares, percebe-se que a solidariedade aumenta dentro de um determinado grupo em meio aos valores que permitem também a coesão econômica permitindo o acesso aos melhores bens. Neste aspecto econômico, a divisão de trabalho é a causa do abismo social comum nas sociedades modernas, “[...] uns serão agricultores, outros caçadores, ou cuidarão da defesa social, e assim por diante.”.<sup>69</sup> Estes são os órgãos sociais com distintas funções dentro da solidariedade social. A solidariedade, divide-se em dois tipos, o que germinará na concepção de Durkheim, as sociedades distintas, a mecânica e a orgânica.

A solidariedade mecânica revela uma forma de vida social, em que os sujeitos sociais estão ligados à sociedade sem intermediários, aqui o mandatário desta solidariedade é a consciência coletiva, “com base num conjunto mais ou menos organizado de crenças e sentimentos”<sup>70</sup> comuns que norteiam a vida do grupo. A sociedade, portanto, é o símbolo das semelhanças, a individualidade neste tipo mecânico é anulada, aqui o indivíduo “não se pertence”, o indivíduo está sujeito a ela, que o regula constantemente.

Já a solidariedade orgânica, é uma marca típica das sociedades com a divisão de trabalho, onde os indivíduos, em seus grupos, estão ligados por distinção, são as semelhanças particulares entre eles que os mantém solidários uns com os outros. O poder individual é destacado, cada sujeito social possui o seu lugar na sociedade e deve fazê-lo com excelência a fim de garantir a harmonia do todo.

A ação individual é o que permite a manutenção do todo e isto ocorre numa mesma sociedade, mas que também gera uma distinção social, de grupos específicos, separados pela divisão de trabalho. Cada qual deve cumprir seu papel social sem interferir ou penetrar na divisão de trabalho que não lhe pertence.

O indivíduo é levado a crer que é um componente fundamental a ordem social estabelecida ao longo da história, ele faz parte de um organismo bem estruturado, evidente que se não cumpre o seu papel, haverá um colapso no organismo, na dinâmica pré-estabelecida pelas estruturas de poder que possui suas marcas históricas na modernidade industrial observada por Durkheim.

Aumenta a solidariedade social e aumenta a individualidade, semelhantemente ao que ocorre nos animais superiores, como órgãos que têm funções específicas,

---

<sup>69</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 38.

<sup>70</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 38.

autônomas, mas todos colaboram para a unidade do organismo. Daí chamar-se “orgânica” esse tipo de solidariedade.<sup>71</sup>

### 3.2. Durkheim e sua pesquisa sobre a morte voluntária

Em 1897, Durkheim publica sua pesquisa sobre a morte voluntária, que sai como o nome de “O suicídio”. Suas pesquisas irão comprovar que o suicídio é um fato social. Dirá Durkheim, “chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado.”.<sup>72</sup>

Neste aspecto, o suicídio é motivado por condições sociais que expressam também um conjunto histórico de uma determinada época. Neste sentido,

cada sociedade tem, portanto, em cada momento de sua história, uma disposição definida para o suicídio. Mede-se a intensidade relativa dessa disposição definida para o suicídio. Mede-se a intensidade relativa dessa disposição tomando a razão entre o número de mortes voluntárias e a população de todas as idades e de todos os sexos.<sup>73</sup>

O trabalho hercúleo de Durkheim foi levantar as estatísticas de suicídios em diferentes países da Europa em momentos históricos específicos ao longo do século XIX, pensando especificamente no suicídio como motivado por causas sociais, por isso afirmava que o suicídio era de interesse especial, portanto, tarefa da ciência da Sociologia. Em seu trabalho exaustivo, procurou primeiro apresentar as possíveis causas de suicídios longe das influências sociais, como, por exemplo, nos casos psicológico e nas alterações cósmicas, o que hoje se compreende como alterações climáticas.

Para o primeiro exemplo, Durkheim admitiu a possibilidade de que o indivíduo com alterações psicológicas pode vir a atentar contra a própria vida. Nesse caso, não haveria razão para considerar a taxa de suicídios um fenômeno social; devido à coincidência de certas causas físicas e de um estado orgânico-psíquico, ela pertenceria inteiramente, ou principalmente, ao âmbito da psicologia mórbida.<sup>74</sup>

No segundo caso, os dados estatísticos não revelavam uma simetria. Havia, portanto, incongruências. “Num mesmo país, os meses em que a temperatura é sensivelmente a mesma produzem um número proporcional de suicídios muito diferente [...]”.<sup>75</sup> A tarefa de Durkheim era provar que o suicídio era um fato comum da vida social, portanto, parte de outras possibilidades, de um cenário mais amplo,

<sup>71</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 39.

<sup>72</sup> DURKHEIM, Émile. O suicídio, p. 14.

<sup>73</sup> DURKHEIM, É. O suicídio, p. 19-20.

<sup>74</sup> DURKHEIM, É. O suicídio, p. 101.

<sup>75</sup> DURKHEIM, É. O suicídio, 1973, p. 99 citado por VÉRAS, Maura P. B. Introdução à sociologia, 2014, p. 57.

descartando-os um a um para confirmar a sua tese, de que o indivíduo que atenta contra a própria vida, o faz por uma pressão advinda da sociedade que se volta contra ele de alguma forma.

Durkheim também provou que o suicídio não poderia ser uma questão de imitação, partindo de círculos mais restritos que poderiam contagiar um âmbito maior de indivíduos.

É no livro II, dentro da obra “O suicídio” que Durkheim irá desenvolver sua tese em que afirma que o suicídio é na verdade motivado por situações que o indivíduo experimenta em sua existência na sociedade. Portanto, segundo ele, o suicídio é um “fato social”. Como nenhuma sociedade se mostra um conjunto de ações dos indivíduos que a compõem, plenamente estruturada, portanto, todo grupo social possui fissuras dentro de sua organização, o sociólogo francês propôs em suas análises, três tipos de suicídio que caracterizam estas fissuras.

### **3.2.1. O suicídio egoísta**

O primeiro tipo é o “suicídio egoísta”, onde o indivíduo não se vê mais integrado a sociedade. Durkheim analisou alguns diferentes grupos que formam as sociedades modernas, dentre eles os grupos religiosos, especificamente judeus, católicos e protestantes, a taxa de suicídios entre eles e as questões que levavam os sujeitos religiosos, espantosamente, a atentar contra própria vida. Ele concluiu, resumidamente que,

“o suicídio varia na razão inversa do grau de integração da sociedade religiosa”, partindo da constatação de que judeus se suicidam menos que católicos, que por sua vez se suicidam menos que protestantes. A variável observada é que essas religiões prendem coletivamente os indivíduos de formas diferenciais, indo daquela mais envolvente comunitariamente para a que permite maior individualização e livre-arbítrio em ordem decrescente de integração, e inversamente aumenta o número de suicídios do tipo egoísta.<sup>76</sup>

Há suicídios nestes três segmentos religiosos, embora a condenação a este ato seja evidente, pois se entende que este atentado também insulta a Deus. Durkheim retoma a questão da solidariedade para assinalar, que o número de suicídios nessas três expressões religiosas, estão associados ao vínculo, maior ou menor, que o indivíduo recebe dentro deles. Isso equivale também para outras formas religiosas, quanto maior a solidariedade entre os fiéis, a proporção da taxa de suicídios tende a ser menor, logo, o contrário, a ausência de solidariedade, aumenta a solidão e as

---

<sup>76</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 58-59.

incertezas histórico-sociais assolam os sujeitos de fé, deixando-os sem amparo, aumentando o desespero que pode levá-los a atentar contra a própria vida.

Este ponto da solidariedade, que combate diretamente a solidão existencial, pois o indivíduo se sente abraçado pelo grupo ou simplesmente por um outro, é ponto de destaque pelo sociólogo francês também na vida matrimonial. Há suicídios entre os casados, mas em número consideravelmente mais baixo do que as taxas que ocorridas entre os solteiros. “Quanto mais laços prendem o indivíduo, menos ocorre o suicídio por solidão sem integração.”.<sup>77</sup>

Durkheim também analisou os casos de suicídio nas sociedades políticas, portanto, segundo os seus levantamentos sobre os dados estatísticos em alguns países da Europa no século XIX, neste aspecto, as taxas de suicídio nessas sociedades são determinadas pela integração dos indivíduos politicamente, o que segundo ele, está na atuação cívica dos indivíduos. O dado da fé e do patriotismo, traduzem um menor número de suicídios neste tipo de indivíduo, é o que ocorre, por exemplo, em tempos de guerra, os laços sociais, muitas vezes ausentes, são superados pela atitude cívica dos sujeitos sociais, transformando sua mentalidade, dando-lhe mais vigor e esperança na pátria.

A questão da sociedade política em certo tipo de guerra, ou seja, que não precisa ser uma batalha sangrenta, pois muitas “guerras” são travadas pelos sujeitos sociais em suas diferenças políticas ao longo de suas existências, animam os grupos humanos, a solidariedade passa a ser um modelo cívico em meio aos indivíduos que coexistem numa mesma sociedade, que levam suas bandeiras patrióticas, o que gera conflitos entre os grupos, pois a mentalidade cívica, a fé e o patriotismo nunca podem ser tomados como estrutura homogênea. O fator que une os grupos sociais, certamente é a unidade da nação, mas a forma como se pensa a unidade deste todo, sempre se apresentam díspares.

[...] “o suicídio varia na razão inversa do grau de integração dos grupos sociais de que o indivíduo faz parte, da sociedade religiosa, doméstica e política” (Durkheim, S, 1973, p. 233). Dessa forma, quanto mais são enfraquecidos os grupos sociais a que se pertence, menos depender-se-á, ao contrário, a si próprio, configurando o egoísmo.<sup>78</sup>

Quando o suicídio egoísta se torna uma realidade na sociedade, simboliza que o sujeito social se põs acima do grupo institucional do qual fazia parte, seja a

---

<sup>77</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 59.

<sup>78</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 59.

religião, a família ou a pátria. Isto é, já não vê neles o sentido para sua existência, para ele a sociedade desintegrou-se, suas ideias próprias se fizeram preponderantes sobre as ideias comuns, que refletem as leis estipuladas pela maioria ou pelos poderosos para o todo social.

Quanto mais os grupos que pertence se enfraquecem, menos o indivíduo depende deles e, por conseguinte, mais depende apenas de si mesmo para não reconhecer outras regras de conduta que não as que se baseiam em seus interesses privados. Se, portanto, conviermos chamar de egoísmo esse estado em que o eu individual se afirma excessivamente diante do eu social e às expensas deste último, poderemos dar o nome de egoísta ao tipo particular de suicídio que resulta de uma individuação descomedida.<sup>79</sup>

Durkheim percebe na sociedade industrial do seu tempo, que os homens estão mais propensos ao suicídio do que as mulheres, eles se tornam mais complexos existencialmente porque são dependentes diretamente do convívio social para se realizarem nela e a partir dela. As mulheres por sua vez, neste momento histórico em que viveu Durkheim, estavam mais restritas à vida doméstica, portanto com pouca convivência no dia a dia social, do qual seus maridos faziam parte diariamente.

### **3.2.2. O suicídio altruísta**

O segundo tipo de suicídio analisado por Durkheim é o “altruísta”, o qual ele identifica ser comum em grupos humanos de vida mais simples, é verdade, segundo ele, que nessas formas de vida mais simples as taxas de suicídio são menores e ocorrem entre pessoas mais idosas ou doentes, mulheres viúvas e até mesmo entre servos fiéis que perderam os seus senhores. Portanto, o suicídio aqui possui um status de bem maior, em prol da sociedade. Nestas formas de vida mais simples, este suicídio não só é aceito como necessário, no aspecto de ser exigido pelas instâncias superiores, inclusive religiosas que coordenam a ordem social, caso os indivíduos não deem sua “contribuição”, serão penalizados com sanções religiosas, o que inclui castigo e desonra.

Distinto do suicídio egoísta, em que o indivíduo se desloca da sociedade, não se identificando mais em nenhuma de suas instituições, no suicídio altruísta, o indivíduo para atentar contra sua própria existência, se mostra profundamente pertencendo a ela e suas regras.

---

<sup>79</sup> DURKHEIM, É. O suicídio, p. 258-259.

O tipo altruísta aparece por excelência nas sociedades inferiores, mas ocorre também nas contemporâneas, mesmo que a liberdade individual tente libertar-se cada vez mais da tutela do coletivo. São ilustrativos os casos de militares que se deixam matar em batalhas heroicas, por excesso de patriotismo ou fervor religioso, os mártires cristãos do início do cristianismo; podemos acrescentar exemplos atuais, não vistos por Durkheim, como os camicases da Segunda Guerra mundial, pilotos de aviões japoneses ou os terroristas do Islã, homens-bomba e outros.<sup>80</sup>

Observou-se mais acima que a questão cívica, a fé e o patriotismo servem para diminuir os casos de suicídios nas sociedades políticas, quando se viu o suicídio egoísta, pois há nelas um forte vínculo entre os sujeitos sociais e a instituição política, o que simboliza o amor pela pátria.

No suicídio altruísta, quando se pensa no âmbito militar, nas guerras travadas no campo de batalha, entre países, como o foi a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, a configuração do “espírito patriótico” modifica-se radicalmente. Durkheim observou que os militares apresentam um comportamento quase crônico, quando comparados com a taxa de suicídios da população civil. Ou seja, pode-se entrever dois tipos de patriotismo, o da população civil, que motivados politicamente estão apegados à nação, o que lhes dá esperança em suas continuidades de vida, pois literalmente possuem uma bandeira para “lutar” por ela, e o patriotismo dos soldados no “front” de batalha.

Se no primeiro patriotismo as taxas de suicídio são menores, no segundo caso as taxas se revelavam mais constantes. Durkheim explica este fenômeno, porque o “espírito militarista [...], busca eliminar o que é pessoal, exige maior disciplina e abnegação intelectual no conjunto dado pelo exterior, uma característica do altruísmo.”<sup>81</sup>

### **3.2.3. O suicídio anômico**

Por fim, Durkheim aborda em seu livro o suicídio do tipo “anômico”, que também é produto da sociedade, mas produz nos indivíduos crises dolorosas que ocasionam uma possível renúncia de suas vidas. Anomia é ausência de leis, ou seja, os laços que regulam toda vida social se tornam enfraquecidos. O humano não pode viver sem os limites que a sociedade lhe impõe. A sociedade, ao falhar no cumprimento das normas estabelecidas, impulsiona os sujeitos sociais a atentar contra sua própria existência. O humano está vinculado ao tecido social, portanto,

---

<sup>80</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 61.

<sup>81</sup> VÉRAS, M. P. B. Introdução à sociologia, p. 61.



não é possível sua existência sem ele, da mesma forma que uma célula não sobrevive separada do seu meio, do tecido que faz parte.

Quando a sociedade está passando por momentos de crise, não exercendo sua normalidade, por exemplo, não coordenando suas fases históricas de crises econômicas, no aumento dos divórcios, gerando uma desordem moral, falência comercial, queda ou quebra da bolsa, pobreza e miséria, tudo pela ausência da manutenção social, da regulação, os casos de suicídios tendem a aumentar nestes períodos históricos.

É necessário que uma força regularizadora desempenhe em relação às necessidades morais o mesmo papel que desempenha o organismo em relação às necessidades físicas. [...] Os homens não são capazes de impor a si próprios essa lei de justiça. Tem de ser portanto uma autoridade que respeitam e diante da qual se curvem. [...] Só a sociedade pode desempenhar este papel moderador.<sup>82</sup>

Para Durkheim, os indivíduos que compõem o corpo social necessitam do amparo do Estado, que representa a regulação social, que garantiria o bem-estar dos sujeitos sociais. As crises econômicas, por exemplo, contínuas nas sociedades modernas industriais, quando não sanadas o mais rápido possível, buscando manter o equilíbrio social, simbolizam uma motivação para os atos suicidas.

Evidente que desde as análises das sociedades europeias do século XIX efetuadas por Durkheim, elas se transformaram de maneira significativa. Aliás, a história nos revela momentos de efervescência social, onde grupos humanos se levantaram contra justamente o Estado e sua forma de governo, favorecendo aos mais abastados das sociedades, sendo eles mesmos partícipes deste processo, deixando os pobres à míngua.

É neste sentido que se percebe na História do Brasil o Golpe Civil e Militar ocorrido em 1964, as ações supostamente reguladoras dos militares golpistas no poder do país, ações que aumentaram consideravelmente a pobreza da maior parte da população brasileira, num país em que a situação econômica já se achava caótica, a inflação galopante os deixava sem esperanças. Por isso, os movimentos revolucionários, alguns deles, liderados por certos sacerdotes dominicanos, se voltaram contra a incompetência da direção dos governos militares, dos generais, entre os anos de 1964 e 1985.

---

<sup>82</sup> DURKHEIM, É. O suicídio, 1973, p. 286, citado por VÉRAS, Maura P. B. Introdução à sociologia, p. 62.

O silêncio imposto pela violência com prisões, torturas, mortes e ocultação de cadáveres, foi a metodologia dos militares brasileiros para impor sua ideia de regulação social, impedindo, portanto, de forma covarde e violenta sua moral, as manifestações populares a favor dos pobres.

Segundo o autor, há paixões desenfreadas que é impossível satisfazer. Há lutas e competições intensas e de forma menos regulamentada. Nesse caso, Durkheim avalia a pobreza: habitantes dos países mais pobres estão mais acostumados a renunciar aos bens materiais e conformam-se melhor com a contenção e as baixas expectativas; já a possibilidade de riqueza exalta o indivíduo, desperta cobiça constante e o espírito de rebelião. As frustrações são frequentes nas pessoas que suportam a vida presente apenas enquanto aguardam melhores frutos no futuro; quando eles não vêm, a decepção os torna descontentes e desencantados. Para o nosso autor, o homem é um eterno descontente, com paixão pelo infinito, precisando do apoio e orientação coletiva para não desesperar-se. As crises econômicas bem como o divórcio fazem suas vítimas, pois a sociedade deixa de oferecer tal apoio, uma vez que ela própria se desintegra.<sup>83</sup>

O suicídio egoísta e o anômico se assemelham na ausência de laços sociais, contudo, no tipo egoísta a sociedade se mostra relativamente integrada, embora os laços se fragilizem e acabam por determinado a excessiva individualização dos sujeitos sociais.

O suicídio anômico é mais comum nas sociedades industriais e comerciais em que a divisão do trabalho se mostra mais complexa, nelas se verificou a ausência de mecanismos para regular e impedir os impulsos humanos que levam ao suicídio.

### **3.2.4. O *ethos* religioso do judaísmo, do catolicismo e do protestantismo e sua relação com o suicídio.**

A fim de estabelecer uma melhor fundamentação dos tipos de suicídio apresentados por Durkheim e sua relação com a religião, portanto, um dos objetivos centrais desta pesquisa, é necessário a retomada da discussão sobre o suicídio egoísta, nos moldes que Durkheim o apresentou segundo o traço histórico-cultural das sociedades que pesquisou no século XIX.

Católicos e protestantes são segmentos religioso em que suicídio é de igual forma condenado, o que não se aplica tão somente aos seus fiéis, mas a condenação está direcionada ao todo social, independe, portanto, de outros credos religioso. Cristãos católicos e protestantes, nesta temática específica, mas também em muitos outros assuntos morais, tendem a normatizar sua moral para o todo social, mesmo

---

<sup>83</sup> VÉRAS, M P. B. Introdução à sociologia, p. 63.

que ele seja formado por uma pluralidade de segmentos religiosos que possuem, sem dúvida, determinações morais distintas das suas.

[...] além de imporem penas morais de extrema severidade, ambos ensinam igualmente que no além-túmulo começa uma vida nova em que os homens serão punidos por suas más ações, e o protestantismo inclui o suicídio entre essas últimas, tal como o catolicismo.<sup>84</sup>

Segundo Durkheim, as diferenças que explicam no seu tempo, o número de suicídios geralmente maior entre os protestantes do que entre os católicos, está em que no protestantismo admite-se o livre exame, enquanto no catolicismo há uma tendência a reinar sobre as consciências, ao menos se aspira a este princípio. “Portanto é a elas que se dirige e, mesmo quando exige da razão uma submissão cega, fala-lhe com a linguagem da razão.”<sup>85</sup>

Mais uma vez é preciso alertar que Durkheim é um sociólogo que desenvolve suas pesquisas no seu tempo de vida, percebendo, portanto, praticamente uma imutabilidade quanto a tradição católica. Para ele, toda possibilidade de variação causa horror ao pensamento católico. Notar-se-á que Durkheim não vê essa imutabilidade da tradição religiosa do catolicismo como perturbadora das taxas de suicídio ocorridas entre eles em comparação aos protestantes, Durkheim verá nesta tradição, um certo tipo de solidariedade, ainda que controladora das consciências, como limitadora dos suicídios entre os seus fiéis.

Entre os protestantes a situação é bem distinta, ele não recebe a fé pronta, como dirá Durkheim (2000), mas possui autonomia para construção do seu próprio edifício de fé, apenas é colocado o texto sagrado em suas mãos. Temos então um culto em que a individualismo está acentuado, portanto, a solidariedade, dentro deste aspecto, é coesa bem mais no catolicismo que no protestantismo.

Em nenhum lugar, salvo na Inglaterra, o clero protestante é hierarquizado; o sacerdote só depende de si mesmo e de sua consciência, assim como o fiel. É um guia mais instruído do que o comum dos crentes, mas sem autoridade especial para estabelecer o dogma. Mas o que melhor atesta que essa liberdade de exame, proclamada pelos fundadores da reforma, não permaneceu no estado de afirmação platônica é a multiplicidade crescente de seitas de todo tipo, que contrasta tão intensamente com a unidade indivisível da Igreja católica.<sup>86</sup>

Para Durkheim este livre exame da Escritura foi um sinal para alguns, da falência das crenças tradicionais, mas Durkheim acrescenta que se estas crenças

<sup>84</sup> Durkheim, É. O suicídio, p. 185.

<sup>85</sup> Durkheim, É. O suicídio, p. 185.

<sup>86</sup> Durkheim, É. O suicídio, p. 185-186.

tivessem mantido a mesma energia, não haveria o porquê de criticá-las, portanto, a ruptura não ocorreria. “A reflexão só se desenvolve quando tem necessidade de se desenvolver, ou seja, quando um certo número de ideias e de sentimentos irrefletidos, até então suficiente para dirigir a conduta, perde sua eficácia.”.<sup>87</sup>

Durkheim, neste aspecto, se une de certa forma às críticas que a Igreja católica fez aos reformadores, principalmente a Martinho Lutero, pois, segundo ele, “quanto mais um grupo confessional deixa ao julgamento dos indivíduos, mais ele está ausente de sua vida, menos tem coesão e vitalidade.”.<sup>88</sup> Neste sentido, ele conclui que, “a superioridade do protestantismo do ponto de vista do suicídio provém do fato de ele ser uma Igreja menos fortemente integrada do que a Igreja católica.”.<sup>89</sup>

Se a taxa de suicídios é baixa entre os judeus, é porque a perseguição imposta sobre eles pelo cristianismo, ao contrário de os levarem ao desespero pleno, serviu para o aumento da solidariedade entre eles em suas comunidades espalhadas pelo mundo. Estas perseguições, fizeram com que eles mantivessem um padrão de solidariedade de todos sobre cada um, em estado de constante vigilância. Assim como os dogmas sustentam a solidariedade da Igreja católica, é o corpus de leis judaica, a Torah que cimenta sua unidade, e dá pouco ou nenhum espaço para o julgamento individual.

Partindo destas três formas religiosas, judaísmo, catolicismo e protestantismo, notificando que em suas análises as taxas de suicídios deste último grupo são alarmantes, Durkheim faz uma última ressalva. Que as taxas de suicídios são proporcionais aos avanços científicos, mas não que este último seja o responsável direto pelos atentados contra a própria vida.

O homem se instrui e se mata porque a sociedade religiosa de que ele faz parte perdeu sua coesão; mas ele não se mata porque se instrui. Também não é a instrução que ele adquire que desorganiza a religião; mas é porque a religião se desorganiza que surge a necessidade de instrução. [...] Não é com demonstrações dialéticas que se desenraíza a fé; é preciso que ela já esteja profundamente abalada por outras causas para poder não resistir ao choque dos argumentos.<sup>90</sup>

As religiões apresentadas, principalmente os tipos de cristianismo, católico e protestante, procuram ações profiláticas para se preservar a vida humana de atentar contra sua própria existência. Segundo Durkheim, mesmo com suas proibições e os

---

<sup>87</sup> Durkheim, É. O suicídio, p. 186.

<sup>88</sup> Durkheim, É. O suicídio, p. 186.

<sup>89</sup> Durkheim, É. O suicídio, p. 186.

<sup>90</sup> Durkheim, É. O suicídio, p. 201.

seus alertas sobre as punições no “post mortem” aos suicidas, não impedem que os atentados contra a própria vida deixem de ocorrer, ou seja, nem as ameaças de uma condenação eterna da parte de Deus são capazes de evitar o suicídio entre os fiéis.

A confirmação da ineficácia deste discurso está no judaísmo, que não prescreve punições aos suicidas, embora se tenha leis para inúmeras outras regras morais, nem por isso o número de suicídios entre eles nas análises de Durkheim é alto, ao contrário, é mais baixo do que as taxas apresentadas entre católicos e protestantes, com superioridade alarmante desses últimos. A tradição rabínica foi quem preencheu as lacunas existentes na Torah quanto a este caso, embora nenhum ensinamento humano tenha a mesma validade da Escritura, seja a Bíblia Hebraica dos judeus ou a Bíblia Sagrada dos cristãos.

Portanto, não é à natureza especial das condições religiosas que se deve a influência benéfica da religião. Se ela protege o homem contra o desejo de se destruir, não é por lhe pregar, com argumentos *sui generis*, o respeito por sua pessoa; é por ela ser uma sociedade. O que constitui essa sociedade é a existência de um certo número de crenças e de práticas, tradicionais e por conseguinte obrigatórias, comuns a todos os fiéis. Quanto mais numerosas e importantes essas situações coletivas, mais a comunidade religiosa é fortemente integrada; maior também é sua virtude de preservação. O detalhe dos dogmas e dos ritos é secundário. O essencial é que eles sejam de tal natureza que alimentem uma vida coletiva de intensidade suficiente. E é por não ter o mesmo grau de consistência das outras que as Igrejas protestantes não têm a mesma ação moderadora sobre o suicídio.<sup>91</sup>

Enfim, na sociologia de Émile Durkheim, o cimento social é formado por elementos que garantem a solidariedade entre os sujeitos sociais, e isto se aplica aos segmentos religiosos em que o seu *ethos* religioso atrai o grupo para um tipo de comportamento comum, que é a garantia da solidariedade entre eles.

É neste aspecto que o *ethos* católico se destaca, na coesão de valores tradicionais e que são compreendidos como obrigatórios, quase que inquestionáveis ao longo de sua longa história. Evidente que isto não garante a ausência de casos de suicídios entre eles, mas as pesquisas de Durkheim vão comprovar que entre eles os números são bem menores do que no Protestantismo, este que nasce a partir do catolicismo, com a ruptura causada pela Reforma.

Se no protestantismo o número de suicídios é maior, é porque, segundo Durkheim, o seu tipo religioso configura um *ethos* distinto da tradição católica, são uma sociedade com valores diferentes, embora cristãos. A diferença está na abordagem da Escritura, que é mais liberal nas análises do que o rigor constatado

---

<sup>91</sup> Durkheim, É. O suicídio, p. 203.

no catolicismo. “A teologia liberal era liberal com relação aos pressupostos da tradição. A teologia buscou se liberar da tradição para desenvolver suas investigações.”.<sup>92</sup>

É preciso esclarecer que, mesmo o catolicismo mantendo o controle da tradição em meio à abertura proporcionada pela Modernidade no campo da ciência, movimento de que se aproveita a Reforma Protestante, a Igreja Católica não permaneceu avessa à ciência, mas procurou compreendê-la, até mesmo para em certos casos combatê-la por suas pretensões de chegar à verdade de todas as coisas.

A teologia liberal aprofundou um certo tipo de investigação do fenômeno religioso produzindo métodos teológicos que determinaram os estudos teológicos a partir daquele momento. Nos estudos de Bíblia os métodos histórico-críticos e, na teologia sistemática a história do dogma, dominaram o cenário teológico. Como reação à teologia liberal, no século XX surgiram a neo-ortodoxia e o fundamentalismo teológico. Ambos a seu modo buscaram salvaguardar a ortodoxia: o fundamentalismo com o literalismo bíblico e, a neo-ortodoxia com aportes existencialistas.<sup>93</sup>

O suicídio atinge todas as classes sociais, está em todos os grupos humanos, portanto, dentro das instituições que eles mesmos criaram e desenvolveram, não seria diferente que ele fosse encontrado ao longo da história das religiões, ainda que fosse veementemente proibido entre católicos e protestantes.

O cimento da sociedade religiosa protestante, segundo o que observou Durkheim, é menos sólido. Neste sentido analisado, o *sola scriptura* de Lutero, que garante ao fiel a liberdade de interpretação dos textos sagrados, seria na verdade uma caminho para o desespero, para a angústia e consequente suicídio.

Este “somente a Escritura”, que traz autonomia ao fiel, em que ele não é dependente da autoridade do líder religioso de sua denominação protestante, dá origem a um certo tipo de fiel, o individualista, contudo esta liberdade gera sofrimento.

A liberdade interpretativa da Escritura gera um peso ao fiel, o pecado entre os protestantes para Durkheim, pode vir a se tornar insuportável, ele se encontra por vezes só diante da Escritura, dentro de sua própria interpretação, portanto responsável direto por seus atos dentro da sociedade, é ele quem deve procurar pela saída da situação em que se colocou diante de Deus, o que pode gerar nele um

---

<sup>92</sup> ROCHA, A. Introdução a teologia, p. 69.

<sup>93</sup> ROCHA, A. Introdução a teologia, p. 70.

sentimento de culpa insuportável que pode inclusive levá-lo a atentar contra sua própria vida.

### **3.3. A historiografia de Georges Minois: reflexões sobre o suicídio**

Georges Minois é professor de História e pesquisa de forma apurada as mentalidades religiosas. O autor possui diversas obras publicadas, muitas traduzidas para a Língua Portuguesa. Em sua obra, “História do Suicídio”, aprofunda esta temática desde o antigo Oriente, passando pelas principais expressões culturais do Ocidente.

Neste aspecto, Minois não deixa de mencionar inúmeras vezes a relação entre suicídio e as tentativas de controle que, principalmente, o cristianismo ao longo da história procurou realizar para conter nas sociedades em que a Igreja foi e ainda é influente, em que este mal ainda se faz presente e constante. Portanto, os valores desta obra para esta pesquisa, são aqueles que estão relacionados ao contexto histórico-cultural judaico-cristão.

Segundo Minois, um apreciador das formas de vida na Europa ao longo da Idade Média, esta conheceu outras categorias de suicídio, entre os judeus e os hereges. Porém, aqui há apenas um interesse para o aspecto exclusivamente religioso. Portanto, entre os judeus, o suicídio neste período foi ocasionado entre eles, em função da perseguição cristã ao longo das cruzadas.

Assim, em 1065, em Mogúncia, o cronista, o cronista Albert d’Aix relata: Os judeus, vendo os cristãos se levantarem em armas contra eles e seus filhos, sem nenhum respeito pela fragilidade da idade, levantaram-se em armas, por sua vez, contra eles mesmos, contra seus correligionários, contra suas mulheres, seus filhos, suas mães e suas irmãs, e se massacraram entre si. Que coisa horrível de dizer! As mães pegavam o punhal, cortavam a garganta dos filhos que elas amamentavam e trespassavam também os outros filhos, preferindo se matar com as próprias mãos que sucumbir aos golpes dos incircuncisos.<sup>94</sup>

Esta questão ocorrida, dentre tantas outras, nesta página lamentável da História do Cristianismo, ao perseguir, torturar e matar judeus, chama a atenção para o fato da morte voluntária entre os judeus não ser condenada, quem sabe até mesmo aceitável?

Há na Bíblia Hebraica, o Antigo Testamento da Bíblia Cristã, inúmeros relatos sobre alguns personagens que atentaram contra suas próprias vidas e, segundo

---

<sup>94</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 20.

Minois, de forma neutra, ou seja, sem recriminações ou sanções religiosas contra quem praticou tal ato. Assim foi com o rei Saul.

Então disse Saul ao seu escudeiro: “Desembainha a tua espada e transpassa-me, para que não venham esses incircuncisos e escarneçam sobre mim.” Mas o seu escudeiro não quis obedecer-lhe, pois tinha muito medo. Então Saul tomou sua espada e lançou-se sobre ela. Vendo que Saul estava morto, também o escudeiro se lançou sobre a sua espada e morreu com ele.<sup>95</sup>

O sanguinário Abimeleque, que intencionava ser rei em Israel no tempo dos Juízes, foi atingido na cabeça por uma pedra lançada por uma mulher na batalha, ele, assim como Saul, também ordenou ao seu escudeiro que o matasse, pois já estava prestes a morrer devido a pedrada que lhe quebrou o crânio, não queria entrar para história como aquele que foi morto por “uma mulher”, o escudeiro obedece e o mata (Jz 9,54). Sansão é outro personagem conhecido do livro dos Juízes, ele também se mata para derrotar os seus inimigos, os filisteus.

Os casos de suicídios mais marcantes e extremamente violentos do Antigo Testamento, certamente estão registrados nos livros de 1 + 2 Macabeus, os livros chamados pela exegese histórico-crítica da Igreja Católica como sendo de uma segunda inspiração (deuterocanônicos).

Elezar, filho de Matatias, “se sacrificou para salvar seu povo e adquirir um nome imortal” na batalha de Bet-Zacaria, contra Antíoco V, jogando-se debaixo de um elefante.” [1Mc 6,46] Razis, perseguido pelas tropas de Nicanor, se mata de forma espetacular: Razis, quando ia ser preso, transpassou-se com a própria espada preferindo morrer nobremente antes de cair nas mãos dos ímpios e padecer ultrajes indignos de seu nascimento. Na precipitação, poré, dirigiu mal o golpe. [...] Todavia, ainda respirando, cheio de ardor, ergueu-se e, embora o sangue lhe jorrasse como uma fonte de suas horríveis feridas, atravessou a multidão em uma carreira; em seguida, de pé sobre uma rocha escarpada e já inteiramente exangue, arrancou com as próprias mãos as entranhas que saíam, e lançou-se sobre os inimigos. Foi assim o seu fim [2Mc 14,41-46].

Estes suicídios registrados no Antigo Testamento, em quase todos os seus tipos, possuem aquilo que Durkheim classificou como o tipo de suicídio altruísta, ou seja, é a contribuição do indivíduo ou do grupo à sua pátria, portanto, este suicídio carrega consigo o valor do heroísmo dos judeus nas batalhas. O historiador judeu Flávio Josefo, por alguns questionado a respeito dos seus registros, se podem ou não ter valor de historiografia, faz apontamentos quanto aos suicídios de judeus nas guerras judaicas dos séculos I e II, seus relatos também estão centrados no tipo de suicídio heroico, altruísta.

---

<sup>95</sup> 1Sm 31,4-5. Bíblia de Jerusalém.



“Por ocasião do ataque a uma torre de Jerusalém pelos romanos, que incendiaram as muralhas, os judeus “se mataram, para morrer pelo ferro em vez de morrer pelo fogo”. Durante esses combates, Simão, filho de Saul, matou ele mesmo toda família, depois “subiu em uma pilha de cadáveres e, erguendo o braço para que todos pudessem vê-lo, aplicou-se um golpe de espada tão poderoso que sobreviveu apenas por um breve instante”.<sup>96</sup>

O ponto marcante dos registros de Flávio Josefo, é o suicídio coletivo soldados judeus ocorrido no ano 73 em Massasa, que para Josefo é o ápice do heroísmo judaico, segundo o que nos informa Minois (2018). Josefo reproduz em sua obra o longo discurso do capitão dos judeus, Eleazar, diante da morte iminente pelas mãos dos romanos. Eleazar, portanto, realiza uma verdadeira ode ao suicídio, que segundo Minois (2018), “[...] que extrapola as circunstâncias precisas do episódio.”<sup>97</sup> No discurso estão as memórias veterotestamentárias misturadas aos preceitos estoicos, neoplatônicos e até mesmo hinduístas, que são marcas do pensamento filosófico a respeito do suicídio.

Neste aspecto, o suicídio é exaltado, como possibilidade aceitável diante do fim inevitável, pelas mãos dos seus inimigos, ou como dizem os judeus, pelas mãos de incircuncisos. “[...] já que devemos partir um dia, por que não decidirmos nós mesmos o melhor momento de fazê-lo? Nossa alma aspira a deixar a prisão do corpo para ir gozar de uma imortalidade bem-aventurada depois desta vida terrena desprezível.”<sup>98</sup> Neste dia, segundo as informações de Flávio Josefo, cerca de novecentos judeus se suicidaram.

Para Minois (2018), a Bíblia Hebraica ou o Antigo Testamento para os cristãos, suas Escrituras Sagradas, não abordam a favor e nem contra o atentado contra a própria vida.

É certo que a lei mosaica proíbe matar, através do quinto mandamento, mas nada especifica que isso se aplica à vida da pessoa [...] os suicídios mencionados na Bíblia nunca são acompanhados de uma reprovação explícita como no caso de assassinatos de outras pessoas. Além disso, o quinto mandamento admite várias exceções, como o fato de matar os inimigos na guerra ou em legítima defesa, ou ainda de executar os condenados. Portanto, o cristianismo medieval tem pouco a extrair dos textos inspirados, o que pode justificar suas interpretações bastante variadas do suicídio.<sup>99</sup>

Estas últimas palavras de Minois, acerca do suicídio dentro da Bíblia Hebraica e na História dos judeus, se ajustam a perspectiva sociológica de

<sup>96</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 23.

<sup>97</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 23.

<sup>98</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 23.

<sup>99</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 26.

Durkheim quanto a unidade e solidariedade do catolicismo na interpretação da Escritura, ainda que como visto, aberto à ciência exegética na criação e desenvolvimento do Método Histórico-Crítico.

Há de se concordar com as palavras de Minois, quanto ao desespero do leitor em encontrar na Bíblia Hebraica, o Antigo Testamento cristão, respostas para a aceitação ou condenação de se atentar contra a própria vida.

O fiel que lê a Escritura no sentido da livre interpretação, portanto, sem a mediação de uma autoridade teológica, está perdido quanto a esta temática e muitas outras, perguntas que não se encontram respostas decisivas às suas preocupações últimas, mais ainda quando está dada uma questão fundamental a respeito de ser ou não ser diante de uma existência de angústia e sofrimento para milhões de pessoas pelo mundo. Logo, compreende-se nas análises sociológicas de Durkheim, especificamente no trato do fenômeno do suicídio em seu tempo, o perigo de se ler a Escritura sem um critério teológico exegético, logo acadêmico.

No Novo Testamento há uma radicalidade em relação ao sentido da preservação da vida, isto é, ela é desprezível e já se inicia esta temática a partir dos Evangelhos com as polêmicas que envolvem a vida de Jesus e sua entrega voluntária, embora, estejam claras as ações do nazareno na preservação da vida dos pobres, geralmente, curando-os para que pudessem se reintegrar numa sociedade extremamente preconceituosa para com eles. “Assim, Orígenes declara: “Se não temos medo das palavras, se estamos atentos as coisas, diremos talvez, na falta de outra expressão que se aplique aos fatos: divinamente, por assim dizer, Jesus se matou.”.<sup>100</sup>

Para Minois (2018), o suicídio de Jesus tem uma dimensão prática distinta, na Páscoa ele vai deliberadamente rumo à sua morte, preso, torturado e crucificado, nada faz para evitá-la, embora não se possa esquecer do seu pedido junto ao Pai para que, se possível, o aliviasse de tamanha dor.

Então Jesus foi com eles a um lugar chamado Getsêmani e disse aos discípulos: “Sentai-vos aí enquanto vou até ali para orar”. Levando Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a **entristecer** e a **angustiar-se**. Disse-lhes então: “*Minha alma está triste até a morte*. Permanecei aqui e vigiai comigo. E, indo um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: “Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice, contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres”. E, ao voltar-se para junto dos discípulos, encontrou-os adormecidos. E diz a Pedro: “Como assim? Não fostes capazes de vigiar comigo por uma hora! Vigiai e orai, para que não entreis em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca”. Afastando-

<sup>100</sup> ORÍGENES, Commentaire sur saint Jean, XVI, p. 554 citado por MINOIS, 2018, p. 28.

se de novo pela segunda vez, orou: “Meu Pai, se não é possível que esta taça passe sem que eu a beba, seja feita a tua vontade!” E ao voltar de novo, encontrou-os dormindo, pois seus olhos estavam pesados de sono. Deixando-os, afastou-se e orou pela terceira vez, dizendo de novo as mesmas palavras. Vem, então, para junto dos discípulos e lhes diz: “Dormi agora e repousai: eis que a hora está chegando e o Filho do Homem está sendo entregue às mãos dos pecadores. Levantai-vos! Vamos! Eis que meu traidor está chegando.”<sup>101</sup>

O texto é claro quanto à humanidade de Jesus, que pede ao seu Pai para que não sofra, como qualquer humano que pressente a morte iminente, pede a Deus que o livre do momento de tristeza e angústia pelo qual está passado. Jesus está em desespero, não está em paz, por três vezes ora ao Pai e não obtém uma resposta positiva para o seu apelo. Sem a resposta positiva do seu Pai, a situação de Jesus se torna ainda mais angustiante, seus amigos, levados também pela tristeza e pelo cansaço, não possuem forças para vigiar com ele, Jesus está só, não pode contar com a solidariedade deles naquele momento de desespero, para que fosse, se possível, amenizar um pouco da dor que estaria por vir.

Os exegetas da Bíblia de Jerusalém sobre esta passagem, argumentam a respeito do pavor que Jesus sente diante da morte, o que é natural a qualquer humano, portanto, o desejo de escapar dela é um sentimento natural a qualquer pessoa, no entanto, há uma enorme diferença, o escape está delegado à vontade do seu Pai, é a vontade dele que deve prevalecer.

Os exegetas também fazem referência a “ironia” de Jesus, ao dizer para os seus discípulos que já podem descansar, não sendo mais necessário vigia com ele, prática que não exerceram em momento algum junto a ele, Jesus enfrentará a morte, portanto, sozinho.

A lista de passagens do Novo Testamento em que Paulo, Tiago, Pedro, Lucas e João exortam os fiéis a odiar a vida terrena é interminável. O tema retorna sempre: esta vida é desprezível, é um exílio cuja duração devemos desejar que seja o mais curta possível. “Em nada considero a vida preciosa para mim mesmo”, diz São Paulo, fazendo eco a inúmeros textos do Antigo Testamento.<sup>102</sup>

Neste aspecto, os cristãos da primeira geração seguiram este modelo teológico, o que fica registrado nas perseguições que ocasionaram inúmeros martírios. Os próprios algozes de Jesus, os judeus, chegaram a acreditar que ele iria cometer suicídio. “Para onde eu vou vós não podeis vir”. Diziam, então, os judeus: “Por acaso, irá ele matar-se? Pois diz: ‘Para onde eu vou, vós não podeis vir?’”.<sup>103</sup>

<sup>101</sup> Mt 26,36-45. Bíblia de Jerusalém. Negritos nossos, itálicos do próprio texto.

<sup>102</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 28.

<sup>103</sup> Mt 8, 21b-22. Bíblia de Jerusalém.

Porém, como afirma Minois (2018), o martírio do cristão deve ser um testemunho de fidelidade ao seu Deus, não deve ser buscado pelas próprias mãos ou por desespero. “A morte feliz do mártir contrasta com a morte desesperada do pecador.”.<sup>104</sup> Judas é o símbolo do tipo de suicídio que deve ser repudiado dentro da concepção do martírio, sua morte é desonrosa, “não tanto em razão do gesto em si como do desespero que o provocou.”.<sup>105</sup>

E continua Minois caminhando para o término dessa questão.

Os outros evangelistas nada dizem, e os Atos dos apóstolos mencionam, ao contrário, que ele morreu de uma queda: “E, precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram”. Os miniaturistas medievais reconciliaram as duas versões representando-o enforcado e com o ventre aberto. Do mesmo modo, quando Paulo e seus companheiros são libertados milagrosamente da prisão, o guarda, sabendo que será punido por sua desatenção, “puxa da espada” para “se suicidar”; Paulo o detém, e o carcereiro se converte. Matar-se por um motivo puramente humano ou por desespero é um ato “funesto”, diz Paulo.<sup>106</sup>

É a Igreja cristã que desenvolve as questões sobre o suicídio ao longo de sua história, buscando a difícil tarefa de apresentar exegeticamente sua condenação, repudiando-o de forma veemente, elabora uma teologia do medo da condenação eterna aos que recorrem a morte voluntária, com um certo zelo sobre todos os que ela possui responsabilidade direta.

O cristão deve viver num mundo de sofrimento, em que a vida embora seja insuportável, a morte não deve ser buscada em hipótese alguma. O desenvolvimento da espiritualidade unido ao esforço hercúleo da Igreja junto aos seus teólogos ao longo de sua história, em seus documentos da Igreja cristã, criando “uma moral que afirma a interdição do suicídio.”.<sup>107</sup>

<sup>104</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 29

<sup>105</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 29.

<sup>106</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 29.

<sup>107</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 30. Santo Agostinho, bispo de Hipona, representante da segunda fase da Patrística, que vai do século III até aproximadamente a metade do século IV, onde este período se caracteriza pela formulação da doutrina cristã. Neste aspecto, Santo Agostinho enfatiza também a questão sobre o suicídio. A Patrística do período agostiniano é vista como a fase de esplendor do movimento. Este período também foi o do desenvolvimento da Patrologia, “que trata da vida, obras e doutrinas dos autores daquele período; Patrística trata da formação da teologia em sua relação com a cultura e a filosofia. A teologia patrística é sumamente importante para o estudo da teologia à medida que ela discute os temas fundamentais da fé cristã, e o faz de forma originária.”. ROCHA, Alessandro. Introdução a teologia, p. 47-48. O diálogo com a filosofia grega foi de suma importância para a criação dos grandes temas da fé cristã, contudo, sempre relendo a filosofia e o que ela poderia contribuir para o viver da Igreja. Este dado é fundamental, pois em relação a morte voluntária, o cristianismo não poderia se associar a compreensão dos gregos, visto que para alguns grupos filosóficos na Grécia Antiga, o suicídio era uma virtude. Agostinho então formula a questão da seguinte maneira em sua obra Cidade de Deus: “Nos dizemos, declaramos e confirmamos que ninguém tem o direito de se entregar à morte de maneira espontânea com o pretexto de escapar dos tormentos passageiros, sob pena de mergulhar nos tormentos eternos;

A Igreja endurece o seu discurso em relação ao suicídio nos primeiros séculos, como já aventado, a fim de preservar a vida dos seus fiéis, buscando evitar um colapso na sociedade cristã. “Portanto, o arsenal repressivo e dissuasivo contra o suicídio em um crime contra Deus, contra a natureza e contra a sociedade. Em relação à Igreja, soma-se o fato de que a única forma de suicídio honroso, o martírio voluntário, ficou obsoleto desde a conversão do Império.”.<sup>108</sup>

O suicídio por desespero passa a ser nos séculos VIII e IX, o pior tipo. É neste período que a Igreja Católica institui a penitência, uma exigência para todo os seus fiéis, é preciso confessar todos os seus pecados individuais. Segundo a mentalidade da Igreja neste momento histórico, “aquele que demonstra *desperatio* se suicida porque acredita que seus pecados não podem ser alcançados por nenhum perdão. Ele peca ao mesmo tempo contra Deus – de cuja misericórdia duvida, como Judas – e contra a Igreja – de cujo poder de intercessão duvida.”<sup>109</sup>

Neste sentido, este tipo de suicídio, gerado pelo desespero humano, é a causa de sua maior condenação pela Igreja daquele período, sem perdão, destinado à condenação eterna, justamente porque o fiel desdenha ou coloca em dúvida o poder e a autoridade que a instituição, a Igreja possui para poder perdoar os seus pecados.

Se há uma onda de suicídios motivados pelo desespero humano, é porque a Igreja passa a ser ineficiente em suas responsabilidades em preservar a vida dos seus fiéis, dos filhos e filhas de Deus. A Igreja, neste sentido, é a intermediária universal entre este mundo e a habitação com Cristo na eternidade.

Mais uma vez o sentido da solidariedade é acentuado dentro do catolicismo, a Igreja sendo a instituição religiosa intermediária, que pode perdoar os pecados, como legítima representante de Jesus Cristo, na penitência, inicia um maior projeto de solidariedade junto aos desesperados, por outros motivos os suicídios podem até ocorrer, sem que ela tenha uma administração sobre eles, mas por desespero humano, jamais.

---

ninguém tem o direito de se matar pelo pecado de outrem, isso seria cometer um pecado mais grave, pois a falta de um outro não seria aliviada; ninguém tem o direito de se matar por faltas passadas, pois são sobretudo os que pecaram que têm mais necessidade da vida para nela fazerem sua penitência e curar-se; ninguém tem o direito de se matar na esperança de uma vida melhor imaginada depois da morte, pois os que se revelam culpados da própria morte não terão acesso a essa vida melhor.”. AGOSTINHO, Santo. *La Cité de Dieu*, I, p. 47, citado por MINOIS, Georges. *História do suicídio*, p. 31-32.

<sup>108</sup> MINOIS, G. *A história do suicídio*, p. 34.

<sup>109</sup> MINOIS, G. *A história do suicídio*, p. 35.

No período clássico da Idade Média, dos séculos XI ao XIV há uma sistematização teológica sobre diversas temáticas. Neste aspecto, São Tomás de Aquino também se debruçou em seu hercúleo trabalho teológico, sobre as questões que envolvem o suicídio, retomando o assunto de interesse da Igreja em sua *Suma Teológica*. A questão está na complexa linguagem da teologia de São Tomás, porque o faz de maneira filosófica, ele foi o principal nome do período da Escolástica, “essa teologia é marcada pela tentativa de harmonização entre razão e fé. A influência de Platão, tão marcante na Patrística, somou-se a influência do pensamento de Aristóteles”<sup>110</sup>, Santo Tomás é o representante da Alta Escolástica ao longo de todo século XIII.

São Tomás coloca a questão do suicídio dentro de argumentos favoráveis, mas também em seus argumentos contrários. Quanto ao primeiro, irá assinalar que ao se matar o indivíduo não comete uma injustiça, pois as autoridades fazem o mesmo ao punir aqueles que se tornaram criminosos segundo a lei estabelecida pelos homens. Neste sentido, o responsável pelo poder público pode matar-se se compreende em si mesmo que é um mal para a sociedade.

Como argumento contrário há o quinto mandamento, a proibição de matar. Como solução, Aquino considera que os argumentos favoráveis não passam de pura falácia, pois atentar contra própria vida é injusto diante de Deus, mas também considerando a sociedade. “Ninguém pode julgar a si mesmo; matar-se não permite evitar o maior dos males, pois esse ato é, ele próprio, o maior mal, que nos impede de nos arrependermos e de fazermos penitência.”<sup>111</sup>

Santo Tomás recorre à questão da penitência para reforçar seus argumentos que condenam o suicídio como possibilidade de escape desta vida, por mais miserável que ela possa ser, lembrando que a penitência se tornou uma solução apresentada pela Igreja, na questão particular do suicídio em decorrência do desespero. Disto, pode-se apresentar três argumentos fundamentais à proibição de suicidar-se.

- é um atentado contra a natureza e contra a caridade, já que contradiz a inclinação natural de viver e do dever de amarmos a nós mesmos;
- é um atentado contra a sociedade, pois fazemos parte de uma comunidade e temos um papel a desempenhar;

<sup>110</sup> ROCHA, A. Introdução a teologia, p. 50.

<sup>111</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 38.

- é um atentado contra Deus, que é o dono de nossa vida. A comparação é esclarecedora: “Aquele que se priva da vida peca contra Deus, do mesmo modo que aquele que mata um escravo peca contra o dono do escravo”.<sup>112</sup>

Minois (2018), traz à baila, discorrendo sobre as práticas do suicídio na Idade Média, havia segundo ele uma “camuflagem” quando aos dados dos suicídios ocorridos em certos estratos sociais dentro deste período histórico, o que contava também neste aspecto, com a contribuição da Igreja, o suicídio era alarmante entre os religiosos, cerca de 19% do total, segundo Minois. “A sensação mais aguda da culpa e do caráter imperdoável dos pecados pode ser uma explicação. Essa vulnerabilidade maior ao desespero também poderia explicar a insistência particular da pastoral eclesiástica nesse ponto.”.<sup>113</sup>

Ou seja, mesmo a historiografia rigorosa de Minois, afirmando a questão da penitência como possível solução ao desespero dos fiéis, dentro da funcionalidade da Igreja no mundo, a fim de evitar os suicídios entre os seus fiéis, esta medida, ao que parece, não surtiu o efeito esperado de contenção ao suicídio originado pelo desespero humano. Neste aspecto, mesmo recorrendo a penitência, ao perdão dado pela Igreja, houve muitos casos em que o perdão não foi suficiente para retirar o peso da culpa do fiel por um certo tipo de pecado, que gerava um sentimento de culpa mais profundo, portanto, mais agudo em sua existência, que passou a ser insuportável.

Minois também não descarta, que no afã de resolver os casos de suicídios alarmantes entre os fiéis, a Igreja tenha dado um passo que acabou por aumentar o desespero dos seus fiéis, já que a prática da penitência passou a ser obrigatória.

A prática do suicídio na Idade Média estava mais concentrada no ambiente do campesinato e dos artesãos, portanto, foram os trabalhadores deste longo período histórico que atentaram bem mais contra suas próprias vidas, o motivo? Geralmente por uma piora avassaladora em sua condição econômica. Os nobres e guerreiros do período não buscavam a morte voluntária e o que ocorria no clero era justificado como ato de loucura e seus corpos jamais foram justificados. “O suicídio inferior, o suicídio mesquinho, egoísta, o suicídio covarde que foge das provações é sempre o da pessoa rude, do vilão, do trabalhador manual, do artesão. E isso contribui bastante para o descrédito do ato.”.<sup>114</sup>

<sup>112</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 38.

<sup>113</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 44.

<sup>114</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 49.

Como se vê, na Idade Média o julgamento dos suicídios também está vinculado a uma classe social, embora ocorra em todas as classes sociais, o que vinha mais à tona, pois não havia como “camuflar” os números, já que trabalhadores de origem simples, pobres em geral, recaía sobre eles a maior pena moral sobre os suicídios ocorridos em seu meio social.

A Idade Média também procurou explicar os casos de suicídio como uma ação do diabo ou por meio da loucura, o que fez com que este ato fosse tomado como irracional. Minois (2018), apresenta que o indivíduo que constantemente só pensa em retirar sua vida, é porque nele havia um desgosto de viver, uma loucura que pode ser compreendida como melancolia. “A Idade Média às vezes perdoa o suicídio, mais é para condená-lo mais, ao atribuí-lo ao diabo ou a uma mente descontrolada. Não existe suicídio normal.”<sup>115</sup>

---

<sup>115</sup> MINOIS, G. A história do suicídio, p. 49.



#### **4. Frei Tito de Alencar Lima: uma existência destruída pela Ditadura Civil Militar Brasileira em seus anos de terror**

Lembrei-me então da advertência de um general, aliás contrário a toda tortura: quem uma vez pratica a ação, se transforma diante do efeito da desmoralização infligida. Quem repete a tortura quatro ou mais vezes se bestializa, sente prazer físico e psiquiátrico tamanho que é capaz de torturar até as pessoas mais delicadas da própria família!<sup>116</sup>

##### **4.1. O golpe civil militar brasileiro nos anos de terror: a promulgação do Ato Institucional nº5 de 1968.**

Por que os “anos de chumbo”, o golpe que colocou o Brasil em 21 anos de repressão, a ditadura militar brasileira, tem no seu título histórico, o correto acréscimo do substantivo civil? Por que Golpe Civil Militar Brasileiro? Este acréscimo, Civil, é relativamente recente.

Nos “anos de chumbo”, toda atividade acadêmica, jornalística, literária etc., foi vigiada, tolhendo à liberdade de expressão de muitos intelectuais brasileiros naqueles longos anos. Portanto, era impossível fazer uma análise crítica do momento histórico a fim de publicá-la nos veículos de imprensa oficial, isso só viria a acontecer com metodologia estratégica em algumas redações, aquelas não mancomunadas com os militares ou em jornais e panfletos clandestinos que circulavam nas grandes capitais, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Os que possuíam uma “certa liberdade” é porque notavelmente foram participantes do golpe, portanto, a parte civil, fosse descaradamente ou discretamente, como alguns veículos de comunicação, controlados por algumas poucas famílias ricas do país, que optaram por aderir e incentivar a derrubada do governo democrático do gaúcho natural de São Borja, o presidente João Belchior Marques Goulart, deposto em 31 de março de 1964.

Ora, a sociedade civil brasileira esteve diretamente ligada ao Golpe de 1964, especificamente a classe média, insatisfeita com as reformas de base que Goulart desejava implementar no país, ou seja, um plano político-econômico que iria transformar radicalmente a sociedade brasileira, intencionando dar dignidade de vida à massa daquele momento histórico, os milhões de pobres no Brasil.<sup>117</sup>

---

<sup>116</sup> Et al. Brasil nunca mais, p. 13. Prefácio de Paulo Evaristo Arns, CARDELA ARNS. Arcebispo Metropolitano de São Paulo.

<sup>117</sup> O “milagre econômico”, foi uma propaganda veiculada constantemente pela ditadura brasileira e ainda hoje, rememorada pelos defensores da volta dos “anos de chumbo” e dos “anos de terror”. Porém, a repressão militar ao longo dos seus 21 anos de prisões, torturas, ocultação de cadáveres, fosse dos movimentos revolucionários de esquerda ou não, porque o Golpe de 1964 vitimou também parte da classe média que o apoiou euforicamente no princípio, enfim, os militares passaram a

controlar, evidentemente, os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), logo, todos os dados que revelassem a verdade econômica dos governos militares, portanto, o aumento da miséria e da pobreza do povo brasileiro, foram “silenciados/censurados” ao longo daqueles governos. A jornalista da BBC, Mariana Schreiber, em matéria veiculada pelo site da instituição em 31 de março de 2024, apresenta o que se suspeitava no período, mas não poderia vir à tona durante os “anos de chumbo”, que a miséria e a pobreza no Brasil eram alarmantes. Os agentes do IBGE fizeram a pesquisa inédita em meio ao governo militar do General Ernesto Geisel, que governou de 1974 a 1979 com a promessa de que a abertura política seria retomada nos países, são conhecidas suas palavras a respeito disso ao povo brasileiro: “abertura lenta, gradual e segura”. Já em seu primeiro ano no cargo, permitiu a propaganda política da oposição e aboliu a censura prévia à imprensa. “No ano seguinte, no entanto, a imagem de seu governo foi manchada pela morte do jornalista Vladimir Herzog no DOI-Codi de São Paulo. [...] teve de enfrentar a primeira greve de massa desde 1964, a dos metalúrgicos do ABC paulista, liderada por Luiz Inácio Lula da Silva, [em 13 de março de 1978]. No final do mesmo ano, revogou o AI-5, cujo prazo de validade era de 10 anos, ou seja, seus efeitos expirariam no ano seguinte.”. (Retirado do site: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/ernesto-geisel/>. Acesso em: 07 de jan. 2025). Enfim, retornando à pesquisa de campo dos agentes do IBGE no governo Geisel, “durante 1974 e 1975, o Estudo Nacional de Despesa Familiar (Endef) acompanhou 55 mil residências em todos os Estados, em áreas rurais e urbanas, por sete dias, período em que os pesquisadores acompanhavam os hábitos alimentares dos moradores em todas as refeições, inclusive pesando os alimentos e as sobras. Para que as famílias não tivessem receio em abrir seus lares e seus hábitos para os pesquisadores, foi lançada a campanha “Abra a porta para o IBGE”, com a atriz Regina Duarte, [a namoradina do Brasil], como garota-propaganda.”. (<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51071094>. Acesso em 07 de jan. 2024).

Esta mesma atriz que em anos mais recentes reclama de forma veemente nas redes sociais o apoio ao ex-capitão do exército, Jair Messias Bolsonaro, que governou o país entre 2019 a 2022 com claros traços político-econômicos do período ditatorial, daqueles “anos de chumbo”, esta atriz, inclusive, foi nomeada para a chefia da Secretaria Especial da Cultura, após o seu antecessor, Roberto Alvim ser demitido, por pressão de parte da Câmara dos Deputados, do Senado, de entidades israelitas, da mídia e da sociedade civil, por ter parafraseado, em discurso nas redes sociais, o Ministro da Propaganda Nazista entre 1933 e 1945, Paul Joseph Goebbels, com a seguinte frase: “‘A arte alemã da próxima década será heroica (...) ou não será nada’, disse Goebbels; ‘A arte brasileira da próxima década será heroica (...) ou então não será nada’”, palavras de Alvim antes de sua demissão. (<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51071094>. Acesso em 07 de jan. 2024). Os agentes do IBGE procuraram conhecer melhor o consumo das famílias brasileiras entre os anos de 1974 e 1975, podendo medir assim os índices inflacionários que impactavam na vida do povo brasileiro. O editorial do Jornal do Brasil de agosto de 1974, exaltava a iniciativa do IBGE/Endef com as seguintes palavras: “Acaba o IBGE de iniciar, em âmbito nacional, um recenseamento menos espetacular que o da população, mas que poderá exercer incalculável influência no planejamento nacional e na própria humanização do país”. (<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx0z199k8n3o>. Acesso em 07 de jan. 2025). À época, foi sugerido pelo oficial da Marinha do Brasil, Luiz Afonso Parga Nina, um espaço no questionário para que os agentes de campo pudessem apresentar suas impressões sobre a condição de vida das famílias entrevistadas. “O resultado foi um registro detalhado da miséria e da fome que atingiam boa parte da população, apesar do ritmo acelerado de crescimento econômico dos anos anteriores. Essa parte do estudo foi publicado, mas acabou tendo sua circulação restrita, levantando suspeitas de censura pela Ditadura Militar, algo que não chegou a ser comprovado e até hoje é alvo de controvérsia.”. (<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx0z199k8n3o>. Acesso em: 07 de jan. 2025). Os agentes distribuídos por diversos pontos do país relataram uma situação caótica de vida na camada mais pobre da população, evidências como: farinha de mandioca muito grossa e produzida pela própria família; os corpos cobertos com trapos doados disformes e cheirando mal; malária e hepatite eram casos comuns em Uberlândia-MG, entre as famílias que vinham do interior; as mulheres apresentaram um quadro de saúde debilitado devido a partos mal realizado do primeiro filho, lhes trazendo uma ausência de cálcio que as fizeram perder os dentes; em outro relato há um homem debilitado pela fome e sua esposa com demência devido também a um parto mal realizado, as crianças da casa raquíticas, pálidas e com tosse; no Paraná houve diversos relatos sobre a condição de miséria das famílias de boias-frias que trabalhavam para inúmeros fazendeiros da região. “A fome tomava conta dos pequenos corpos humanos que habitavam a bela fazenda de café. (...) Soubemos de uma família que ia para o trabalho sem a pequena marmita de almoço, substituíam-na por 'coco

Os historiadores Jorge Ferreira e Angela de Castro Gomes, na obra conjunta, “1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil”, apresentam em suas primeiras palavras, que seria incomum não ficar impressionado com a mobilidade popular no Rio de Janeiro e em São Paulo, os registros fotográficos espetaculares à época do golpe, confirmam este impacto, devido ao enorme número de populares nas principais avenidas desses estados, como no centro do Rio de Janeiro na Avenida Rio Branco, e próximo a ela, na conhecida Igreja da Candelária, uma festa popular realizada com a derrubada do governo Jango “sob chuva de papel picado. A mesma chuva que desaba de prédios de São Paulo em impecável trabalho de fotojornalismo.”.<sup>118</sup>

Ferreira e Gomes (2023), informam que nos anos 1980, no governo ditatorial, do último general, antes da plena abertura democrática, João Baptista de Oliveria Figueiredo, que governou o país de 1979 a 1985, iniciou-se uma construção histórica que buscou isentar a sociedade civil brasileira de qualquer participação no ocorrido, antes e a partir dos “anos de chumbo”, iniciado em 31 de março de 1964.

Também se construiu a ideia de que o golpe e a ditadura que se seguiu foram obra exclusiva de militares, até porque as principais lideranças civis que participaram da deposição de João Goulart foram logo descartadas. As duas versões são insustentáveis.<sup>119</sup>

---

guavirova' ou até chegavam ao extremo de comer folha seca de café.". (<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx0z199k8n3o>. Acesso em: 07 de jan. 2025). Um pequeno livro, porém, muito impactante sobre a situação de algumas famílias nordestinas deste período, uma verdadeira pesquisa de campo que retrata a miséria, a pobreza, a fome e a morte de muitas crianças nordestinas, pode ser encontrado na obra dramática do Frei Carmelita holandês Carlos Mesters: “Seis dias nos porões da humanidade”. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982, data de sua 5ª edição. Esta obra em sua primeira edição foi publicação no ano de 1977, um verdadeiro registro de campo sobre a pobreza e a miséria do país no período da ditadura militar brasileira. “Ceará, 16 de novembro de 1975. Segunda-feira da semana passada, 10 de novembro de 1975, às 6 horas da manhã, saímos da sede da paróquia para visitar a comunidade de Areia Seca, que fica na serra entre Ceará e Piauí. Lá passamos seis dias, até ontem, sábado, 15 de novembro, para visitar o povo, administrar os sacramentos e celebrar a missa. Éramos três: Teresinha, Irmã Maria, ambas da equipe paroquial, e eu. No sábado, bem cedo, partimos para São José do Morro Santo, onde, hoje cedo, domingo, administramos os sacramentos. Hoje à tarde, voltamos para a sede da paróquia. Foram seis dias de muita confusão e trabalho. O descanso só veio agora no fim do sétimo dia, já bem perto da meia-noite, precisamente na hora em que estou começando a escrever este relatório, ajudado pelos rabiscos feitos em alguns momentos perdidos durante a viagem. Nestes seis dias tive a impressão de ter decido num dos porões da humanidade. Um porão só! Um entre os milhares que existem no Brasil! Há milhões deles espalhados pelo mundo! Porões, onde se faz o trabalho escravo para sustentar as pessoas que moram na casa, erguida em cima dos porões. MESTERS, Carlos. Seis dias nos porões da humanidade, p. 09.

<sup>118</sup> FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. 1964, p. 14.

<sup>119</sup> FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. 1964, p. 14.

Diversos setores da população brasileira nas grandes capitais apoiaram o golpe, este registro está largamente documentado. A sociedade brasileira daquele momento “lutava” pela defesa da ordem, da liberdade, da Constituição e da democracia, todos esses valores da chamada Revolução, foram apresentados contra Jango, “acusado de promover a comunização do Brasil.”<sup>120</sup>

O golpe contou, portanto, com os principais setores influentes da economia brasileira, principalmente a parte golpista da imprensa, esta que resiste e insiste até os dias atuais, buscando influenciar constantemente à massa, inserindo em suas mentes o que o jovem Karl Marx anunciava no século XIX, direcionado para religião, mas que serve naturalmente para os objetivos dessa pesquisa, a imprensa golpista brasileira sempre fez o papel de “ópio do povo”.

No calor dos acontecimentos de março e abril de 1964 e das notícias propagadas pelas principais mídias do país, uma dicotomia foi se estabelecendo de forma clara: de um lado, o bem; de outro, o mal. Era impossível não tomar uma posição. Algo que foi facilitado pelo fato da religiosidade da população estar sendo mobilizada para o combate contra o mal. Pelo menos, acreditava-se nisso, quando mulheres marchavam com rosários, fazendo orações contra os comunistas que infestavam o Brasil. Sobretudo, contra os que estavam no governo. O lado bom era o da família e o da fé. No mês de março de 1964, o momento político foi muito tenso e a luta ocorreu em diversas frentes [...].<sup>121</sup>

Dias antes do golpe, em 13 de março de 1964, no histórico e marcante Comício na Central do Brasil no Rio de Janeiro, ao lado do Ministério da Guerra, Jango anunciava ao povo brasileiro sua campanha pelas reformas de base. Jango chegou a assinar dois decretos.

Um que desapropriava as terras ociosas das margens das rodovias e açudes federais. Outro encampava as refinarias particulares de petróleo. No palanque, o líder do governo no Senado disse que “se o Congresso Nacional não aprovar as reformas, perderá sua identidade com o povo”. Era um governo em crise, com as bandeiras da reforma hasteadas no mastro da intimidação. A tensão política somava-se um declínio econômico. O presidente dizia que “o vertiginoso processo inflacionário a que estamos submetidos irá fatalmente arrastar o país à bancarrota, com todo o sinistro cortejo de um desastre social de proporções catastróficas. Os investimentos estrangeiros haviam caído à metade. A inflação fora de 50% em 1962 para 75% no ano seguinte. Os primeiros meses de 1964 projetavam uma taxa anual de 140%, a maior do século.”<sup>122</sup>

Diante desses fatos, a situação política do presidente João Goulart, que já se mostrava preocupante, se tornou insustentável diante da opinião pública inflamada pela imprensa após o seu pronunciamento no Comício da Central do Brasil, feito

<sup>120</sup> FERREIRA, J.; GOMES, A. de C. 1964, p. 14.

<sup>121</sup> FERREIRA, J.; GOMES, A. de C. 1964, p. 15.

<sup>122</sup> GASPARI, E. A ditadura envergonhada, p. 48.

ao lado de sua esposa Maria Thereza, numa das raras aparições da primeira-dama (Gaspari, 2002).

O conservadorismo da classe média paulista, historicamente de pertença religiosa católica, portanto, uma força da sociedade civil brasileira no maior centro econômico do país, logo tratou de responder ao pronunciamento de Jango.

No dia 19 de março saíram às ruas da capital paulista cerca de 200 mil pessoas, na “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, onde nas faixas apresentadas por aquela camada média da sociedade brasileira, em sua grande maioria, portanto, de pertença religiosa-política conservadora, viam-se faixas e cartazes com mensagens direcionadas diretamente ao presidente, algumas em tom ameaçador e outras com certa dose de humor. “Tá chegando a hora de Jango ir embora”<sup>123</sup> e, pelo lado cômico, “Vermelho bom, só batom.”<sup>124</sup>.

O Congresso Nacional com a maioria dos seus deputados de pertença política e religiosa conservadora, já estava disposto a bloquear as medidas reformadoras de Jango, pelo menos até o ano seguinte, quando haveria novas eleições. Em 1965 já estava anunciada a disputa pela presidência, entre um antigo conhecido da nação, aquele que havia renunciado à presidência da república em 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros, e o governador da Guanabara, Carlos Lacerda.

Nem Jango conseguiu implementar suas reformas de base e, muito menos Jânio Quadro e Carlos Lacerda disputariam o Planalto, o que veio foi o Golpe Civil Militar em 31 de março de 1964, que encerrou o país nos 21 anos de duração daqueles “anos de chumbo” e de “terror”, estes últimos iniciados com a promulgação do AI5 em 13 dezembro de 1968, até a morte do jornalista Vladimir Herzog, ocorrida em 25 de outubro de 1975. A liberdade democrática só ocorreria em 1985 com a abertura democrática impulsionada pelo movimento “Diretas Já!”<sup>125</sup>.

---

<sup>123</sup> GASPARI, E. A ditadura envergonhada, p. 49.

<sup>124</sup> GASPARI, E. A ditadura envergonhada, p. 49.

<sup>125</sup> Importante figura política neste cenário, foi o Deputado eleito pelo Estado do Mato Grosso, pertencente ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Dante de Oliveira, seu projeto também entrou para História do Brasil também como Emenda Constitucional Dante de Oliveira. Esta emenda objetivava a convocação de eleições diretas para Presidente da República, isto já no ano de 1983. Este movimento cresce consideravelmente no ano seguinte, com a participação maciça de representantes da classe média artística brasileira, lideranças políticas e a massa brasileira. “As maiores manifestações reúnem cerca de 1 milhão de pessoas no Rio e 1,7 milhão em São Paulo. Contudo, não impedem que a Emenda das Diretas seja derrotada no Congresso Nacional no dia 25 de abril, ao faltarem 22 votos para a sua aprovação.”.

Retomando aos anos de chumbo, é preciso destacar o período de horror que se inicia com o Decreto do Ato Institucional nº 5 em 13 de dezembro de 1968, ou seja, os “anos de chumbo” deram origem aos “anos de terror”.

O AI5 foi uma retaliação dos militares aos movimentos revolucionários clandestinos que avançavam no país, há quem considere este período como o início dos “anos de terror”, cujo pontapé inicial se dá no governo do Gal. Artur Costa e Silva que governou o país de 1967 a 1969.<sup>126</sup> A sociedade brasileira teria, enquanto

<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/destaque-de-materias/diretas-ja>. Acesso em: 07 de jan. 2024.

“Em 25 de abril de 1984, em sessão do Congresso Nacional, a matéria foi colocada em votação e rejeitada na Câmara dos Deputados: sim=298, não=65 e abstenção=3, deixando de ser submetida ao Senado Federal, com declaração de voto dos Deputados Renato Johassen, Victor Faccioni, Oscar Alves, Reinholdo Sthones, Ruben Figueiró, Juarez Bernardes, Saramago Pinheiro, Stélio Dias, Oswaldo Lima Filho, Lúcia Viveiros, Nelson do Carmo e Carlos Vinagre, ficando prejudicadas as PECs 06 e 08, de 1983, deixando de ser apreciada a PEC 20, de 1983, em virtude do término do prazo regimental da sessão.”.

Três meses depois há uma nova reviravolta da articulação política, a Frente Liberal, uma dissidência do PDS (Partido Democrático Social), entra em acordo com o PMDB, e nesta aliança, lançam o Senador José Sarney (ex-PDS) como Vice-Presidente na chapa de Tancredo Neves (PMDB) à Presidência da República. Tal articulação política resultou na Aliança Democrática, que derrotou o PDS na eleição do Colégio Eleitoral com “480 votos de um total de 686. Entretanto, Tancredo Neves não chega a assumir a presidência. No dia 14 de março, na véspera da posse, ele adoece e é hospitalizado, vindo a falecer após 38 dias de internação. Assim, José Sarney torna-se o Presidente da República, cargo que exercerá por cinco anos, até 15 de março de 1990.”. (<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/destaque-de-materias/diretas-ja>. Acesso em: 07 de jan. 2024).

<sup>126</sup> O Ato Institucional nº 5, promulgado em 13 de dezembro de 1968, mantinha a Constituição Federal de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais, mentira deslavada, pois: “O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências.”. ([https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-05-68.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm). Acesso em: 16 de jan. 2025). Apresenta-se no AI5, que o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, considerando a “revolução” de 31 de março de 1964 e os sucessivos AI’s que foram sendo criados ao longo da ditadura, a fim de assegurar a ordem democrática, “baseada na liberdade, no respeito à dignidade da pessoa humana, no combate à subversão e às ideologias contrárias às tradições de nosso povo, na luta contra a corrupção, buscando, deste modo, “os meios indispensáveis à obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil, de maneira a poder enfrentar, de modo direito e imediato, os graves e urgentes problemas de que depende a restauração da ordem interna e do prestígio internacional da nossa pátria” (Preâmbulo do Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964); Para os militares, desde 1964, o que estava em ação era a Revolução, para restaurar a ordem no país e garantir a liberdade de todos, isto obviamente não passou de um engodo. A seguir, alguns pontos que são importantes destacar deste Ato Institucional nº5:

“§ 1º - Decretado o recesso parlamentar, o Poder Executivo correspondente fica autorizado a legislar em todas as matérias e exercer as atribuições previstas nas Constituições ou na Lei Orgânica dos Municípios; [...] Art. 4º - No interesse de preservar a Revolução, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais. [...] Art. 5º - A suspensão dos direitos políticos, com base neste Ato, importa, simultaneamente, em:

- I - cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função;
- II - suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais;
- III - proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política;
- IV - aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:

durasse a “revolução” militar, tempos de repressão, com as prisões arbitrárias e as sessões de tortura servindo como método para que os prisioneiros produzissem provas contra os outros e contra si mesmos, diante das torturas quem não as faria? Embora, alguns, por exemplo, Tito, mesmo sob intensa tortura, não entregou nenhum dos seus amigos militantes.

Desde 1968, quando através da vigência do Ato Institucional nº 5 o Brasil entrara no mais longo período ditatorial de sua história, dois presidentes prometeram restaurar as franquias democráticas. Geisel, o único a não fazer essa promessa, acabou com a ditadura. Entre 1974, ao assumir o governo, e 1979, ao deixá-lo, transformou uma

---

a) liberdade vigiada;

b) proibição de frequentar determinados lugares;

c) domicílio determinado, [...] Art. 7º - O Presidente da República, em qualquer dos casos previstos na Constituição, poderá decretar o estado de sítio e prorrogá-lo, fixando o respectivo prazo. [...] Art. 8º - O Presidente da República poderá, após investigação, decretar o confisco de bens de todos quantos tenham enriquecido, ilicitamente, no exercício de cargo ou função pública, inclusive de autarquias, empresas públicas e sociedades de economia mista, sem prejuízo das sanções penais cabíveis. [...] Art. 12 - O presente Ato Institucional entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 13 de dezembro de 1968; 147º da Independência e 80º da República. ([https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-05-68.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm). Acesso em: 16 de jan. 2025).

Abaixo, seguem os signatários do Ato Institucional nº 5, que iniciou o período de terror da Ditadura Civil Militar no Brasil:

Artur Costa e Silva (Marechal do Exército Brasileiro; Mandato presidencial de 1967 a 1969);

Luís Antônio da Gama e Silva (jurista, a ele é atribuído o texto do Ato Institucional nº 5);

Augusto Hamann Rademaker Grünewald (Almirante da Marinha do Brasil; Vice-Presidente do Brasil de 1969 a 1974, após a morte do Marechal Artur Costa e Silva, fez parte da Junta Militar que governou o país de 31 de agosto a 30 de outubro de 1969);

Aurélio de Lyra Tavares (General do Exército Brasileiro; após a morte do Marechal Artur Costa e Silva, fez parte da junta militar que governou o país de 31 de agosto a 30 de outubro de 1969);

José de Magalhães Pinto (advogado, economista, banqueiro e político brasileiro);

Antônio Delfim Netto (economista, professor universitário e político brasileiro);

Mário David Andreazza (Coronel do Exército Brasileiro; Ministro dos Transportes no governo do General do Exército Brasileiro Emílio Garrastazu Médici de 1969 a 1974);

Ivo Arzua Pereira (Engenheiro, professor e político brasileiro);

Tarso Dutra Jarbas G. Passarinho (Tenente-Coronel do Exército Brasileiro e político brasileiro);

Márcio de Souza e Mello (Marechal-do-Ar da Força Aérea Brasileira; após a morte do Marechal Artur Costa e Silva, fez parte da Junta Militar que governou o país de 31 de agosto de 1969 a 30 de outubro de 1969);

Leonel Miranda (Médico e Ministro da Saúde do Governo do Marechal Costa e Silva);

José Costa Cavalcanti (Tenente-Coronel do Exército Brasileiro; Diretor Geral da Hidrelétrica de Itaipu Binacional, posto que assumiu em maio de 1974, no ato de constituição da empresa);

Edmundo de Macedo Soares (Engenheiro e político brasileiro);

Hélio Beltrão (economista e administrador brasileiro; foi Ministro nos Governos de Artur Costa e Silva e do General João Batista de Oliveira Figueiredo, último presidente golpista, governou o Brasil de 1979 a 1985);

Afonso A. Lima (General do Exército Brasileiro e Ministro no governo do Marechal Artur Costa e Silva).

Carlos F. de Simas (político brasileiro e Ministro das Comunicações do Governo do Marechal Artur Costa e Silva).

Presidência inerte, entregue a um colegiado de superministros, num governo imperial.<sup>127</sup>

O Ato Institucional nº 5, o último do período ditatorial, certamente foi o pior de todos os AI's, contudo, conforme já assinalado mais acima, a alcunha de “anos de chumbo”, condizente com os governos golpistas por 21 anos, já se iniciou no próprio Golpe Civil Militar de 31 de março de 1964, o AI5 inaugura, assim, os “anos de terror”, revelando a plasticidade da estrutura golpista liderada por seus marechais e generais, que legitimavam as prisões arbitrárias, as torturas, mortes e ocultação dos cadáveres.

O método das forças militares para o controle da sociedade sempre foi a utilização do medo, tanto da tortura psicológica como do seu uso contínuo na violência física. Há indícios de que logo após o golpe, em 1º de abril de 1964, os militares puseram em prática aquilo que melhor sabiam fazer, torturar, embora em 1964 as torturas não fossem constantes já havia denúncias esparsas.

Com o tempo, homens, mulheres, idosos, inclusive crianças, ninguém escapava da suspeita, perseguição, prisão e sessões de tortura dos militares no poder, a partir de 1968 as prisões arbitrárias e as sessões de tortura passaram a ser mais constantes.<sup>128</sup>

A tortura foi indiscriminadamente aplicada no Brasil, indiferente a idade, sexo ou situação moral, física e psicológica em que se encontravam as pessoas suspeitas de atividades subversivas. Não se tratava apenas de produzir, no corpo da vítima, uma dor que a fizesse entrar em conflito com o próprio espírito e pronunciar o discurso que, ao favorecer o desempenho do sistema repressivo, significasse sua sentença condenatória. Justificada pela urgência de se obter informações, a tortura visava imprimir à vítima a destruição moral pela ruptura dos limites emocionais que se assentam sobre relações efetivas de parentesco. Assim, crianças foram sacrificadas diante dos pais, mulheres grávidas tiveram seus filhos abortados, esposas sofreram para incriminar seus maridos.<sup>129</sup>

<sup>127</sup> GASPARI, E. A ditadura envergonhada, p. 35.

<sup>128</sup> No livro Brasil: nunca mais, há já em sua 1ª Parte, intitulado: “Castigo cruel, desumano e degradante”, uma série de registros documentais do depoimento de familiares à Justiça Militar em seus tribunais pelo país. Os familiares denunciavam as torturas com mulheres, inclusive grávidas e crianças, além do desaparecimento de alguns presos políticos. “[...] em 1970, em seu depoimento no Rio, a estudante Regina Maria Toscano Farah, de 23 anos, contou: (...) choques que molharam o seu corpo, aplicando conseqüentemente choques elétricos em todo o seu corpo, inclusive na vagina; que a declarante se achava operada de fissura anal, que provocou hemorragia; que se achava grávida, semelhantes sevícias lhe provocaram o aborto; (...)”. Et al. Brasil: nunca mais, p. 50.

<sup>129</sup> Et al. Brasil: nunca mais, p. 43. O projeto Brasil: Nunca Mais (BNM), teve acesso aos documentos, aos processos políticos que estavam de posse da Justiça Militar brasileira, relativos aos anos de 1964 a 1979, especificamente os processos que seguiram à instância superior, o Superior Tribunal Militar (STM). Disto resultou a análise de “707 processos completos e dezenas de outros incompletos, num total que ultrapassou 1 milhão de páginas imediatamente microfilmadas em duas vias, para que uma pudesse ser guardada, sem riscos, fora do país. Sobre o outro conjunto de microfilmes uma equipe se debruçou durante cinco anos, produzindo um relatório (Projeto “A”) de



Há um enorme volume de documentos/processos que estavam de posse da Justiça Militar brasileira e que se tornaram acessíveis. Um desses indicativos, é o conhecido Projeto “Brasil: nunca mais”, que se tornou livro, lançado no país e no exterior em língua inglesa no ano de 1985, pela Arquidiocese de São Paulo, portanto, em meio ao movimento popular, mencionado acima, o “Diretas Já!”.

Mas não só como livro, o projeto “Brasil: nunca mais” teve sua “tiragem restrita do Projeto “A” [...], distribuídas entre universidades, bibliotecas, centros de documentação e entidades voltadas para a defesa dos Direitos Humanos, no Brasil e no Exterior.”<sup>130</sup>

É em função deste “Projeto A” que as prisões arbitrárias e os métodos de tortura, que já se suspeitava desde 1964, embora tímidos, como prática comum dos militares no país, ganharam o *status* de “verdade histórica”, dado que as provas foram produzidas nos próprios interrogatórios dos torturadores e encaminhados nas instâncias jurídicas, como a Justiça Militar e o seu Superior Tribunal Militar.<sup>131</sup>

Dentro deste Projeto A, que se tornou o livro “Brasil: nunca mais”, há registros dos mais diversos tipos de tortura, esta prática comum dos governos militares, que se tornou rotineira ao longo dos 21 anos de ditadura.

No ano de 1990, portanto, somente 5 anos após a redemocratização, é que a prática da tortura foi tipificada como crime hediondo, segundo a Lei nº 8.072, que data de 25 de julho de 1990. “Dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do art. 5º, inciso XLVIII, da Constituição Federal, e determina outras providências.”<sup>132</sup>

---

aproximadamente 5.000 páginas, contendo informações impressionantes.”. Et, al. Brasil: nunca mais, p. 22.

<sup>130</sup> Et al. Brasil: nunca mais, p. 22.

<sup>131</sup> “O governo do Marechal Castello Branco foi colocado diante da questão da tortura bem depois do fragor da hora, ou, numa expressão de Geisel, do “calor da luta”. Em julho de 1964, quando a administração já havia retomado um curso relativamente normal, os cárceres começaram a gritar. Uma das primeiras denúncias acusava a presença de torturadores no quartel do 1º Batalhão de Polícia do Exército, em São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Desmentindo-a, a Divisão de Relações Públicas do gabinete do ministro da Guerra proclamou que o quartel não tinha “masmorras”, “pois seu presídio, relativamente novo, é limpo e seco e dispõe de luz diária”. GASPARI, E. A ditadura envergonhada, p. 142-143. No dia 1º de setembro o Correio da Manhã publicava em seu editorial, intitulado “Tortura e insensibilidade”, as seguintes corajosas palavras: “Todos os dias, desde 1º de abril, o público e as autoridades tomam conhecimento com detalhes cada vez mais precisos e em volume cada vez maior de atentados contra o corpo e a mente de prisioneiros culpados e inocentes. No entanto, desde o dia 1º de abril, o silêncio pesa por sobre esses crimes. Não há uma explicação, uma nota, um protesto oficial sobre as denúncias. Esse silêncio, e a própria frequência com que se toma conhecimento das torturas, provocam uma reação ainda mais sinistra: verifica-se a tendência para cair numa gradual insensibilidade, esgotando-se a capacidade de sentir terror e revolta.”. Correio da Manhã, 8 de julho de 1964.

<sup>132</sup> [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8072.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8072.htm)

Acesso em: 16 de jan. 2025.

Dentre os artigos da lei em questão, inclusive, está mencionado o problema do suicídio, embora relacionado as redes sociais, tentando impor algum limite a este ambiente virtual que ainda se encontra quase que plenamente irrefreável quanto a responsabilidade dos seus frequentadores sobre aquilo que escrevem, em inúmeros casos, crimes claros dentro do Código de Direito Penal Brasileiro.

Art. 1º São considerados hediondos os seguintes crimes, todos tipificados no Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, consumados ou tentados: (Redação dada pela Lei nº 8.930, de 1994) (Vide Lei nº 7.210, de 1984) [...] X - induzimento, instigação ou auxílio a suicídio ou a automutilação realizados por meio da rede de computadores, de rede social ou transmitidos em tempo real (art. 122, caput e § 4º); (Incluído pela Lei 14.811, de 2024) [...] Art. 2º Os crimes hediondos, a prática da tortura, o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins e o terrorismo são insuscetíveis de: (Vide Súmula Vinculante). I - anistia, graça e indulto; II - fiança. (Redação dada pela Lei nº 11.464, de 2007). § 1º A pena por crime previsto neste artigo será cumprida inicialmente em regime fechado.<sup>133</sup>

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) data de 10 de dezembro de 1948. Em seus artigos destaca-se o seguinte: “**Artigo 5º** *Ninguém será submetido a tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes.*”.<sup>134</sup>

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi uma clara resposta aos horrores praticados pelos militares nazistas alemães durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O AI5 é promulgado por militares e civis brasileiros, os seus signatários, praticamente 20 anos após aquela, em 13 de dezembro de 1968. No entanto, o AI5 ignora, atropela a DUDH, assim como o fizeram todos os governos ditatoriais na América Latina. Enquanto a DUDH valorizava a dignidade mínima de toda existência humana, a ditadura militar brasileira caminhava em total desarmonia, prendendo, torturando, matando e ocultando os cadáveres de suas vítimas, como no conhecido caso do Deputado Rubens Beirodt Paiva, caso que ganhou maior exposição devido ao lançamento do longa cinematográfico, de produção brasileira, “Ainda estou aqui” em grande parte das salas de cinema e festivais por todo o Brasil e no exterior.

Deputado federal pelo PTB, cassado de 1964, [...] tinha 41 anos e levava a vida de próspero engenheiro, vivendo com a mulher e cinco filhos numa casa de praia no Leblon. [...] Sua atividade política visível restringia-se a um círculo de notáveis do

<sup>133</sup> [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8072.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8072.htm)

Acesso em: 16 de jan. 2025.

<sup>134</sup> [https://desinstitute.org.br/noticias/declaracao-universal-dos-direitos-humanos-como-surgiu-e-o-que-defende/?gad\\_source=1&gclid=Cj0KCQiA-aK8BhCDARIsAL\\_-H9nBkyNi9pDux3QQiv8d1x2n7dCI02ep2OcJhbafnVbEi-hyQZgBwZMaAu1kEALw\\_wcB](https://desinstitute.org.br/noticias/declaracao-universal-dos-direitos-humanos-como-surgiu-e-o-que-defende/?gad_source=1&gclid=Cj0KCQiA-aK8BhCDARIsAL_-H9nBkyNi9pDux3QQiv8d1x2n7dCI02ep2OcJhbafnVbEi-hyQZgBwZMaAu1kEALw_wcB)

Acesso em: 16 de jan. 2025.

governo Goulart que vivia na Zona Sul do Rio. Estivera no Chile no final de 1970 e aconselhara seu amigo Almino Affonso, ex-ministro de João Goulart, a retornar ao Brasil. Achava que a ditadura se estabilizara mas não havia risco de que fosse preso ou torturado. [...] Rubens Paiva foi preso no início da tarde de 20 de janeiro de 1971, quando seis homens armados e nervosos ocuparam sua casa. Ele os acalmou, pediu que guardassem seus revólveres e vestiu-se.<sup>135</sup>

Rubens Paiva dirigiu seu próprio carro, escoltado por seus algozes até o quartel, que ficava próximo ao Aeroporto Santos Dumont no centro do Rio de Janeiro, era o III Zona Aérea. Na sala do interrogatório encontravam-se duas senhoras, que retornaram de Santiago no Chile dias antes, foram visitar os filhos, presas ao desembarcarem no Rio de Janeiro, nas bagagens de uma delas, havia duas cartas endereçadas ao Deputado Rubens Paiva. Uma das remetentes, Helena Bocaiuva, uma militante do MR-8 (Movimento Revolucionário oito de outubro).

Helena havia sido a fiadora da casa no bairro do Rio Comprido, no RJ, que serviu de cativo para o embaixador americano Charles Elbrick, sequestrado em 1969 e que serviu aos militantes como “moeda de troca” por presos políticos.<sup>136</sup> Helena Bocaiuva foi identificada à época do sequestro como militante do MR-8, mas fugiu para o exílio no Chile, ao retornar para o Brasil, Paiva, amigo e sócio do seu pai, o ex-deputado Luiz Fernando (Baby) Bocaiuva Cunha, a escondeu no Rio de Janeiro (Gaspari, 2002b).

Isso foi o suficiente para que aproximadamente dois anos após o sequestro de Elbrick, Paiva fosse visto pelos obstinados militares como uma grande ameaça. Quando o aspirante a oficial médico do DOI (Destacamento de Operações de Informações), também conhecido como DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações-Centro de Operações de Defesa Interna), Amilcar Lobo,

foi acordado em casa e levado ao quartel. Subiu à carceragem do segundo andar e lá, numa das celas do fundo do corredor, encontrou um homem nu, deitado, com os olhos fechados. Tinha todo o corpo marcado de pancadas e o abdômen enrijecido, clássico sintoma de hemorragia interna. “Rubens Paiva”, murmurou duas vezes o preso, abrindo os olhos. Lobo aconselhou que ele fosse levado para um hospital, mas o major que o acompanhou à cela achou melhor retê-lo: “Ele é muito quente, doutor, se dá com gente do Chile”. Na manhã seguinte o médico foi informado que Rubens Paiva morreria. Pretendiam esquartejá-lo.<sup>137</sup>

<sup>135</sup> GASPARI, E. A ditadura escancarada, p. 324-325.

<sup>136</sup> Há um outro registro cinematográfico brasileiro centrado no caso do sequestro do Embaixador americano Charles Elbrick. Lançado em 1º de maio de 1997, chegava às salas de cinema no Brasil, “O que isso, companheiro?” do diretor de cinema Bruno Barreto. Este filme conta com a participação do ator e da atriz brasileira, Selton Mello e Fernanda Torres, os mesmo que reviveram Rubens Beirodt Paiva e sua esposa Eunice Paiva, no longa premiado internacionalmente “Ainda estou aqui”, lançado em 7 de novembro de 2024, com a direção de Walter Salles.

<sup>137</sup> LOBO, A. A hora do lobo, a hora do carneiro, p. 27-29.

No comando do DOI estava o Major José Antonio Nogueira Belham, ele era o responsável pela elaboração de falsos relatórios sobre presos políticos torturados, mortos e desaparecidos, como no caso do Deputado Rubens Paiva, que no relatório do Major ganhou o nome de “Rubens Seixas”.

O falso relatório, apresentado numa delegacia em 22 de janeiro de 1971, dois dias após a prisão, tortura e morte de Paiva, dizia que um tal Rubens Seixas havia sido sequestrado por terroristas, que cercaram o veículo em que ele estava com um capitão e dois sargentos. Na troca de tiros, os militares e Rubens Seixas conseguiram sair do veículo Volkswagen, mas este último foi levado pelos terroristas. Portanto, a versão do forjador de mentiras, Major Belham, indicava que Rubens Seixas havia sido resgatado por terroristas (Gaspari, 2002b).

Só no dia 3 de fevereiro identificaram a verdadeira identidade de Rubens Seixas, que havia sido sequestrado/resgatado no Alto da Boa Vista, RJ, conforme a farsa do Major Belham.

A Justiça Militar estava “confusa” quanto aos fatos. A boa imprensa buscou fazer sua parte e, a Censura militar golpista também procurou fazer a dela. “No dia 3 de fevereiro a Censura proibiu a divulgação de uma carta da filha de Rubens Paiva, de quinze anos ao Ministro da Justiça, Alfredo Buzaid.”<sup>138</sup>

A viúva de Rubens Paiva, Eunice Paiva, receberia muitas outras versões da morte do seu marido, pior, jamais pode velar o corpo do seu marido. “Eunice, sua viúva, bateu à porta do Superior Tribunal Militar e do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. Sabia que o marido estava morto, mas pedia que se investigasse a versão farsesca do episódio do Alto da Boa Vista.”<sup>139</sup>

Nas palavras de Gaspari (2002b), o Deputado Rubens Paiva, próspero, casado e pai de cinco filhos, morador da zona nobre do Rio de Janeiro, o bairro do Leblon, preso, torturado, moído pelo Exército Brasileiro, pode ser lido da seguinte forma.

Assassinara-se um ex-deputado federal cuja atividade política era desassombrada, porém inofensiva, e cuja vida pessoal acompanhava muito mais os padrões da elite do Milagre do que os códigos da militância esquerdista. Contara-se uma história insustentável, e encerrara-se o assunto. Tinha razão o deputado Pedrosa Horta: “Não há nada a fazer. E, realmente, não há.”

Eunice Paiva (1929-2018), enfrentou os militares golpistas por diversas vezes, em busca não só do corpo do seu esposo, mas de justiça, a fim de que fosse revelada

<sup>138</sup> MARCONI, P. A censura política na imprensa brasileira, p. 232.

<sup>139</sup> GASPARI, E. A ditadura escancarada, p. 327-328.

a verdadeira história do seu paradeiro, e não as farsas dos relatórios militares como a do Alto da Boa Vista, que procurava encerrar o que ocorreu com Rubens Paiva. Embora Eunice fosse derrotada constantemente diante dos pedidos feitos à justiça comum e a militar, certamente tinha a esperança de que ainda havia muito a se fazer.

[...] ingressou na faculdade de Direito. Conciliava a vida de mãe e de pai de cinco filhos com a rotina estudantil. Tornou-se advogada respeitada e se engajou em lutas sociais e políticas. Eunice combateu a política indigenista do regime até o final da ditadura, e tornou-se uma das poucas especialistas em direito indígena do país. [...] Foi uma das principais forças de pressão que culminou com a promulgação da Lei 9.140/95, que reconhece como mortas as pessoas desaparecidas em razão de participação em atividades políticas durante a ditadura militar. Em 1996, após 25 anos de luta por memória, verdade e justiça, Eunice conseguiu que o Estado brasileiro emitisse oficialmente o atestado de óbito de Rubens Paiva. Faleceu aos 86 anos no dia 13 de dezembro de 2018, em São Paulo. Ela convivia há 14 anos com Alzheimer.<sup>140</sup>

#### **4.2. A Teologia da Libertação apresentada em seus traços históricos: “a opção preferencial pelos pobres”**

A Teologia da Libertação (TdL), nasce e se desenvolve especificamente no contexto histórico, político, econômico, portanto, cultural, de alguns países da América Latina. Este “cristianismo da libertação” (Löwi, 2000) se desenvolve através de textos críticos que buscam construir um diálogo entre a vida religiosa cristã com a coisas da política, tais questões não se divorciam, mas revelam um casamento dentro das especificidades histórico-culturais dos países que “abraçaram”, não sem graves consequências aos seus militantes, este movimento que tem uma marca de nascença intrínseca carregada por toda sua existência, “a realidade histórica dos pobres.”<sup>141</sup>

Portanto, os seus articulistas, que em sua grande maioria são clérigos vinculados a fé cristã, mas que não se restringe só a eles, pois o movimento contou com a participação de grande parcela da sociedade, numa ampla rede de instituições que formam o organismo social. A TdL parte da situação histórica dos pobres, na América Latina, dentro da instrução acadêmica teológica, mas ao ser apresentada de maneira mais ampla para sociedade leiga, ganha adesão prática e intelectual por parte dela.

Os pobres são sujeitos históricos que devem estar conscientes de sua condição no mundo, ou seja, não é a vontade de um certo tipo de Deus, interpretado por certo

<sup>140</sup> <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/eunice-paiva/>

Acesso em: 17 de jan. 2025.

<sup>141</sup> ROCHA, A. Teologia da libertação, p. 963.

tipo de humano religioso, que os deixa nesta condição de vulnerabilidade social, mas é o próprio mundo dos humanos, que os empurra para sua condição econômica social, portanto a pobreza é uma construção política de poder.

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “inversão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens.”<sup>142</sup>

Neste aspecto, a TdL também possui o seu papel pedagógico libertador, o pobre é sujeito histórico, mas também parte do corpo social, e que deve alçar conscientemente de que sua situação de pobreza no mundo é operada pelos humanos na disputa política, muitos destes, inclusive, com a inacreditável pertença religiosa junto as denominações cristãs.

No mito da criação relatado pelo livro do Gênesis, o pecado entra no mundo pela ação do homem e da mulher, ou seja, uma ação humana, e, neste aspecto, a pobreza é um dos reflexos do seu pecado, não imposta por Deus, mas fruto da ausência de solidariedade e da virtuosidade do egoísmo, que ofende consideravelmente o Deus judaico-cristão, é, portanto, pelo próprio humano de pertença religiosa judaico-cristã que este tipo de pecado deve ser extirpado do mundo.

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmo”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas.<sup>143</sup>

Esta sede por respostas, no caso dos pobres, que se perguntam, por que estamos no mundo em tal situação de penúria? Questionamento que é aproveitado pela TdL, a fim de que eles tomem consciência de quem realmente os coloca à margem, gravitando por gerações o núcleo populacional médio, em que a vida se revela mais digna.

Uma pedagogia que tem como centro de sua preocupação os pobres, como a “Pedagogia do oprimido” de Paulo Freire, é também libertadora e se une à metodologia da TdL, na dura tarefa de articular escolarização com a dura existência deles determinada pelo jogo político.

---

<sup>142</sup> FREIRE, P. Pedagogia do oprimido, p. 41.

<sup>143</sup> FREIRE, P. Pedagogia do oprimido, p. 31.

A Escritura é o ponto de partida da TdL para a análise da pobreza nas sociedades modernas, junto com o aporte de outras ciências, preferencialmente as Ciências Sociais, que informam cientificamente a situação do pobre na América Latina e no mundo. A TdL vem a lume na América Latina, como movimento histórico, compreendendo que a pobreza nos países em que o cristianismo é uma grande força religiosa, simboliza uma ofensa ao Sagrado, ao Deus cristão.

Há uma responsabilidade histórica da Igreja no trato da categoria pobre, há inúmeras evidências na Escritura que mostram este cuidado, que parte do horizonte teocrático, portanto religioso de vida dos hebreus/judeus, com inúmeras leis a respeito desta obrigação em acolher o pobre, a viúva e o estrangeiro que estivesse no meio do povo, e este acolhimento seria agradável ao seu Deus, inclusive determinando a prosperidade junto às suas tribos, conforme relata, por exemplo, a pena do autor do livro do Deuteronômio em seu capítulo 26, a respeito do “Dízimo Trienal”, que faz parte do Credo Deuteronômico. Segue abaixo uma parte importante deste trato que todo o povo de Deus deveria dar aos necessitados.

No terceiro ano, o ano dos dízimos, quando tiveres acabado de separar todo o dízimo da tua colheita e o tiveres dado ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva para que comam e fiquem saciados em tuas cidades, tu dirás diante de Iahweh teu Deus: Tirei de minha casa o que estava consagrado e dei ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e a viúva, conforme todos os mandamentos que me ordenaste. Não transgredi e nem me esqueci dos teus mandamentos. Dele nada comi durante o meu luto, e, estando eu impuro, dele nada tirei, e dele nada ofereci por um morto. Obedeci a voz de Iahweh meu Deus e agi conforme tudo o que me ordenaste. Inclina-te da tua morada santa, do céu, e abençoa o teu povo Israel, como também o solo que nos deste, conforme juraste aos nossos pais, uma terra onde mana leite e mel.”<sup>144</sup> Este texto da Bíblia Hebraica, retirado da Torah, é apenas

Credo que, segundo à pena do autor, remete às ações futuras dos homens de uma sociedade agrícola, dentro de uma terra que ainda não foi conquistada. Ao recebê-la de Iahweh, como promessa feita aos patriarcas, todo homem, líder de uma família ou tribo, deverá cumprir à risca o que está nesta lei perante o sacerdote que estiver em função naqueles dias.

Notem que, disto depende, segundo a fé do futuro Israel em Canaã, a prosperidade das tribos de Iahweh na terra presenteada por ele, terra muito próspera, identificada metaforicamente como “terra que mana leite e mel”.

Em termos históricos modernos, ligados à realidade brasileira, os colonizadores perceberam que o Brasil possuía uma terra diferente. Consta que

---

<sup>144</sup> Dt. 26, 12-15. Bíblia de Jerusalém.

Pedro Vaz de Caminha (1450-1500), o escrivão português, escreveu ao Rei de Portugal, Dom Manuel, a respeito desta terra “em se plantando tudo dá”.

A TdL percebe que a pobreza é uma realidade de ordem político-social. A Igreja é uma instituição histórica, o cristianismo nasce dentro da história, logo, não há uma separação da vida religiosa com o desenvolvimento da vida social humana, são uma só coisa.

A TdL também parte da Lei de Israel, da Torah, para fundamentar em termos religiosos e políticos, que o Iahweh do futuro Israel tinha plena preferência pelos pobres, identificados pela TdL com os oprimidos pelo faraó egípcio em exercício nos tempos do Êxodo, ou seja, a opressão identificada pelo aparato do Estado simbolizado pela potência política daquele momento histórico, o Egito.

A fé dos hebreus é apresentada pelo autor do texto do Êxodo, suas contínuas orações ao Deus Iahweh, que é um Deus que age na história, também por ações humanas, é Moisés o seu instrumento que deve liderar o povo para libertação, para isso Iahweh se apresenta a ele da seguinte maneira.

Iahweh disse: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel, o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus. Agora, o grito dos israelitas chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os Israelitas.”.<sup>145</sup>

O grito dos pobres chega sempre a Deus, mas no horizonte da TdL, a libertação dos pobres das mãos dos seus algozes, não virá de uma sucessão de eventos fantásticos à maneira dos sinais e prodígios de Iahweh, conforme os relatos encontrados no livro do Êxodo.

A libertação virá pela prática da justiça de Deus na ação de sua Igreja no mundo, que simboliza a imitação de Jesus de Nazaré junto aos pobres. Jesus, ao anunciar a chegada do Reino de Deus, o faz para todas as classes sociais que frequentou no seu tempo, conforme assinalam os Evangelhos, mas é neles também, que se percebe uma dedicação maior dele junto aos sofridos. Os necessitados do Credo Deuteronômico, o levita, o estrangeiro, o órfão e a viúva, recebem a companhia de inúmeros outros grupos humanos, de gente sofrida, comum nos tempos de Jesus, que dedica uma maior atenção a eles.

---

<sup>145</sup> Ex 3, 7-12. Bíblia de Jerusalém.



Os evangelhos se referem às pessoas para quem Jesus voltou sua atenção por meio de várias expressões: os pobres, os cegos, os coxos, os aleijados, os leprosos, os famintos, os miseráveis (aqueles que choram), pecadores prostitutas, coletores de impostos, endemoninhados (aqueles que estavam possuídos por espíritos impuros), os perseguidos, os esmagados, os cativos, todos os que labutam e estão sobrecarregados, a ralé que não conhece nada da lei, as multidões, os pequenos, os que são menos que nada, os últimos e as criancinhas ou as ovelhas perdidas da casa de Israel. São expressões que se referem a segmento bem definido e inconfundível da população. Jesus geralmente se refere a eles como os pobres ou os pequeninos; os fariseus se referem as mesmas pessoas como pecadores ou a ralé que não conhece nada da lei. Hoje, algumas pessoas poderiam se referir a esse segmento da população como as classes inferiores; outros os chamariam de oprimidos.<sup>146</sup>

A TdL, portanto, parte das análises do “livro da libertação”, o Êxodo, passando pela práxis de Jesus de Nazaré junto aos pobres do seu tempo, registradas nos Evangelhos, e que hoje são os grupos de oprimidos encontrados em todas as esquinas do mundo. Evidente que o rótulo oprimido carrega junto de si o opressor, que para a TdL é o sistema político quando abusa do poder democrático que lhe foi concedido pelo povo. Porém, a TdL no Brasil nasce próximo do contexto do golpe civil militar brasileiro de 1964, portanto, no período em que a palavra democracia e o seu significado foram sequestrados pelos governos militares golpistas.

Um dos grandes expoentes da TdL no Brasil, Leonardo Boff, afirmou que, a teologia da libertação é, ao mesmo tempo, reflexão de uma *práxis* anterior e uma reflexão sobre essa *práxis*. Mais precisamente, é a expressão de um vasto movimento social que surgiu no começo da década de 60, bem antes dos novos escritos teológicos.<sup>147</sup>

O sociólogo franco-brasileiro, Michel Löwy, em suas análises do movimento denominado Teologia da Libertação, questiona este título dado ao movimento, devido a sua rede social ser extremamente ampla, ou seja, para ele o movimento vai além dos limites impostos pela Igreja, por sua capacidade de mobilizar uma grande quantidade de pessoas ao movimento para objetivos comuns. Portanto, a proposta de Löwy, é que o movimento fosse compreendido como “*cristianismo da libertação*”, por ser esse um conceito mais amplo que “teologia” ou que “Igreja” e incluir tanto a cultura religiosa e a rede social, quanto a fé e a prática.”.<sup>148</sup>

Um dado nem sempre lembrado e importante sobre a TdL, é que ela defende a causa dos oprimidos, segundo motivações morais e espirituais, portanto, há a união entre cultura religiosa, fé cristã e a tradição católica. Esta apresentação do

<sup>146</sup> NOLAN, A. Jesus antes do cristianismo, p. 39-40.

<sup>147</sup> LÖWY, M. A guerra dos deuses, p. 56.

<sup>148</sup> LÖWY, M. A guerra dos deuses, p. 57.

movimento em seu aspecto moral e religioso é que seduziu os ativistas, alguns se tornaram militantes contra os “anos de chumbo”, cristãos que eram, dentro de inúmeras instituições que formam o corpo social.

Estes que se sentiram atraídos pelo movimento nos sindicatos, associação de moradores, nas CEB’S (Comunidades Eclesiais de Bases) e nas frentes revolucionárias, revelando que “os próprios pobres se conscientizam de sua condição e se organizam para lutar como cristãos que pertencem a uma Igreja e são inspirados por uma fé.”.<sup>149</sup>

O aspecto moral religioso, portanto, que está na camada fundante, não reduz o movimento a interesses sociais e econômicos, como já afirmado anteriormente, a TdL compreende que a pobreza é produto de uma opressão dos poderosos que comandam o corpo social e que “ofende” profundamente a Deus.

O opressor político, mas que envolve outra camada social, a dos mais abastados, tendo a classe média como o setor mais manipulável pelo discurso político, este que, em parte, veladamente, representa os interesses das famílias mais ricas, que no caso brasileiro, são os controladores do balanço econômico. Jogo político-econômico que faz crescer o fosso social entre as camadas sociais, com maiores prejuízos, inegáveis, aos oprimidos pelos controladores do sistema econômico. Quanto a classe média, esta simboliza a ilusão histórica de que um dia alçará o topo da riqueza.

O sociólogo brasileiro Jessé Souza, que estuda há tempos a formação da classe média brasileira e sua expressiva influência na sociedade, contudo, como massa de manobra da alta classe média, define assim este cenário caótico.

Na massa da classe média, as visões de mundo tendem a ser mais diversificadas, multifacetadas e polarizadas do que na alta classe média. Não só a massa da classe média é bem mais numerosa, como nela as trajetórias de vida, ascendentes e descendentes, desempenham papel decisivo nas concepções de mundo e no comportamento prático. Nesse segmento social, tende a ser maior a distância entre o discurso do capitalismo financeiro e a vida prática das pessoas. Se na alta classe média [há] a confluência de vários tipos de capital – econômico, cultural e de relações sociais –, que permite uma extraordinária flexibilidade e o aproveitamento efetivo mesmo de circunstâncias adversas, a situação é bem diferente na massa da classe média. Nesse sentido, Ronaldo [entrevistado por Souza em certo momento de sua pesquisa], é um caso exemplar. Encarregado da gestão intermediária da agência, Ronaldo é uma espécie de faz-tudo de Paco, o gerente da empresa no Brasil, que não hesita em lhe mandar mensagens de madrugada tratando de assuntos que havia esquecido de organizar para a manhã seguinte. Para Ronaldo, a flexibilidade no horário de trabalho não é um recurso à sua disposição, como no caso de profissionais

---

<sup>149</sup> LÖWY, M. A guerra dos deuses, p. 59.

da alta classe média, mas um grillão. A servidão de Ronaldo dura as 24 horas do dia, pois está o tempo todo à disposição do chefe.<sup>150</sup>

Este cenário social da realidade da classe média brasileira, apresentado nas palavras de Souza (2018), portanto, retrato social de uma pesquisa relativamente recente, porém, que não retira o perfil desta classe numerosa, em seu potencial poder transformador da ordem histórico-social. O Golpe Civil Militar perpetrado em 31 de março de 1964, como observado mais acima nesta pesquisa, conta com o apoio da classe média daquele período histórico, que vai às ruas, em nome de Deus, pedindo a deposição de Jango, o que nem veio a acontecer, mas sim o golpe.

A TdL traçou seu método pelo caminho dialético, fazendo uso das Ciências Sociais, portanto, não faz uso das categorias metafísicas desenvolvidas e comuns à história do cristianismo. Seu método é empírico, em que a fé se exerce na prática da caridade, portanto, atitude de fé na história e que continua vinculada a ela. Esta perspectiva revela uma crença na transcendência da própria história e que está inseparável da atitude de fé. Neste sentido, Rocha (2008), informa que,

[...] é necessário entender o conceito de transcendência e imanência. O primeiro é entendido como aquilo que está além do limite e o segundo é aquilo que está aquém do limite. Imanente é a própria situação de opressão, na qual o pobre se sente limitado pelas dominações econômicas, ideológicas e cultural.<sup>151</sup>

A mediação sócio analítica da TdL desejou compreender, dentro dos pressupostos científicos das Ciências Sociais, as causas da opressão e da morte dos pobres, para que após aos resultados desta análise, pudesse interferir naquelas causas, oferecendo-lhes a possibilidade de libertação.

A mediação sócio analítica é marxista, porém, a TdL não faz uso extremo do materialismo dialético, que tem a matéria como absoluta e nega, o mistério de Deus, - como apresentado mais acima nesta pesquisa a respeito dos escritos críticos à religião do jovem Karl Marx. “Marx é tomado como crítico social, mas os valores são os da fé. O uso do marxismo na TdL possui legitimidade em três aspectos: na defesa da vida, na crítica à economia fetichista e no caráter missionário da teologia.”<sup>152</sup>

A mediação hermenêutica é o momento em que a Escritura é consultada junto a toda tradição teológica desenvolvida para obtenção de respostas que possam gerar condenação aos opressores, reflexão, mas também ações práticas junto aos

<sup>150</sup> SOUZA, J. A classe média no espelho, p. 248.

<sup>151</sup> ROCHA, A. Teologia da libertação, p. 964.

<sup>152</sup> ROCHA, A. Teologia da libertação, p. 964.

oprimidos, resultando entre eles ações que os levem à conscientização de quem os oprime e que, neste aspecto, os levem a movimentos internos rumo à libertação.

A hermenêutica, portanto, se afirma neste horizonte como libertadora através da Escritura que vai indicando o caminho a ser percorrido pelos oprimidos rumo à sua liberdade. Este percurso libertador,

caracteriza-se por três grandes traços: privilegia a aplicação sobre a explicação, busca descobrir e ativar a energia transformadora dos textos bíblicos e o contexto social da mensagem bíblica é acentuado com a leitura teológico-política, colocando o texto dentro do contexto. [...] Compreende-se, portanto, que a libertação é fruto de um processo do qual todos devem participar e não um golpe da vontade.<sup>153</sup>

Tito de Alencar Lima não chegou a vislumbrar o período de consolidação da TdL, dos anos de 1979 a 1987. Este período é percebido como o período de amadurecimento do movimento, mas também de conflitos com a sociedade e a própria Igreja, em relação a esta última, desde o início dos anos 70 o Vaticano, representado por sua ala conservadora combatia a TdL, com o seu órgão regulador, o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), dirigido naquele momento por bispos conservadores.

Ainda assim, muito se produziu teologicamente dentro da perspectiva libertadora, os principais temas teológicos foram articulados dentro dessa perspectiva, um exemplo deste percurso teológico foi a coleção “Teologia e Libertação”, consolidando o amadurecimento daquele período.

Consta que o maior momento de tensão entre os teólogos articulistas da TdL e a ala conservadora da Igreja católica, surge em 1984. No contexto brasileiro, recém pós-ditatorial, mas que a liberdade dos anos de chumbo e de terror ainda era uma desconfiança, isso porque o movimento Diretas Já! ainda não havia consolidado o sonho brasileiro do retorno do país para o regime político democrático. As eleições, indiretas, realizadas por um Colégio Eleitoral no Congresso Nacional, só vieram a acontecer em 15 de janeiro de 1985, encerrando assim os anos de chumbo e de terror.

Tancredo de Almeida Neves (PMDB-MG) foi escolhido pelo Colégio Eleitoral em 15 de janeiro de 1985, em eleição indireta na qual derrotou o candidato do PDS, o deputado Paulo Maluf (SP). Porém, na véspera de tomar posse, em 14 de março daquele ano, Tancredo foi internado em estado grave, no Hospital de Base de Brasília, e Sarney assumiu o cargo. [...] A eleição de Tancredo marcou o rompimento de quase 21 anos de regime militar no País, a partir de 31 de março de 1964. A chapa de Tancredo e Sarney, a Aliança Democrática, foi formada após a derrota no

---

<sup>153</sup> ROCHA, A. Teologia da libertação, p. 964-965.

Congresso, em abril de 1984, da emenda Dante de Oliveira, que previa eleições diretas para presidente da República.<sup>154</sup>

O dado inacreditável destes fatos, foi que alguns deputados e senadores do Congresso Nacional à época, após viverem os males da ditadura dos “anos de chumbo” e alguns outros de “terror”, procuraram impedir que a emenda Dante de Oliveira fosse vencedora, o que confirma os pares político-civis favoráveis à ditadura, aliás, evidências claras daquilo que se tornou o Congresso Nacional também na segunda década do século XXI no Brasil, em que deputados e senadores eleitos democraticamente, se revelam descontrolados, abertamente desejos do retorno dos anos de chumbo e do seu período de terror. Portanto, mais uma vez com o apoio amplo, tanto da classe alta, como do baixo clero, a classe média propriamente dita, inclusive com contribuições econômicas para que este intuito seja concretizado.

É, portanto, no caso do contexto brasileiro dos primeiros anos da década de 1980, especificamente 1984, às portas das eleições indiretas no Brasil, momento histórico de muitos medos e incertezas no cenário político, que a Igreja resolve endurecer sua condenação à TdL com a apresentação de duas instruções emitidas pela Congregação para Doutrina da Fé, a Instrução *Libertatis Nuntius* e dois anos mais tarde, a Instrução *Libertatis Conscientia*. “A crítica se dá à epistemologia da TdL. Trata-se da utilização do marxismo na utilização da reflexão teológica, especialmente, na mediação socioanalítica.”<sup>155</sup>

O que Tito chega a desfrutar em vida quanto a TdL, é o período apresentado como a fundamentação histórica do movimento (1962-1968), com o surgimento de grandes teólogos e várias obras de envergadura teológico-libertadora, portanto, convocando os leigos e os sacerdotes militantes da Igreja a uma práxis de fé que procurava transformar os rumos da história, apresentados até então na América Latina.

No contexto brasileiro, condenando e denunciando o silêncio imposto pelo medo psicológico, pela violência física dos torturadores nos governos ditatórias, que por aqui se iniciou a partir daquele fatídico 31 de março de 1964, que abriu às portas da “sucursal do inferno”<sup>156</sup> no país, conforme anunciou o covarde capitão

<sup>154</sup> <https://www.camara.leg.br/noticias/138335-eleicao-indireta-de-1985-marcou-o-fim-da-ditadura-militar/>. Fonte Agência Câmara de Notícias

<sup>155</sup> ROCHA, A. Teologia da libertação, p. 963.

<sup>156</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 258.

Maurício quando da ocasião da transferência de Tito do Presídio Tiradentes para as masmorras da OBAN (Operação Bandeirantes), sob o comando do Exército Brasileiro em 17 de dezembro de 1970, numa terça-feira às 14:00 horas.

A percepção teológica/eclesiológica da Igreja como povo de Deus, é devida ao Concílio Vaticano II (1962-1965), isto favoreceu aos modelos eclesiais que estavam distantes do contexto europeu, por isso a América Latina se tornou uma terra fértil para reflexão, surgimento e desenvolvimento da TdL, sob as condições sociais e econômicas da América Latina que gritava há tempos a opressão sofrida por milhões de pobres espalhados pelo continente, mas que as igrejas se mantinham quase que surdas a estes gritos dos desesperados latino-americanos.

A caridade sempre foi comum dentro da Igreja cristã ao longo de sua história, já se fez menção a isto nesta pesquisa, mas a TdL proporcionou a criação de um movimento mais profundo dentro das raízes histórico-culturais onde ela se fazia presente, sem se afastar da práxis da fé cristã, considerando o pobre, o oprimido latino-americano, como sujeito de sua própria história, sempre levando-o a refletir sobre sua própria situação no mundo, dentro de um modelo pedagógico à maneira do educador brasileiro, reconhecido internacionalmente por suas inúmeras obras traduzidas em diversos idiomas, Paulo Freire.

Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens [humanos], na sua vocação ontológica e histórica do ser mais. A reflexão e a ação impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem. Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática.<sup>157</sup>

Os mais sofridos desta América Latina e do mundo, tendo às suas existências agravadas pelo analfabetismo que lhes foi imposto, ao alfabetizarem-se, por exemplo, aqui no Brasil pelo método inovador criado por Freire, em que ao mesmo tempo que ensinava a ler e escrever, revelava a eles, o panorama político como a real causa de sua opressão, eles, ao abrirem os seus olhos “doídos”, ao saírem das sombras em que estavam, nas cavernas “ditatoriais”, tomavam consciência de que sua pobreza nunca foi um acidente histórico, uma fatalidade histórica ou uma imposição de um Deus cruel e impiedoso, mas que os seus algozes se revelavam os seus próprios semelhantes culturais, em grande parte, personificados nos que

---

<sup>157</sup> FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, p. 59.

ocupavam as luxuosas cadeiras do Congresso Nacional, na Câmara dos Deputados e no Senado Federal.

Na perspectiva da TdL, em conformidade com o livro da libertação, o Êxodo, Deus interfere na história pela ação humana, ação que parte do sujeito conscientizado, liberto, portanto, não ideologizado por determinada corrente seja ela religiosa ou secular.

O processo rumo à liberdade passa inevitavelmente pela conscientização do oprimido, tornando-o um ator político dentro do cenário histórico-social na reconstrução de sua realidade, esta conscientização é a que resulta na prática libertadora.

Por outro lado, se o momento já é o da ação, esta se fará autêntica práxis se o saber dela resultante se faz objeto da reflexão crítica. É neste sentido que a práxis constitui a razão nova da consciência oprimida e que a revolução, que inaugura o momento histórico desta razão, não pode encontrar viabilidade fora dos níveis da consciência oprimida. A não ser assim a ação é puro ativismo. Desta forma, nem um diletante jogo de palavras vazias – quebra-cabeça intelectual – que, por não se reflexão verdadeira, não conduz à ação, nem ação pela ação. Mas ambas, ação e reflexão, como unidade que não deve ser dicotomizada.<sup>158</sup>

Neste aspecto, os pioneiros da TdL perceberam a urgente necessidade de conscientização dos oprimidos, fazendo-os refletir hermeneuticamente sobre, se a Palavra de Deus poderia ser utilizada como ferramenta libertadora, exercício pedagógico, que se inicia dentro dos próprios limites da Escritura, enquanto texto de um povo distante, temporal e cultural, em sua atitude de fé que buscou junto ao seu Deus Iahweh revelado no Antigo Testamento, a liberdade e, quando conquistada, a contínua luta dentro da história para que ela permanecesse viva em meio ao povo.

Toda vez que a liberdade foi ameaçada em Israel rememorava-se a teologia pedagógica da libertação, o Êxodo, evento/texto sempre relido hermeneuticamente sob a luz da fé ao longo da História de Israel.

José Severino Croatto traz uma importante contribuição a respeito da hermenêutica da Bíblia Hebraica, especificamente no livro do Êxodo e suas múltiplas interpretações possíveis dentro do contexto da libertação.

Um acontecimento humano não se esgota por si mesmo, nem na crônica que o descreve. É capaz de gerar outros acontecimentos (a isto H. G. Gadamer chama de “efeito histórico”). Não nos interessa este fenômeno do ponto-de-vista da causalidade, mas da compreensão. Com efeito, o sentido do acontecimento recente se descobre como já incluso *dentro* do primeiro acontecimento. À medida que

---

<sup>158</sup> FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, p. 59-60.

aumenta a cadeia de acontecimentos, verifica-se um acúmulo retrospectivo de significação, naquele ponto de partida.<sup>159</sup>

Nem todo evento é fundante para uma cultura, é o humano que em sua atitude histórico-cultural, que dá, dentro deste aspecto abordado, validade ou caráter de “efeito histórico” (Croatto, 1981). “Por isso há acontecimentos humanos que se submergem na obscuridade, à medida que outros fatos vêm enriquecer seu eixo semântico.”.<sup>160</sup>

A importância do “efeito histórico” do Êxodo, compreendendo-o como “eixo semântico”, para a TdL, revela que este efeito histórico é fundamental ainda hoje para os judeus, como o foi para a TdL no início dos anos de 1960 na América Latina, “quanto maior for a distância entre um conhecimento fundamental e outro derivado, tanto mais densa será a significação do primeiro. [...] O acontecimento é anterior a palavra; esta o interpreta e explicita sua reserva de sentido.”.<sup>161</sup>

Ao compreender uma determinada cultura, no espaço tempo, é possível observar quem são os agentes da opressão e o povo oprimido. Neste sentido, a “reserva de sentido” de um texto, portanto, também “reserva semântica”, é que alimenta a fé de um povo em busca de liberdade, conforme compreende-se aqui a importância do “efeito histórico” do Êxodo. Mas as liberdades que os oprimidos anseiam são muitas e revelam o caráter libertador associado ao contexto histórico-cultural de um povo.

A palavra *Libertação* se tornou significativa não somente para a práxis política e para a reflexão teológica. Ele veicula a emergência de uma nova consciência histórica, como maneira de compreender e de se situar face à totalidade da história. A linguagem da libertação, por mais diversas que se apresentem suas ramificações, articula uma nova óptica pela qual se interpreta a história humana no seu presente e no seu passado. Pensar e atuar em termos de libertação em política, em economia, em pedagogia, em religião, em sociologia, em medicina, em psicologia, em crítica ideológica, etc. implica uma virada hermenêutica e a entronização de um novo estado de consciência. A partir do ocular da libertação, todos os conteúdos, seja da religião, da política ou quaisquer outros, ganharam uma dimensão nova.<sup>162</sup>

O teólogo Leonardo Boff, um dos expoentes da TdL na América Latina, pode ser incluído no movimento, dentro do seu período de crescimento que vai dos anos de 1972 a 1979, com ênfase não só relacionada à ampla produção teológica, mas também na práxis pastoral.

<sup>159</sup> CROATTO, J. S. Êxodo, p. 12.

<sup>160</sup> CROATTO, J. S. Êxodo, p. 12.

<sup>161</sup> CROATTO, J. S. Êxodo, p. 12-13.

<sup>162</sup> BOFF, L. Teologia do cativo e da libertação, p. 13.



Neste sentido, a TdL não ficou restrita à reflexão e produção textual dentro das academias teológicas, pois se compreendia que para haver libertação plena dos oprimidos era preciso ir até eles, dialogando e servindo-os em suas necessidades mais urgentes.

Observou-se mais acima que o “milagre econômico”, rememorado até os dias atuais pelos saudosistas da repressão, foi algo nunca experimentado pelos mais pobres do Brasil ao longo dos governos militares. A pobreza no Brasil sempre existiu, contudo, o abismo social foi maior durante a ditadura brasileira, o “milagre econômico” só atingiu, praticamente, a classe média da população, enquanto os pobres, principalmente os ruralistas, viram seu poder de compra diminuir drasticamente, isso associado a outras graves questões, como moradia, saúde e educação.

No campo, o período da ditadura é marcado por um grande êxodo rural. Ao longo do "milagre econômico", cerca de 10 milhões de pessoas migraram para as cidades. Sem qualificação, a mão de obra barata se concentrou na construção civil e na prestação de serviços. “O 'apartheid urbano' brasileiro acontece nesse período. A população pobre cresce nas periferias sem acesso aos serviços público e aos melhores empregos”, afirmou Pedro Paulo Bastos. Hoje, segundo dados do IBGE, só 16% da população vive no campo. Em termos econômicos, houve uma melhora na renda da população inteira. De acordo com Marcelo Neri, diretor da FGV Social, o bem-estar econômico da população cresceu, mas a falta de investimento na qualificação para o mercado de trabalho foi responsável pelo aumento da desigualdade. “Com o crescimento econômico foi necessária mão de obra qualificada, mas com o baixo investimento em capital humano, ela não estava disponível. Na ditadura, cresceu a distância entre a renda dos mais escolarizados e os mais pobres”.<sup>163</sup>

O “milagre econômico”, exaltado atualmente pelos partidários do retorno dos “anos de chumbo” no país, teve curta duração, o que nem é citado por seus defensores, que não consideram os pobres como pessoas, mas apenas como agentes dos seus interesses econômicos, se puderem retirar deles algum tipo de lucro, como serviços, geralmente os que exigem maior força física, em que a eles, se fosse possível, seria negado as conquistas no campo direitos trabalhistas, como, por exemplo, a árdua batalha entre patroas e suas domésticas, em relação aos direitos trabalhistas dessas. Antes da lei, a relação se assemelhava ao trabalho análogo à escravidão.<sup>164</sup>

<sup>163</sup> <https://exame.com/economia/milagre-economico-e-desigualdade-social-o-contraste-da-ditadura/>  
Acesso em: 20 de jan. 2025.

<sup>164</sup> “Com a aprovação da Lei Complementar nº 150, de 2015, que regulamentou a Emenda Constitucional nº 72, os empregados domésticos passaram a gozar de novos direitos. Alguns desses novos direitos passaram a ser usufruídos logo após a edição da lei, como por exemplo, o adicional noturno, intervalos para descanso e alimentação etc. Outros direitos só passaram a ser usufruídos

Este foi o contexto caótico da sociedade brasileira dos “anos de chumbo”, golpe militar, prisões, torturas, mortes, ocultação de cadáveres, civis desaparecidos, tempos de fome e miséria no campo e nos bolsões urbanos periféricos, e que se alargou com todos aqueles que viram nas cidades um certo potencial de vida mais justa, o “chamado êxodo rural”, em que os nordestinos se uniram aos negros nas favelas das grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, recrudescendo o drama econômico desses grupos, portanto, tornando o sonho de vida na cidade, de uma existência mais digna, virar um pesadelo interminável.

É neste contexto caótico dos governos militares que age a TdL no Brasil, em que a fé, articulada hermeneuticamente nos testemunhos da experiência dos judeus com o sagrado, registrados na Palavra de Deus, alcança os pobres do país dando-lhes esperança, numa prática política libertadora, conscientização revolucionária em tempos de repressão, principalmente depois da promulgação do Ato Institucional nº 5.

O dominicano Tito de Alencar Lima foi ao mesmo tempo um canal de divulgação e prática da Teologia da Libertação no Brasil e vítima daqueles “anos de terror”, que já estavam instaurados quando ocorreu sua primeira prisão, dando início a sua *Via Crúcis*, a jornada que não o levou a cruz, mas ao enforcamento, buscando ele próprio, “as duras penas” se “libertar” de um tormento mental que lhe foi imposto pelas sucessivas sessões de tortura física e psicológica aplicadas no seu corpo, na sua mente, e que deixaram marcas profundas, infelizmente marcas que Tito não pode superar, nem com a ajuda médica recebida quando diagnosticaram a sua grave situação psicológica.

#### **4.3 O 30º Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes) em Ibiúna – SP: o início da *Via Crúcis* de Tito de Alencar Lima**

---

pelos empregados domésticos a partir de outubro de 2015: FGTS, seguro-desemprego, salário família. Dos direitos em vigor, destaca-se: salário mínimo; jornada de trabalho; hora extra; banco de horas; remuneração de horas trabalhadas em viagem a serviço; intervalo para refeição e/ou descanso; adicional noturno; repouso semanal remunerado; feriado civis e religiosos; férias; licença-maternidade; licença-maternidade; vale-transporte; estabilidade em razão da gravidez; FTGS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço Seguro-desemprego; salário-família; aviso prévio; Relação de emprego protegida contra despedida arbitrária ou sem justa causa.”.

<https://www.gov.br/esocial/pt-br/empregador-domestico/orientacoes/direitos-do-trabalhador-domestico>

Acesso em: 23 de jan. 2025.

Enfim, por estes benefícios adquiridos já se pode compreender o porquê da longa “batalha” para impedir estes justos direitos às empregadas domésticas.

O pontapé inicial que abre este subtema da pesquisa, intenciona compreender um pouco da vida e da resistência aos “anos de chumbo” e aos “anos de terror”, impostos pela ditadura militar brasileira, vividos pelo dominicano Tito de Alencar Lima, preso, torturado, adoecido mentalmente, que não resiste as marcas da tortura física e psicológica sofridas e anos depois, opta pela morte voluntária.

Tito é preso dentro do período de terror, que se inicia em 1968, quando a tortura se tornou corriqueira no Brasil, parafraseando o jornalista Elio Gaspari (2002), é o período da “Ditadura escancarada”.<sup>165</sup>

Tito, portanto, é apresentado como personagem da TdL dentro de um momento específico de sua vida, que se inicia com sua prisão quando da ocasião do 30º Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes) no interior do Estado de São Paulo, num sítio na localidade de Ibiúna, em 12 de outubro de 1968.

É na universidade, fora dos muros eclesiais, que os teólogos dominicanos se envolvem na militância política universitária, movimento que se encontrava com grande efervescência naquele ano emblemático de 1968, que mesmo antes da promulgação do AI5, já havia assassinado o estudante “Edson Luís, em 28 de março, no Rio”, em uma manifestação estudantil.

A tortura de presos políticos estava de volta. A *Folha da Tarde* denunciara dez modalidades de suplício. O economista Luciano Coutinho, preso semanas depois pelo DOPS [Departamento de Ordem Política e Social], levou choques para que confessasse a autoria de um documento. José Genuíno, presidente do Diretório Central de Estudantes da Universidade Federal do Ceará, capturado na rodoviária de São Paulo, resumiu sua experiência: “Me espancaram como a um animal”. Vladimir Palmeira, detido na PE [Polícia do I Exército, viu presos ensanguentados sendo levados para suas celas. Praticada pela “meganha” nas delegacias de polícia, eterno foco da violações de direitos humanos de cidadãos humildes, ela reaparecia a serviço do regime, mas distanciada dos quartéis. Vinha na sua forma habitual, primitiva, produto de um sistema policial inepto que até hoje se vale do espancamento dos presos como modo de imposição da autoridade e dos tormentos como instrumento essencial de investigação. No final de agosto São Paulo já fora sobressaltada por 29 bombas.<sup>166</sup>

As manifestações estudantis indicavam que a sociedade brasileira, ao menos nos grandes centros do país, como Rio de Janeiro e São Paulo, que o regime já não contava mais com o apoio da classe média, sua importante aliada no golpe civil militar iniciado em março de 1964. A tortura praticada desde 1964, que embora timidamente já dava seus sinais e que recrudescia descontroladamente em 1968, nas

<sup>165</sup> Título do segundo livro da coleção que o jornalista Elio Gaspari escreveu em torno dos anos dos governos ditatoriais no Brasil, num total de 5 volumes, conforme apresentado na bibliografia.

<sup>166</sup> GASPARI, E. A ditadura envergonhada, p. 313.

masmorras dos quartéis e das delegacias dessas cidades, escapava ao controle do comando e ganhava, quando possível as principais páginas dos jornais, até mesmo daqueles que em um primeiro instante histórico apoiaram o golpe.

Alguns veículos de comunicação então recobram a consciência e começaram a noticiar que no Brasil havia muitos presos políticos sendo torturados constantemente. Parte desse “despertar” jornalístico, foi porque a tortura havia chegado aos filhos da classe média brasileira nos grandes Estados, este sinal foi identificado no trato com que os militares e as PM’s ao seu serviço perseguiam os estudantes em suas manifestações clandestinas.

Aos 23 anos, instalado em São Paulo, Tito de Alencar Lima continuava sua militância no movimento estudantil. Naquele ano de 1968, o frade dominicano era presidente eleito do Diretório Acadêmico do Instituto de Filosofia e Teologia (ITF). Foi com essa credencial que participou do trigésimo congresso da União Nacional dos Estudantes, em Ibiúna, A UNE estava ilegal no país desde o Golpe de 1964.<sup>167</sup>

Segundo as jornalistas Duarte-Plon e Meireles (2014), o ITF, fundado em 1967, era mantido pelas ordens e congregações católicas da cidade de São Paulo. A partir de 1968, a formação dos dominicanos, confinada ao ambiente religioso, ganha abertura, e os frades passam a estudar História, Filosofia e Ciências Sociais, fora do ITF, na Universidade de São Paulo.

É neste aspecto acadêmico, fora dos muros eclesiais, que os teólogos dominicanos se envolvem na militância política universitária, movimento que se encontrava com grande efervescência naquele ano emblemático de 1968, que mesmo antes da promulgação do AI5, já havia assassinado o estudante “Edson Luís, em 28 de março, no Rio”<sup>168</sup>, quando se realizava uma manifestação estudantil.

Devido ao descontrole do governo do general Artur Costa e Silva, que sabia da existência da tortura nos quartéis e nas delegacias do Rio de Janeiro e em São Paulo, apoiando este método de interrogatório, as forças armadas brasileiras caíam em descrédito perante o povo, “os oficiais sentiam-se inibidos de vestir a farda fora dos quartéis. Caíra o número de estudantes do Colégio Militar que decidiam fazer o concurso de ingresso na Academia das Agulhas Negras.”<sup>169</sup>

A classe média brasileira que adquirira um aparelho de TV em seus lares, um artefato de luxo naquele período no Brasil, só acessível aos mais abastados, via além de novelas e partidas de futebol, novas formas de protesto contra a ditadura,

<sup>167</sup> DUARTE-PLON, L.; MEIRELES, C. Um homem torturado, p. 93-94.

<sup>168</sup> DUARTE-PLON, L.; MEIRELES, C. Um homem torturado, p. 93.

<sup>169</sup> GASPARI, E. A ditadura envergonhada, p. 321.

ainda que disfarçados, nos Festivais de Canção à época, mostrando a capacidade intelectual de homens e mulheres, muitos deles pertencentes a classe média brasileira, em suas produções, que revelaram “a mais talentosa geração de compositores que o Brasil já tivera. Tornaram-se a um só tempo festa e instante de refinamento intelectual.”<sup>170</sup>

Na final do festival daquele ano, duas canções se destacaram, “Sabiá” de Antonio Carlos Jobim e Chico Buarque de Hollanda, a vencedora, que “soava bonita, mas estava fora do lugar”<sup>171</sup>. A canção derrotada, esta sim, que inflamava as paixões, a ira e o grito que estava silenciado há anos pelo medo da prisão, da tortura e da morte nos calabouços do regime. “Caminhando” de Geraldo Vandré estava no lugar certo da história.

Musicalmente banal, quase uma guarânia, impressionava pela letra emocional, verdadeiro hino político, poético na sua raiva. Falava de “soldados armados, amados ou não”, prontos, “a morrer pela pátria ou viver sem “razão”. Sua força estava no refrão: *Vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.*<sup>172</sup>

“Sabiá” derrotou “Caminhando”, mas Tom Jobim praticamente não conseguiu tocá-la, diante de uma vai estrondosa que ecoava das bocas de aproximadamente 20 mil pessoas no Maracanãzinho no Rio de Janeiro, enfurecidas pela injusta decisão, óbvia, de tendência política.

“Sabiá”, ainda que composição daquele que se tornou um dos ferrenhos críticos da ditadura, em seu estratagema intelectual musicalizado, Chico Buarque de Hollanda, como na genial “Cálice”, porém naquele momento, a composição em parceria com outro grande nome da MPB (Música Popular Brasileira) no Brasil, Tom Jobim, apresentada no festival, foi, ao menos naquele instante, uma verdadeira “nota fora do tom”.

Este gênero “guaránia”, é originário do Paraguai, e sua criação é creditada ao músico José Asunción Flores, no ano de 1925. O ritmo da guarânia é lento, melódico e dramático. Este ritmo ganhou muitos países da América Latina, sendo propício para as canções que expressavam toda sua crítica contra os abusos ditatoriais ocorridos pelo continente nos governos golpistas.

<sup>170</sup> GASPARI, E. A ditadura envergonhada, p. 321.

<sup>171</sup> GASPARI, E. A ditadura envergonhada, p. 321.

<sup>172</sup> GASPARI, E. A ditadura envergonhada, p. 322. Os itálicos pertencem à fonte citada.

Portanto, os horrores ocorridos no ano de 1968, não foram só comuns dentro do contexto da realidade brasileira, mas por toda América Latina onde se havia governos golpistas ditatoriais.

Havia 50 homens na cela 7 do Presídio Tiradentes, em meio a eles os cristãos rezavam pela manhã os salmos, a tristeza era um sentimento comum nos corações daqueles presos políticos. As poucas informações eram esparsas e inseguras, mas corria à boca miúda entre os presos que o dono do sítio em Ibiúna, onde se realizou o Congresso da UNE em 1968, havia sido preso. Uma prisão que só ocorreu muito tempo depois. Tito foi o responsável à época por alugar o sítio em Ibiúna, pois era amigo do proprietário. O Congresso clandestino da UNE havia ocorrido em 12 de outubro de 1968.

Tito já havia passado pelo horror da tortura em novembro de 1969 dentro do DOPS, com a prisão preventiva decretada foi para o Presídio Tiradentes, prisão decretada por uma instância militar, a 2ª Auditoria de Guerra da 2ª Região Militar, à época o juiz Nelson Guimarães, garantiu a integridade física de Tito, o que nunca aconteceu. Em 1970 é transferido para uma das “sucursais do inferno”, a OBAN, sob comando do Exército, os insultos recebidos, ou seja, as torturas psicológicas que se somaram às físicas, iriam, mesmo posteriormente, liberto e exilado, primeiro no Chile e depois na França, causar marcas profundas na mente deste dominicano.

Tito partiu sobre os nossos protestos: meia centena de presentes tinha o rosto espremido no alambrado estendido entre as grades, o peito ferido pela dor de assistir, impotentes, a um companheiro regressar à OBAN [Operação Bandeirantes], o grito uníssono de “assassinos, assassinos!” entrecortados por expressões confiantes: “coragem, Tito”, firme “companheiro”. A perua manobrou no pátio, ocultando o rosto redondo de Frei Tito, sua cabeça chata de cearense, o corpo baixo e robusto. Indignados, queríamos saber com que autoridade os homens do Exército retiravam do presídio um preso sob custódia Militar.<sup>173</sup>

Os amigos do cárcere já sabiam o que ocorreria com Tito nas masmorras da OBAN, não era segredo que nos quartéis e nas delegacias brasileiras se torturavam presos políticos, só lhes restara desejar “coragem” e “firmeza” ao dominicano cearense.

Em maio de 1970, durante a 11ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), divulga-se um documento denunciando de maneira profética os abusos do regime militar contra os direitos humanos e sociais. Esta mesma Igreja, que em sua hierarquia apoiou o golpe civil militar de 1964, naquele

---

<sup>173</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 258.

momento tomava como sua as dores dos presos políticos e de suas famílias, em nome da liberdade, que se unia às outras práticas desta Igreja no campo social, na luta contra fome e a miséria alarmante daquele período no país, uma marca da TdL.

*"Não podemos admitir as lamentáveis manifestações da violência, traduzidas na forma de assaltos, sequestros, mortes ou quaisquer outras modalidades de terror. [...] Pensamos no exercício da JUSTIÇA, [...] que, sinceramente, cremos estar sendo violentado, com frequência, por processos levados morosa e precariamente, por detenções efetuadas em base a suspeitas ou acusações precipitadas, por inquéritos instaurados e levados adiante por vários meses, em regime de incomunicabilidade das pessoas e em carência, não raro, do fundamental direito de defesa".<sup>174</sup>*

No dia seguinte, o “Bispo rebelde”, D. Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife denunciava em Paris, que o governo ditatorial torturava os seus presos políticos, que a tortura era uma prática corriqueira no país.

No dia seguinte à divulgação do documento, o arcebispo de Olinda e Recife, d. Helder Câmara, mundialmente conhecido e candidato ao Prêmio Nobel da Paz, denunciaria as torturas em Paris para uma plateia de dez mil pessoas. Ao regressar ao Brasil, tornou-se alvo de feroz campanha de desmoralização junto à opinião pública. Os jornais foram proibidos de entrevistá-lo e até de mencionar seu nome. A firme posição de destacados bispos, arcebispos e cardeais – como d. Paulo Evaristo Arns e d. Aloísio Lorscheider, além de d. Helder – abriu um contencioso entre a ditadura e a hierarquia católica no Brasil.<sup>175</sup>

Ao chegar na OBAN, Tito foi imediatamente para sala de interrogatórios, conduzido pelo capitão Maurício e outras duas pessoas. O interrogatório girava em torno do congresso da UNE de 1968, os algozes de Tito desejavam esclarecimentos, nomes etc. O que Tito jamais revelou, nunca traiu os seus amigos militantes, nem sob as constantes sessões de torturar que iriam ocorrer.

*Pouco depois, levaram-me para o pau-de-arara. Dependura, nu, com as mãos e pés amarrados, recebi choques elétricos, de pilha seca, nos tendões dos pés e da cabeça. Eram seis os torturadores, comandando pelo capitão Maurício. Davam-me “telefones” [tapas nos ouvidos] e berravam impropérios. Isso durou cerca de uma hora. Descansei quinze minutos ao ser retirado do pau-de-arara. O interrogatório reiniciou. As mesmas perguntas, sob cutiladas e ameaças. Quanto mais eu negava, mais fortes as pancadas. A tortura, alternada de perguntas, prosseguiu até as vinte e duas horas. Ao sair da sala, tinha o corpo marcado por hematomas, o rosto inchado, a cabeça pesada e dolorida. Um soldado carregou-me até a cela de 3 x 2,5 m, cheia de pulgas e baratas. Terrível mau cheiro, sem colchão e cobertor. Dormi de barriga vazia sobre o cimento frio e sujo.<sup>176</sup>*

<sup>174</sup> <https://memorialdademocracia.com.br/card/bispos-se-levantam-contratorturas>

Acesso em: 21 de jan. 2025. O itálico pertence ao próprio site que veiculou a reportagem.

<sup>175</sup> <https://memorialdademocracia.com.br/card/bispos-se-levantam-contratorturas>

Acesso em: 21 de jan. 2025. O itálico pertence ao próprio site que veiculou a reportagem.

<sup>176</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 259. Os itálicos são da obra referenciada.

Parece que Tito encarnou os gritos dos seus amigos de cela do Presídio Tiradentes, quando de lá partiu para sua “*Via Crucis*”, no interrogatório nos calabouços da OBAN, resistiu com uma força inexplicável, ao intelecto humano, as horas sucessivas de tortura, mas havia sido somente o primeiro dia.

Na manhã seguinte, quarta-feira, às oito horas, a rotina do interrogatório, a metodologia dos torturadores neste segundo dia durou até o início da noite, foi quando Tito fez a primeira refeição, arroz, feijão e carne, certamente porque precisava estar minimamente forte para a “*equipe da pesada*”<sup>177</sup>, que viria ao terceiro dia, anunciada assim pelo capitão Homero. Nesta noite, ao retornar para a cela, um outro preso ofereceu para Tito água e um cobertor.

A “*equipe da pesada*”, anunciada no dia anterior pelo capitão Homero, surgiu logo na manhã de quinta-feira, no mesmo horário do interrogatório do dia anterior, a mesma metodologia, mas com instrumento diferentes, já que Tito se recusava a dar qualquer informação.

*[...] Sentaram-me na cadeira-do-dragão, com chapas metálicas e fios, descarregaram choques nas mãos, nos pés, nos ouvidos e na cabeça. Dois fios foram amarrados em minhas mãos e na orelha esquerda. A cada descarga eu estremecia todo, como se o organismo fosse se decompor. Da sessão de choque passamos para o pau-de-arara. Mais choques, pauladas no peito e nas pernas, que cada vez mais se curvavam para aliviar a dor. Uma hora depois, com o corpo todo ferido e sangrando, desmaiei. Fui desamarrado e reanimado. Conduziram-me a outra sala, dizendo que passariam a descarga elétrica para 220 volts, a fim de que eu falasse “antes de morrer”. Não chegaram a fazê-lo. Voltamos às perguntas, bateram em minhas mãos com palmatórias. As mãos ficaram roxas e inchadas, a ponto de não poder fechá-las. Novas pauladas. Era impossível saber qual parte do corpo doía mais; tudo parecia massacrado. Mesmo que quisesse não poderia responder às perguntas: o raciocínio não se ordenava mais, restava apenas o desejo de perder novamente os sentidos. Isso durou até as dez da manhã, quando chegou o capitão Albernaz.*<sup>178</sup>

A chegada do capitão Albernaz resultou em novas ameaças, dizendo que o assunto entre ele e Tito era especial, dizia isso enquanto ligava os fios elétricos ao corpo de Tito. “*Quando venho para OBAN, deixo o meu coração em casa. Tenho verdadeiro horror a padre e, para matar terrorista, nada me impede. Guerra é guerra, ou se mata ou se morre*”.<sup>179</sup>

<sup>177</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 260. Os itálicos são da obra referenciada.

<sup>178</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 260-261. Os itálicos são da obra referenciada.

<sup>179</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 260-261. Os itálicos são da obra referenciada.



Albernaz disse a Tito que daria o mesmo tratamento dado a outros dois amigos dele, citou os nomes deles, “*choques o dia todo. Todo ‘não’ que você disser, maior a descarga elétrica que vai receber.*”<sup>180</sup>

Tito permaneceu firme, não entregando os nomes de seus companheiros, em determinado momento recebeu uma descarga elétrica fortíssima, diretamente da tomada, que descontrolou suas funções fisiológicas, ainda assim continuou a receber choques por quarenta minutos. A isso se juntavam as ofensas morais aos clérigos: “*Quantos padres possuem amantes?*” “*Por que a Igreja não expulsou vocês?*” “*Quem são os outros padres terroristas?*”<sup>181</sup>

Diante das respostas negativas todo o processo torturador se repetia, choques, socos, pontapés, pauladas nas costas.

*Revestidos de paramentos litúrgicos, os policiais fizeram-me abrir a boca “para receber a hóstia sagrada”. Introduziram um fio elétrico. Fiquei com a boca toda inchada, sem poder falar direito. Gritavam difamações contra a Igreja e berravam que os padres são homossexuais porque não se casam. Às 14 horas, encerraram a sessão. Carregado, voltei à cela, e fiquei estirado no chão.*<sup>182</sup>

Às 18 horas daquele dia Tito recebeu um jantar, mas não conseguia comer, as feridas causadas pela “hóstia sagrada” dada pela equipe do capitão Albernaz o impossibilitava de sequer abrir sua boca, que se tornara uma ferida só. Pouco depois a mesma equipe do capitão Albernaz retornava para concluir os “trabalhos” daquele dia. Como Tito mantinha sua postura, mesmo em frangalhos, moído pelas sucessivas horas de tortura, o que em momento algum aliviou a bestialidade dos seus algozes, estes chegaram a suspeitar que a resistência de Tito só poderia indicar que era um guerrilheiro treinado e, portanto, guardando também segredos preciosos sobre os “aparelhos da resistência”.

Mediante tais conclusões, recebeu mais sessões de tortura por impressionantes cinco horas, choques, socos, pontapés nas genitais e no estômago, por fim, nas palavras do próprio Tito,

*fizeram-me passar pelo “corredor polonês”. Avisaram que aquilo era a estreia do que iria ocorrer com os outros dominicanos. Quiseram deixar-me dependurando oda a noite no pau-de-arara. Mas o capitão Albernaz objetou: “Não é preciso, vamos ficar aqui com ele mais dias. Se não falar, será quebrado por dentro, pois sabemos fazer as coisas sem deixar marcas visíveis. Se sobreviver, jamais esquecerá o preço da valentia.”*<sup>183</sup>

<sup>180</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 260. Os itálicos são da obra referenciada.

<sup>181</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 261. Os itálicos são da obra referenciada.

<sup>182</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 262. Os itálicos são da obra referenciada.

<sup>183</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 263. Os itálicos são da obra referenciada.

Estas palavras do sádico Albernaz, que comandava a “sucursal do inferno”, foram emblemáticas para o restante da vida de Tito de Alencar Lima, que sobreviveu aquela noite e a muitas outras antes do seu suicídio na França em 1974. Albernaz, um dos seus algozes estava certo, pois sabia o que a tortura produzia naqueles que passavam pelas sessões administradas por ele na OBAN, ainda mais Tito, que ele reconhecia como um valente, certamente ele mesmo, não aguentaria as sessões de tortura pelas quais Tito passou, por horas seguidas e em dias sucessivos. Tito, inclusive sobreviveu a sua primeira tentativa de suicídio, que seria, como foi mais à frente em sua vida, uma morte digna e honrosa.

*Na cela, eu não conseguia dormir. A dor crescia a cada momento. Sentia a cabeça dez vezes maior que o corpo. Angustiava-me a possibilidade de os outros religiosos sofrerem o mesmo. Era preciso pôr um fim àquilo. Sentia que não iria aguentar mais o sofrimento prolongado. Só havia uma solução: matar-me.*<sup>184</sup>

A fim de evitar que os seus irmãos passassem pela mesma *Via Crúcis*, quando estivessem nas mãos do torturador Albernaz e sua equipe, Tito, sem imaginar no martírio, pensava na proteção dos seus irmãos. Na cela havia uma lata vazia, Tito então começa a afiá-la, o preso ao lado pede para ele se acalmar, pois já imaginava o que viria, mas seu pedido foi em vão. Este preso, segundo o próprio Tito, havia sofrido mais do que ele, pois teve os seus testículos esmagados, ainda assim não havia, ainda, chegado ao desespero. Era o ex-cabo Mariani do Exército, que não apoiou os seus comandantes no golpe civil militar de 1964.

Cassado e caçado, abrigou-se na clandestinidade [...] foi preso nos primeiros dias de 1970, próximo a Teófilo Otoni. Transportando para o DOPS de Belo Horizonte ingeriu velha cápsula de cianureto que trazia consigo. O veneno queimou-lhe as vísceras, corroeu-lhe os intestinos e, da morte, só provou o sabor amargo. Trazido para São Paulo e entregue ao Exército, recebeu “tratamento exemplar”.<sup>185</sup>

Tito, foi avisado na sexta-feira, que os agentes da morte, a equipe do sádico Albernaz, estava no limite, avisaram a Tito que ele dispunha de dois dias para falar, senão morreria aos pouquinhos. Tito retornou a cela com seus pensamentos suicidas, o pulso já estava marcado, retiram-no da cela e fizeram sua barba, se alguém desejasse vê-lo, por parte da justiça? Era preciso estar com boa aparência. O que chega a lembrar os judeus nos campos de concentração nazistas espalhados pela Europa, quando os servos do Reich produziram imagens dos judeus, “corados

<sup>184</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 263. Os itálicos são da obra referenciada.

<sup>185</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 264.

com seu próprio sangue”, a fim de mostrar ao mundo que o holocausto não estava em curso, que os judeus viviam bem nos campos da morte.

*Passou um soldado. Pedi que me emprestasse a gilete para terminar a barba. O português dormia. Tomei a gilete e enfiei-a com força na dobra interna do cotovelo, no braço esquerdo. O corte fundo atingiu a artéria. O jato de sangue manchou o chão da cela. Aproxime-me da privada, apertei o braço para que o sangue jorrasse mais depressa.*<sup>186</sup>

Tito acordou mais tarde no Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas. No mesmo dia foi transferido para o Hospital do Exército. O capitão Maurício, aquele que o buscou no Presídio Tiradentes, dizendo que o levaria para conhecer a “sucursal do inferno”, o que era verdade, andava em desespero pelo hospital, pedindo aos médicos militares que salvassem Tito a qualquer custo. “Doutor, este padre não pode morrer de jeito nenhum. Temos que fazer tudo, senão estamos perdidos.”. No meu quarto, a OBAN deixou seis soldados de guarda.”.<sup>187</sup>

A tentativa de suicídio de Tito fracassou, ele sobreviveu e ainda conseguiu “salvar” os seus amigos dominicanos que não tivessem o mesmo “tratamento” que recebeu na OBAN, contudo, no sábado, iniciava-se um novo tipo de terror, o psicológico. A ideia era tornar Tito um louco, responsabilizando-o pelo ato e afirmando às condenações que a Igreja faria contra ele, um padre suicida e terrorista, mas, ao menos ali, Tito sabia que suas intenções era para que apresentasse um descontrole mental, a fim de que pudessem escapar de uma futura possível condenação. Isso não ocorreu, mas Tito lembrava nomes, fisionomias, as palavras ditas que estavam bem vivas em sua memória, quando liberto, foi para o exílio carregando todas as imagens do horror que passou na OBAN e, suas palavras ganhariam o mundo, denúncias que ele começaria ali mesmo no hospital.

*- De fato, fui bem tratado pelos militares do Hospital Militar, exceto os da OBAN, que montavam guarda em meu quarto. As irmãs vincentinas deram-me toda a assistência necessária. Mas não se cumpriu a promessa do juiz. Na sexta-feira, 27 de fevereiro de 1970, fui levado de manhã para OBAN. Fiquei numa cela até o fim da tarde, sem comer. Sentia-me tonto e fraco, havia perdido muito sangue, e os ferimentos começavam a cicatrizar. À noite, entregaram-me de volta ao presídio Tiradentes.*<sup>188</sup>

Tito retornou para o Presídio Tiradentes, dez dias após ter sido levado pelo capitão Maurício à OBAN, a “sucursal do inferno”. Na maior parte desses dez dias, Tito viu satanás, - o capitão Maurício que o levou para conhecer a “sucursal do

<sup>186</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 265. Os itálicos são da obra referenciada.

<sup>187</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 265. Os itálicos são da obra referenciada.

<sup>188</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 267. Os itálicos são da obra referenciada.

inferno” -, portanto, a “sucursal do inferno”, personificada nas equipes comandadas pelos capitães: Maurício, Homero e Albernaz. A metodologia das equipes de tortura na OBAN, parecem indicar fases de um jogo a fim de que o corpo humano pudesse, quem sabe, resistir a elas. Por assim dizer, havia níveis e graus de dificuldade, como num jogo em que o que estava literalmente em risco, era a vida dos presos políticos. Tito resistiu, não sem sequelas profundas, após todas as fases superadas.

Quem resistisse ao nível mais “leve” a equipe do capitão Maurício, se é que isso é possível em se tratando de tortura, passaria ao nível “médio”, nas mãos do capitão Homero e, por fim, caso não “abrisse o bico” ou não morresse, seria entregue a última fase do jogo, ao nível mais duro (hard), representado pela equipe do capitão Albernaz, ninguém poderia resistir ao último nível, pois, como foi dito para Tito, esta equipe o mataria aos pouquinhos. Tito só sobrevive porque, ironicamente, buscou ele próprio acabar com toda aquela dor física e mental, a fim de salvar os seus companheiros, dando cabo da própria vida.

Recebido com festa no retorno ao Presídio Tiradentes, mas com as evidentes marcas das torturas pelo corpo. Tito só ganharia a liberdade por ocasião do sequestro do embaixador suíço, Giovanni Enrico Bücher, no Rio de Janeiro, articulação comandada pela VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), ocorrido em dezembro de 1970. A lista exigências pela vida do embaixador continha 70 nomes de presos políticos, entre eles Tito de Alencar Lima. Em 11 de janeiro de 1971, Tito deixa o Presídio de Tiradentes. “Ordenaram a Tito que tirasse a roupa. Nu, foi fotografado de todos os ângulos. Ao preencher a ficha, indagaram a que organização política ele pertencia: - À Igreja – respondeu ele.”.<sup>189</sup>

Tito vai para o seu primeiro país como exilado político, o Chile, contudo não era o desejo de Tito estar lá, ainda que pudesse naquele tempo ter notícias mais rápida do que ocorria no Brasil. Então parte para Roma, tentando ocupação no Colégio Pio Brasileiro, que segundo Frei Betto (2001), era local de formação da elite da elite do clero católico. “A fama de “terrorista” do dominicano assustou os padres do Pio Brasileiro. Tito, partiu então, para Paris.”.<sup>190</sup>

Em Paris conviveu com um grupo de amigos, até junho de 1973, no convento de Saint Jacques, neste convento, “em cuja entrada, à Rue des Tanneries, há a placa

<sup>189</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 272.

<sup>190</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 274.

que recorda sua invasão pelos nazistas, em 1943, e o martírio de dois dominicanos levados pela Gestapo. Prosseguiu ali seus estudos de teologia.”.<sup>191</sup>

É neste período, em que Tito aparentemente se encontra tranquilo e feliz, em seus estudos de teologia, criando os seus poemas, que surgem os primeiros sintomas da tortura que sofreu, dos efeitos sintomáticos prometidos pelo capitão Albernaz, “Se não falar, será quebrado por dentro, pois sabemos fazer as coisas sem deixar marcas visíveis. Se sobreviver, jamais esquecerá o preço da valentia.”.<sup>192</sup>

A maldição proferida pelo capitão Albernaz estava se cumprindo. A mente humana é realmente um enorme mistério. Mesmo realizando tratamento psiquiátrico, a esquizofrenia de Tito se mostrava mais forte, mais emblemático ainda, é que Tito em seu desespero acreditava ver em Paris, constantemente, a figura de um velho conhecido do período de terror ditatorial no Brasil. Entretanto, não um militar, mas um civil, o delegado torturador da Polícia Civil, Sérgio Paranhos Fleury.

Os algozes de Tito foram os capitães do Exército Brasileiro, Maurício, Homero e Albernaz e suas equipes, mas não há menção de que suas torturas tivessem a participação do delegado Fleury, embora ele fosse conhecido por seus abusos, prisões e torturas, um verdadeiro “cão” civil que operava junto ao Exército Brasileiro. Tito escrevia regularmente para os seus parentes e amigos no Brasil, em carta endereçada a um conterrâneo seu, o cearense Daniel Ulhôa, Tito registrou as seguintes palavras.

Apesar de ainda angustiado, estou cheio de esperança. Nem um só momento de minha vida lamentei o que fiz. Estou asilado, banido e longe de minha pátria, mas estou firme e disposto a continuar a lutar, embora minha resistência psicológica tenha se reduzido bastante após os 14 meses de prisão. Iniciarei uma psicoterapia para ver se a recupero o mais rápido possível. Meu provincial já respondeu favoravelmente ao meu pedido. Aguardo um lugar, pois, no momento, estão todos lotados (Ilenos). Estou estudando firme a teologia. Nas horas vagas, aproveito o tempo para ler os clássicos do marxismo. Esta tarefa parece-me de extrema urgência, tendo em vista a forte influência que ele exerce nos países subdesenvolvidos, particularmente na América Latina.<sup>193</sup>

Mesmo não negando sua necessidade urgente de tratamento, fazendo-o, ocupando sua mente com a teologia, com as músicas de Milton Nascimento, Gilberto Gil, dedilhando o violão que ficava abraçado por horas ao seu corpo, tudo

<sup>191</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 259.

<sup>192</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 263.

<sup>193</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 276.

parecia não surtir resultado algum. Em junho de 1973, Tito desejou se transferir para um convento em uma localidade mais tranquila, em Lyon. O convento de Eveux abriu suas portas para ele, local em que fez novas amizades, inclusive com o “dr. Jean-Claude Rolland, psiquiatra do hospital Edouard Herriot, de Lyon.”.<sup>194</sup>

Além de tentar superar os velhos medos, os sádicos torturadores da OBAN, que se tornaram fantasma que constantemente viam assombrar sua mente, as notícias da América Latina não eram nada reconfortantes. No Chile, a esperança do socialismo na América Latina, em meados de setembro, o presidente Salvador Allende foi assassinado, um golpe de Estado que colocaria o Chile nos rumos ditatoriais sob o comando do ditador Augusto Pinochet.

Tito, no quarto que lhe foi cedido no convento de L’Arbresle, enfrentava os seus demônios internos, sozinho, naquele pequeno espaço que foi interpretado por ele como uma sala de interrogatórios e torturas por ele sofridas. O seu algoz, o chefe do Esquadrão da Morte, o delegado Sérgio Paranhos Fleury, lhe interrogava com sua voz rouca, ameaçando matar sua família, Tito tinha na mente a cena das torturas de seus familiares, seu quarto havia se tornado o calabouço do DOPS.

Frei Tito estremecia aos gritos do pai espancado no DOPS, gemia aos berros da mãe dependurada no pau-de-arara, arrepia-se de pavor aos espasmos de seus irmãos eletrocutados, contorcia-se com calafrios ao ver as irmãs despidas pelos homens do Esquadrão.<sup>195</sup>

Tito, adoecido gravemente em seu estado mental, transferiu todas as sessões de tortura pelas quais passou, junto as equipes dos capitães Maurício, Homero e Albernaz, idealizando-as em direção aos seus familiares, tendo como coordenador das sessões de tortura, o delegado Fleury.

Seu desespero a cada dia se tornava maior, para ele, Fleury estava ali, ao seu lado, ameaçando, lhe tirando a paz e a liberdade que procurou encontrar na França. Em certo dia, após o jantar, Tito e seus amigos saíram para caminhar pelo jardim do convento, contudo, uma forte chuva os obrigou a retornar, todos correram, menos Tito, que continuava sua caminhada indiferente ao temporal. Foram lhe buscar e questionaram por que não retornou ao abrigo com eles, Tito respondeu que o Fleury não permitia que ele entrasse. Tito ficou um dia e meio sentado sob uma árvore, crendo que o Fleury o impedia de entrar. Acreditava que ele viria prendê-lo a qualquer instante.

---

<sup>194</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 277.

<sup>195</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 278.

Tito estava sob os efeitos dos medicamentos, mas a voz de Fleury ecoava mais forte em sua mente, deixando claro que ele era indigno de estar ali naquele lugar sagrado junto aos outros dominicanos. Mesmo internado após este episódio, Tito ainda continuava com suas graves ilusões, achava que ia ser fuzilado, não se alimentava, esmagado por um enorme sentimento de culpa. A internação surtiu efeito, o dr. Holland e sua equipe o acompanhavam regularmente, até o ponto em que não viram mais a necessidade do seu tratamento quimioterápico, o delírio cessou, mas a angústia e a tristeza permaneceram.

Após três semanas de internação, Tito retornou ao convento, mas já não falava tanto, nem escrevia mais, desejava ficar só, preocupado em se proteger. Seria melhor ter ficado no hospital, embora a equipe médica o visitasse regularmente, durante o inverno, Tito retornou ao hospital.

No Natal de 1973, sua irmã Nildes foi visitá-lo, mas sua chegada não trouxe alívio para Tito, somente mais desespero. Tito se recusava a falar com ela, alertando-a, pediu para que não lhe dirigisse a palavra durante o dia, pois o Fleury estava por ali, vigiando-os.

Aos poucos, Nildes conseguiu que o irmão se aproximasse um pouco mais dela. Decidiram ir juntos aos dr. Rolland, com quem conversaram abertamente sobre o caso. Ao despedir-se de Tito, no momento de iniciar viagem de retorno ao Brasil, Nildes pressentiu que era a última vez que via o seu irmão vivo. Ao desembarcar em Fortaleza, ela não escondeu da família suas impressões: Tito já está morto. O psiquiatra acha que ele se recomporá. Eu tenho minhas dúvidas.<sup>196</sup>

Infelizmente, Nildes estava certa em sua previsão, ainda que o pior não viesse a acontecer no fim daquele ano, mas quase um ano depois, realmente foi a última visita dela ao irmão amado, indefesa, não havia mais o que fazer para recuperar a saúde mental do seu irmão, Tito estava nas mãos dos médicos que o acompanhavam, dos amigos que fizera no convento e, por fim, nas mãos de Deus.

Em 10 de agosto de 1974, Tito resolveu apressar o seu encontro com o Pai, a fim de encontrar a paz que não conseguiu ter após as sucessivas sessões de tortura pelas quais passou na OBAN, por horas seguidas naqueles dez dias que esteve na “sucursal do inferno”, nas mãos das equipes do Exército Brasileiro chefiadas pelos capitães: Maurício, Homero e Albernaz.

Tito, em sua derradeira tentativa de sobrevivência, que se tornou o estágio final de sua *Via Crúcis*, com a cruz da tortura que carregava desde 1969 no Brasil,

---

<sup>196</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 281.

conseguiu emprego de horticultor em Villefranche-sur-Saône, vaga adquirida numa agência de empregos, lá, “alugou um pequeno quarto numa pensão para imigrantes, Foyer Sonacrota, cujas despesas pagava com o seu salário. Instalou-se com alguns utensílios de cozinha e poucas provisões, mostrando-se feliz em sua independência.”<sup>197</sup>

Contudo, os sintomas da depressão nem sempre deixam definitivamente uma vida marcada pela cruel e covarde tortura. Bestializa-se o torturador em sua prática, que após sucessivas sessões infligidas aos mais fracos que ali estão em seus calabouços, acaba por tomar como natural o hediondo crime que comete. A vítima indefesa, caso consiga sobreviver às sessões de tortura pelas quais passou, carrega profundas marcas na carne e em sua psiquê, por vezes irreparáveis.

Assim foi com Tito de Alencar Lima, com raros momentos de alegria e muitos de tristeza, medo, ansiedade e depressão, na *Via Crucis* inaugurada em sua vida após as sessões de tortura que forma infligidas a ele. Por vezes feliz, mas solitário, longe de sua pátria amada, longe de sua família e dos amigos que ainda resistiam sem ele aos “anos de terror”, iniciados desde 1968.

O patrão francês não compreendia as alterações de humor de Tito, achava-o indolente, ora ria, ora chorava, por fim, afasta-o do emprego.

Antes de partir para as férias de verão, Xavier foi visitá-lo. Tito estava triste, falava pouco, mas parecia lúcido: - Sabe Xavier, a loucura está me dominando. O amigo francês sabia que era verdade. Mas, agora, a verdade aparecia materializada, concreta, iminente: sobre o guarda-roupa havia uma corda. Xavier tentou levá-la, mas Tito alegou que ela pertencia ao patrão. Na segunda semana de agosto, Roland Ducret dirigiu-se ao pequeno quarto de Tito, na zona rural: bateu, bateu, ninguém respondeu. Um estranho silêncio pairava sob o céu azul do verão francês, envolvendo folhas, vento, flores e pássaros. Nada se movia. Balançando entre o céu e a terra, sob a copa de um álamo, o corpo de Frei Tito de Alencar Lima foi descoberto no sábado, 10 de agosto de 1974. Do outro lado da vida ele encontrou a unidade perdida. Dois meses antes, Tito anotara num cartão que marcava um de seus livros: é melhor morrer do que perder a vida. Seu mergulho na morte foi uma deliberada atitude de quem buscou desesperadamente, a vida em plenitude, lá onde ela se situa além de nossos limites físicos, biológicos e históricos. Suas exéquias foram solenemente celebradas na França e no Brasil. Na fria e luminosa manhã de domingo, 10 de novembro de 1980, Osvaldo Rezende e eu depositamos flores sobre o repouso de Frei Tito, no cemitério dominicano de Sainte Marie de la Tourette, sem tumbas nem túmulos. Simples covas de terra com pequenas cruzeiras de madeira, entre os bosques de L'Abresle. Na cruz que coube a Tito há esta inscrição:

*Frei da Província do Brasil. Encarcerado, torturado, banido, atormentado... até a morte, por ter proclamado o Evangelho, lutando pela libertação de seus irmãos.  
Tito descansa nesta terra estrangeira.*

---

<sup>197</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 284.



*“Digo-vos que, se os discípulos se calarem, as próprias pedras clamarão” (Lucas 19,40).*<sup>198</sup>

Dez anos após a morte de Tito, houve uma celebração litúrgica na Catedral da Sé, o cardeal arcebispo de São Paulo, na ocasião, Paulo Evaristo Arns (1921-2016), afirmava enfaticamente que, “Frei Tito não se matou, mas buscou do outro lado da vida a unidade perdida deste lado.”.<sup>199</sup>

---

<sup>198</sup> BETTO, F. Batismo de sangue, p. 289. Os itálicos são da obra referenciada.

<sup>199</sup> <https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-50-anos-morria-frei-tito-considerado-m%C3%A1rtir-da-ditadura/a-69901731>

Acesso em: 21 de jan. 2025. Esta celebração litúrgica foi por ocasião da chegada ao Brasil dos restos mortais de Tito, em 1983.

## 5. Conclusão

Esta pesquisa buscou tratar dos dramas existenciais, comuns a todo humano ao longo de sua história de vida, envolvidos em seus contextos culturais. Não há quem possa viver integralmente no mundo longe de situações que trazem tristeza, ansiedade, depressão e, nos casos mais radicais, a morte voluntária.

Ser ou não ser? Conforme apresenta Minois em determinado momento de sua obra, é uma difícil decisão e que aqui nesta pesquisa foi apresentada uma tentativa de reflexão, em que esta decisão está atrelada diretamente a existência humana no mundo, em sociedade.

Neste sentido, é o seu contexto de vida, moldado por sua cultura que define todos os seus atos em sua vida, inclusive determina sua pertença religiosa e como deve agir quando opta por ser fiel a um segmento religioso.

Soren Aabye Kierkegaard, o filósofo e teólogo protestante dinamarquês, tentou a morte voluntária por algumas vezes, escapou, procurou criar uma fórmula teológica que levasse todo humano, que estivesse em desespero, ao acolhimento de Deus, pela fé, “saltando rumo aos braços do pai”.

Kierkegaard não cometeu suicídio, mas morreu jovem, frustrado, jamais se casou, as crises de relacionamento com seu pai, após algumas revelações deste, com Kierkegaard já na idade adulta, o levaram a um transtorno psicológico constante, que o deixou também impossibilitado de se casar com o grande amor de sua vida, Regina Olsen.

Infelizmente o “salto da fé” de Kierkegaard, que serve como alívio às “dores da alma” de tantos humanos pelo mundo, não foi suficiente para ele em todos os seus momentos de crise, embora fosse, até o fim, um homem de fé.

O católico dominicano, que entrou para história como “Frei” Tito de Alencar Lima, uma justa homenagem a este que amava Jesus e a sua Igreja, que trabalhava para o bem-estar dos pobres do Brasil e da América Latina, teve um fim diferente, trágico, após ser continuamente torturado enquanto esteve nas dependências da OBAN por volta de dez dias, passando por todos os métodos e aparelhos disponíveis de tortura que se encontravam naquele calabouço, mas permaneceu como “ovelha muda”, não delatando seus companheiros de militância libertadora.

O resultado das torturas, como bem disse um dos capitães para Tito, na “sucursal do inferno”, seriam inesquecíveis, e foram, anos depois, Tito gravemente

ferido psicologicamente, assombrado pela imagem do delegado civil, subserviente aos militares, o torturador Sérgio Paranhos Fleury, que “vivia” em sua mente, portanto, tomado pela loucura, como confessou ao seu amigo Xavier, dá cabo ao seu sofrimento, viver para Tito significava um tormento contínuo, o tratamento seguidos à risca na França, infelizmente não surtiu efeito.

As vidas de Soren Kierkegaard e de Tito de Alencar Lima, embora distantes no tempo e nas questões histórico-culturais se unem enquanto exemplos de existências afetados por seus contextos de vida.

Kierkegaard buscou na filosofia e na teologia uma resposta aos seus dramas de vida, o “salto da fé” é o resultado dessa amálgama de saberes, que certamente o impediram de cometer suicídio, que tentou por algumas vezes ao longo de sua vida. Não que tivesse sido curado dessa “tentação” de dar cabo de sua própria vida em meio às dores da “alma”.

Kierkegaard teve que aprender a conviver com as angústias e os desesperos constantes por toda sua história de vida. Sua criação filosófico-teológica o “salto da fé”, é o resultado de um homem desesperado que viu em Deus, a partir de uma vida dedicada à espiritualidade a salvação, tanto de sua alma como de sua finita existência.

Em tempos em que o suicídio ainda era certamente um tabu a ser investigado seriamente, o que somente ocorre definitivamente com a obra expressiva de Durkheim, “O suicídio”, Kierkegaard tenta resolver a angústia que sufoca o ser humano existencialmente através da fé.

A família de Kierkegaard, que estava centralizada na figura paterna e austera do seu pai, o que reflete o contexto sócio religioso do seu tempo, portanto, a forma de Kierkegaard compreender o Deus cristão protestante estava fundamentada principalmente naquilo que o seu pai lhe comunicou a respeito da fé cristã do seu tempo. Um pai que Kierkegaard tinha uma profunda admiração, mesmo após as revelações dele que abalaram existencialmente o jovem filho.

Segundo o que foi analisado a respeito da expressiva obra do sociólogo Émile Durkheim, “O suicídio”, como poderia ser classificado o suicídio do Frei Tito de Alencar Lima?

Durkheim trata de alguns tipos de suicídio dentro das sociedades de maior destaque na Europa do seu tempo. Seu hercúleo trabalho ainda é relevante mesmo após mais de um século de sua publicação, embora tanto a sociologia como a

medicina, por exemplo, tenham avançado significativamente em suas investigações sobre o suicídio.

Após observar parte da caminhada existencial de Tito, como religioso dominicano militante, um apaixonado pela Teologia da Libertação, há uma aproximação de sua morte voluntária, depois de toda tortura sofrida na OBAN, por aquilo que Durkheim chamou de suicídio anômico.

Todo o processo revolucionário dos militantes contra os governos ditatoriais expressavam o lado político-econômico no qual se encontrava o país. Observou-se que o golpe civil militar foi impulsionado pela classe média e outros setores influentes da economia brasileira, como, por exemplo, a imprensa vendida, que muito lucrou com os militares no poder.

O suicídio anômico apresentado por Durkheim se revela na incapacidade do Estado em gerir a ordem político-econômica na sociedade. Incapacidade ou mesmo um propósito, como foi à deposição de um presidente eleito democraticamente, João Goulart, para impor um governo autoritário e assassino que durou por 21 anos, enriquecendo um número significativo de militares de alto escalão, assim como enriquecendo ainda mais uma parte significativa da sociedade civil brasileira, como a já citada imprensa e muitos banqueiros.

Tito foi vítima de um Estado ditatorial brasileiro que impôs suas próprias leis. O AI-05 quando retira os direitos dos cidadãos brasileiros, por exemplo, de se manifestarem politicamente, anula a Constituição e impõe sua forma autoritária de governar o país. Para aqueles que resistiram ou mesmo que fossem suspeitos estavam sujeitos às prisões arbitrárias e as sessões de tortura, como apresentado mais acima nesta pesquisa. Logo, qualquer tipo de protesto legítimo contra a ineficácia dos governos militares, principalmente em relação à pobreza que aumentou significativamente no período, era combatido com a extrema violência.

Tito e seus amigos militantes buscaram ser a voz dos pobres no Brasil, ligados à Teologia da Libertação em sua luta pelos pobres, mas foram esmagados pelos militares do Exército Brasileiro que mancharam de sangue a democracia no Brasil durante os 21 anos de ditadura.

Portanto, Frei Tito de Alencar Lima se aproxima, infelizmente, ao tipo de suicídio anômico apresentado por Durkheim. A aproximação se justifica pela ineficiência de um Estado autoritário em administrar o país economicamente, que

aumentou o fosso social existente desde a colonização junto aos quase 400 anos de escravidão.

O enigmático é que Tito atenta contra sua própria vida somente anos após sofrer as sessões de tortura nas dependências da OBAN. Exilado na França levou consigo seus algozes que agora habitavam sua mente adoecida pelas inúmeras torturas sofridas. A impossibilidade de retornar à sua terra natal, pois asilado na França, é um indicativo que nem sempre é mencionado. Portanto, a mente de Tito estava certamente abalada por muitas questões que somadas lhe traziam uma dor dilacerante em sua alma.

O autoritário Estado brasileiro governado pelos ditadores militares no poder fizeram inúmeras vítimas. Outros tantos cometeram suicídio. Alguns foram forjados pelos algozes da democracia, como na morte do jornalista Vladimir Herzog. O capitão do Exército Maurício, um dos torturadores de Tito, sabia bem o que a tortura poderia fazer ao longo do tempo, deixando marcas que jamais iriam se apagar, no caso de Tito, nem tanto as possíveis marcas da tortura que ficaram em seu corpo, mas as marcas que permaneceram adormecidas em sua mente por anos, mas que ao acordarem foram avassaladoras para sua vida.

Assim como Kierkegaard, é inegável que Tito mesmo premeditando o enforcamento que o levou à morte, foi um homem de fé até o seu último suspiro. Para ele a vida nesta dimensão havia se tornado insuportável, as dores em sua mente dilacerada pela tortura o levaram a apressar o seu encontro com Deus que certamente o recebeu de braços abertos lhe dando o alívio merecido para uma vida na eternidade com Ele.

A Cátedra Carlo Maria Martini, que opera dentro das instalações da PUC-Rio, na data de 28 de agosto de 2024, numa quarta-feira, contou com a presença de um dos amigos de Frei Tito, o professor e sociólogo Ivo Lesbaupin, como conferencista do tema: “O itinerário de Frei Tito de Alencar Lima”.

Na ocasião foi perguntado ao professor Lesbaupin, se Tito havia perdido a fé, já que a Teologia da Libertação havia praticamente fracassado na América Latina, ele havia sido torturado cruelmente e o Chile de Salvador Allende, seu primeiro exílio, sucumbiu com o golpe militar de Augusto Pinochet que assassinou o presidente. O professor Lesbaupin, foi rápido e enfático em dizer que Tito jamais perdeu a fé!

Isto remete mais uma vez a frase do Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Evaristo Arns, na missa celebrada pelos 10 anos da morte de Tito, celebração realizada na Catedral da Sé, em certo momento o Cardeal Arns, proferiu as seguintes palavras: “Frei Tito não se matou, mas buscou do outro lado da vida a unidade perdida deste lado.”.

Estas palavras do Cardeal Arns revelam que a Igreja Católica no Brasil e no mundo avançou em relação ao trato outrora dado pela própria Igreja em relação aos suicidas ao longo de sua história, ou seja, a partir de Tito, ao menos no catolicismo, os suicidas obtêm o perdão de Deus e são acolhidos por ele.

Há milhões ainda hoje que sofrem com a fome e com a miséria, situação que ofende a Deus e causa ansiedade, desespero e depressão. A Teologia da Libertação, dentro deste aspecto, precisa ser urgentemente resgatada, relida para os nossos dias, até mesmo porque os pobres, o motivo de sua existência, ainda estão aos milhões espalhados pelo Brasil e pelo mundo, esperando quem possa resgatá-los.

## 6. Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

**Bíblia Pastoral**. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

**Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

BETTO, Frei. **Batismo de sangue: a luta clandestina contra a ditadura militar – Dossiês Carlos Marighela e Frei Tito**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BORTOLLETO, Fernando (organizador). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira. Assembleias de Deus 1901-2011**. Rio de Janeiro: Novos Diálogo, 2013.

CROATTO, José Severino. **Êxodo: uma hermenêutica da liberdade**. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

DREHER, Martin N. A crise e a renovação da igreja no período da Reforma: Coleção História da Igreja. Vol. 3. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

DUARTE-PLON, Leneide; MEIRELES, Clarice. **Um homem torturado: nos passos de Frei Tito de Alencar**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulus, 2008.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ET AL. **Brasil: nunca mais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOV.BR. **DIREITOS DO TRABALHADOR DOMÉSTICO**

<https://www.gov.br/esocial/pt-br/empregador-domestico/orientacoes/direitos-do-trabalhador-domestico>

Acesso em: 23 de jan. 2024

KIERLEGAARD, Soren. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KIERKEGAARD, Soren. **A doença para morte**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

LESBAUPIN, Ivo. Marxismo e religião. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da Religião: enfoques teóricos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 13-35.

LOBO, Amilcar. **A hora do lobo, a hora do carneiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MESTERS, Carlos. **Seis dias nos porões da humanidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

MINOIS, Georges. **História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NOLAN, Albert. **Jesus antes do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1987.

ROCHA, Alessandro. **Introdução a teologia**. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

STRATHERN, Paul. **Kierkegaard (1813-1855) em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

TESSMANN, Mário Francisco. Pietismo. In: BORTOLLETO, Fernando (organizador). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. São Paulo: ASTE, 2004.

TILLICH, Paul. **Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX**. São Paulo: ASTE, 2004.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2002.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2005.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. **Introdução à sociologia: Marx, Durkheim e Weber, referências fundamentais**. São Paulo: Paulus, 2014.

#### Sites

CÂMARA DOS DEPUTADOS. REGITROS DAS SESSÕES. DIRETAS JÁ – 30 ANOS DO MOVIMENTO.

<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/destaque-de-materias/diretas-ja>.

Acesso em: 07 de jan. 2025.



CÂMARA DOS DEPUTADOS. POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: ELEIÇÃO INDIRETA DE 1985 MARCOU O FIM DA DITADURA MILITAR. <https://www.camara.leg.br/noticias/138335-eleicao-indireta-de-1985-marcou-o-fim-da-ditadura-militar/>  
Acesso em: 19 de jan. 2025.

Desinstitute. Notícias e publicações. Declaração Universal dos Direitos Humanos: como surgiu e o que propõe. [https://desinstitute.org.br/noticias/declaracao-universal-dos-direitos-humanos-como-surgiu-e-o-que-defende/?gad\\_source=1&gclid=Cj0KCQIA-aK8BhCDARIsAL-H9nBkyNi9pDux3QQiv8d1x2n7dCI02ep2OcJhbafnVbEi-hyQZgBwZMaAu1kEALw\\_wcB](https://desinstitute.org.br/noticias/declaracao-universal-dos-direitos-humanos-como-surgiu-e-o-que-defende/?gad_source=1&gclid=Cj0KCQIA-aK8BhCDARIsAL-H9nBkyNi9pDux3QQiv8d1x2n7dCI02ep2OcJhbafnVbEi-hyQZgBwZMaAu1kEALw_wcB)  
Acesso em: 16 de jan. 2025.

DW. História – Brasil. Há 50 anos morria Frei Tito, considerado mártir da ditadura. <https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-50-anos-morria-frei-tito-considerado-m%C3%A1rtir-da-ditadura/a-69901731>  
Acesso em: 21 de jan. 2025.

Fogueiras de livros e lavagem cerebral: quem foi Goebbels, ministro de Hitler parafraseado por secretário de Bolsonaro. BBC NEWS Brasil. 17 de janeiro 2020. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51071094>. Acesso em: 07 de jan. 2025.

Mariana Schreiber, Mariana. Famílias famintas e mães desdentadas: o retrato da miséria na ditadura que ficou 'escondido' nos arquivos do IBGE. BBC NEWS Brasil. 31 de março de 2024. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx0z199k8n3o>. Acesso em: 07 de jan. 2025.

MEMÓRIAS DA DITADURA 09 ANOS. Ernesto Geisel. Biografias da ditadura. <https://memoriasdadtadura.org.br/personagens/ernesto-geisel/>. Acesso em: 07 de jan. 2025.

MEMORIAL da DEMOCRACIA. 1970 – 17-26 de maior. BISPOS CONDENAM OS PORÕES DA TORTURA: CNBB denuncia violações dos direitos humanos; dom Helder fala em Paris. <https://memorialdademocracia.com.br/card/bispos-se-levantam-contratorturas>  
Acesso em: 21 de jan. 2025.

Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. ATO INSTITUCIONAL Nº 5, DE 13 DE DEZEMBRO DE 1968. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-05-68.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm). Acesso em: 07 de jan. 2025.

Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 8.072, DE 25 DE JULHO DE 1990. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8072.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8072.htm)  
Acesso em: 16 de jan. 2025.

Memorial da Ditadura. Queda de Ibiúna: a UNE vai para a cadeia. Memorial da Democracia. 2015-2017.

<https://memorialdademocracia.com.br/card/queda-de-ibiuna-a-une-vai-para-a-cadeia>. Acesso em: 07 de jan. 2025.

Revista Exame. Economia. Isabela Rovaroto. “Milagre econômico” e desigualdade social: o contraste da ditadura. Publicado em 31 de março de 2019. Acesso em: 20 de jan. 2025.